



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

BRUNA ROSSETTI MENDONÇA

*Agitadoras Callejeras:*

*Alianças autônomas e as palavras em movimento das*

*Mujeres Creando*

CAMPINAS  
2018

BRUNA ROSSETTI MENDONÇA

*Agitadoras Callejeras:*

*Alianças autônomas e as palavras em movimento das*

*Mujeres Creando*

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas para avaliação da Banca Examinadora como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Antropologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Nádia Farage

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À  
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO  
DEFENDIDA PELA ALUNA BRUNA  
ROSSETTI MENDONÇA, E ORIENTADA  
PELA PROFA. DRA. NÁDIA FARAGE.

CAMPINAS  
2018

**Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s):** CAPES, .  
**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-0674-476X>

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Paulo Roberto de Oliveira - CRB 8/6272

M523a Mendonça, Bruna Rossetti, 1990-  
Agitadoras *Callejeras* : alianças autônomas e as palavras em movimento das Mujeres Creando / Bruna Rossetti Mendonça. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Nádia Farage.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Movimentos Sociais. 2. Feminismo. 3. Trajetórias de vida. 4. Anarquismo - América Latina. I. Farage, Nádia, 1959-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Agitadoras *Callejeras*: autonomous alliances and words in movement of Mujeres Creando

**Palavras-chave em inglês:**

Social Movements

Feminism

Life Trajectories

Anarchism - Latin America

**Área de concentração:** Antropologia Social

**Titulação:** Mestra em Antropologia Social

**Banca examinadora:**

Nádia Farage [Orientador]

Natália Corazza Padovani

Paulo José Brando Santilli

**Data de defesa:** 28-09-2018

**Programa de Pós-Graduação:** Antropologia Social



**Universidade Estadual de Campinas**  
**Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 28/09/2018, considerou a candidata Bruna Rossetti Mendonça aprovada.

Prof(a) Dr(a) Nádia Farage.

Prof(a) Dr(a) Natália Corazza Padovani

Prof(a) Dr(a) Paulo José Brando Santilli

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.



Às loucas

e todas as outras.

## **Agradecimentos**

O agradecimento, não à toa, vem logo no início. A contribuição das pessoas ao nosso redor, sem dúvida, é o que torna a composição possível. Por isso, obrigada Nádia Farage pela acolhida que possibilitou todo esse projeto. Queridos professores Omar Ribeiro Thomaz, Paulo José Brando Santilli e Natália Corazza Padovani, sou grata pela leitura generosa e pelos rituais de passagem juntos. Aos companheiros de universidade que viram esse trabalho brotar, com os quais cruzei caminhos, e que o fizeram mais desafiante ou mais leve, sejam eles funcionários, estudantes ou visitantes. Aos professores, que ao longo da formação, me ajudaram a ver outras perspectivas e me perguntar mais, dentre eles a querida Amnéris Maroni, presencialmente, e a Silvia R. Cusicanqui por meio dos livros e palestras que me encheram de coragem. Sou grata à Bruna Busnardi, que apareceu em um momento crucial e ajudou gentilmente na revisão deste trabalho. E não posso deixar de dizer que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Lembrar-me de cada um que me deu uma mãozinha é prazeroso, porque faz reviver a trajetória e não deixa esquecer que, acima de tudo, não estamos sozinhos. Foi um grande aprendizado lidar com a parte que falta, ou pelo menos, com aquela que sempre achamos que falta. No entanto, muito está presente da forma como é possível estar. Sei que muitos dos colegas pesquisadores saberão do que falo.

Este texto viveu paradas bruscas e vômitos intensos, e sobreviveu. Foi discutido após a greve graças à generosidade dos colegas de curso. Foi gestado e embalado em cada encontro. Analu, guardo com carinho aquele pedacinho de chão que tanto me acolheu e sua magia curandeira, mulé porreta! Maíra Vale, nós sabemos o quanto você me ajudou e por isso sou muito grata. Sem seu abraço apertado, sua prosa gingada e sua amizade viajante, nada seria possível. Ainda bem que não se pagam mais ligações telefônicas como antigamente, mas valeria a pena pra ouvir sua voz, querida. Às lindas Isabel Periquito, desenhadora de movimentos, Claudia Miúda, cumpanheira de Evidências, Márcia Nóbrega, correnteza de alegrias, Maite Yie, dançarina de mundos, Kenia Herrera, guerreira amorosa, a quem eu agradeço pela linda e necessária experiência coletiva que foram nossos encontros naqueles anos em Barão Geraldo. Ao pessoal da Frente Pró-Cotas, ainda que eu os tenha conhecido já na caminhada, por um dos aprendizados mais significativos que tive. E mais, a cada um de vocês obrigada pelo afeto, pela solidariedade e força na luta. Ao Rafael Nascimento, por me apoiar insistentemente, como

poucos podem fazer, sacudir amorosamente e, simplesmente, por ser aquele que me escreve cartas de além-mar.

Agradeço, também, aos demais companheiros de pós-graduação com os quais convivi, ainda que seja por um breve momento de escuta ou de trocas que sempre fazem a diferença. Maisa Fidalgo, não esqueço de uma conversa sobre o texto que tivemos a distância, obrigada. Jude Levai, sempre bom conversar com você na paz. Diego Amoedo e Sariza Caetano, obrigada pelo apoio e alegria que trazem ao grupo. Igã, Rodrigo, Raulzito, Petras, Amanda, Cil, Sarah, Fabio, Ju, Jão. Lígia, Lucas e Rafaela pela vivência junto à Comunidade Ananda Kiirtana. Enfim, a todos os parceiros que encontrei nas andanças por aí.

O que seria da minha experiência em campo sem poder me comunicar? Sou grata à Isabel, por mi primer contacto con las *palabras*. A los profes de la escuela y también de la calle chilena, en especial, al Fabian y al Diego, quienes llenaron de vida mi voz latina. Al Luciano por llevarme a la aventura y presentarme a la Brendita. Brenda, gracias por regalarme una amable familia chilena y una amistad y querer sin fronteras. Al Cristián y su familia, también, por el cariño y la acogida que me nutrieron.

Desde pequenas nos acompanhamos, e crescendo juntas cultivamos uma amizade que é linda na semelhança e nas diferenças, por isso muito obrigada à Nadia e Jasmim, minhas raízes floridas. Ao Raphael Silveiras e a Patrícia Lopes, pela amizade sem amarras e que sustenta, por aguentar o “Trocadilo” de mãos dadas e continuar revelando mundos. Ao Bruno Frausto, pela filosofia dos cavaquinhos, dos tragos e da resistência sem “prevaleção”. Aos meus outros companheiros de moradia, Letícia, Danilo e Liginha, que não abandonam o espírito revolucionário da Exu7. Aos meus amores Laís Guizelini e Saulo Machado pela imaginação psicanalítica, tecnológica e política, e por abraçar o mundo comigo. Ao Philipe, pela grande ajuda inesperada e a companhia que acabou multiplicando os cafés.

Quando, ainda no processo da escrita, voltei para o interior, pensei que a solidão seria grande. E não foi, graças ao acolhimento de novas amizades e velhos reencontros. Obrigada pelo refúgio sempre com fogão aceso, abraços longos, danças e desabafos, cheiro de manjerição fresco, sombra da bananeira e pelo carinho transcendental da Fabiana, Gisela, Renata e Flávia. Obrigada, Lívia, pela amizade regada a bons cafés. Às amigas que me acolheram no serviço público, em especial a tia Nilda, Mari, Najla, Laila e Olguinha miau, juntas de segunda a sábado, nos apoiando, rindo e estabelecendo lindos laços. Sou grata aos diversos encontros musicais, artísticos e performáticos que alimentaram minha alma, dentre eles com Bene e Cesinha. Vanessa Cornélio, por toda a força e beleza da sua companhia. Ao Vini, por compartilhar

sonhos musicais e positividade. Carolina e Andrea Capelli, Fil Murbak, obrigada a vocês e todos que eu possa não ter citado ou que não sejam próximos, mas que foram inspiração. E lá em Marinópolis, voltando às minhas origens, onde as plantinhas da minha vó sempre me acolhem, quero agradecer ao meu grande amigo e professor Deyvidi Takaki. Nossos momentos de verborragia, de viagens musicais e audiovisuais, de aprendizados com tanta qualidade, foram muito importantes no processo.

Além da família que vamos bordando por aí, tenho aquela que sempre esteve. Agradeço aos meus queridos pais e irmãos Elza, Francisco, Silvia, Tainá, Nathália e Victor, simplesmente por estarem comigo, pelo amor e inúmeras conversas e desabafos. Não citarei todos porque a rempa é grande, mas aos meus familiares que sabem que são amados. Thiago, meu querido aquariano, obrigada por ser e por me entender. Leandro, por sempre me querer bem e me mostrar possibilidades no trabalho. Ramon, não sei colocar em palavras. Você é aquele encontro de alma, que eu teria escolhido se já não tivesse te ganhado desde que nasci. Saiba que foi importantíssimo seu acolhimento, toda sua dedicação e parceria para esta jornada.

Levei toda essa gente comigo para Bolívia, num só corpo. E lá novas oportunidades de agradecer surgiram. Não tenho como descrever o valor dessa experiência na minha vida e para este trabalho. Agradezco inmensamente a las mujeres de Mujeres Creando, por abrir espacios de diálogos, por todo el aprendizaje, en mi vida que todavía es pequeña. También por la fuerza de su palabra en primera persona que me ha hecho continuar creando caminos, formas de apoyarse entre nosotras, de lucha y de sensibilidad frente al mundo. A María Galindo, muchas gracias por tus acciones viscerales y necesarias, por dejar saber un poco de tu trayectoria, que junto a otras mujeres mueve tantas cosas. A Julieta Ojeda por haberme recibido con la mejor hospitalidad y que con su simplicidad me hizo sentir parte de momentos importantes. A las personas que hicieron de mi estadía en Bolivia todavía más encantadora y llena de simbología como la Laura, que es la Revolución K'maleon en carne propia y me ha hecho conocer una hermosa Bolivia cantante. A Julieta Paredes, por haber sido mí primer contacto con la historia del movimiento de mujeres en Bolivia. Al Dilan por una mirada otra de la ciudad. A Libertad, mujer concejala que protege a tantas cosas y que mi recibió con mucha magia, imaginación y fuego en el hermoso e infinito Titicaca. A los encuentros casuales en las calles. Y finalmente al grande vuelo que me llevaste, Claudia Flores. Por tu acogida sin tamaño y los incontables diálogos. Mariposa, tu hiciste que ese trabajo pulsara y por eso siempre tendrás mi gratitud.

## RESUMO

Esta dissertação tenta compreender o feminismo “autônomo” mobilizado pelo movimento Mujeres Creando no cenário político contemporâneo da Bolívia, desde sua criação em 1992 até os dias atuais. Uma vez que a vida cotidiana das mulheres é acionada no discurso do coletivo como primordial para a sua prática política, entendo que as trajetórias das integrantes são parte constitutiva na construção da identidade do grupo e, portanto, estarão presentes nesta narrativa. Também devem ser compreendidos como componentes da ideia deste feminismo o fazer político enquanto ação “criativa” e *callejera*, as relações que estabelecem com o mundo que as rodeia e as possíveis repercussões dos atos da organização.

**Palavras-chave:** Movimentos Sociais; Feminismo; Trajetórias de Vida; Anarquismo-América Latina.

## ABSTRACT

This work tries to understand “autonomous” feminism mobilized by the movement Mujeres Creando in the political scenario of contemporary Bolivia, since its creation in 1992 until the present day. Once women’s everyday life is activated in collective discourse as a vital element to their political practice, I comprehend that their members’ trajectories are a constitutive part of the group's identity construction and therefore will be present on this narrative. Also, the political doing as a “creative” and *callejera* action, the relations that they establish with the world that surrounds them and the possible repercussions of the acts of the organization should all be understood as components of the idea of such feminism.

**Keywords:** Social Movements; Feminism; Life Trajectories; Anarchism-Latin America.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1: Mujeres Creando e os Processos de Transformação .....</b>	<b>20</b>
1. María Galindo: feminismo intuitivo e desobediência .....	24
2. Costurando o Pano de Fundo: Bolívia contemporânea e o enfrentamento dos movimentos sociais.....	29
3. Guerra <i>Roja</i> .....	34
4. Da centralização à Tecnocracia de Gênero, por um Feminismo Autônomo.....	40
5. Estratégias de luta e diálogos com a prática feminista autônoma.....	46
<b>CAPÍTULO 2: Trajetórias, práticas descoloniais e o feminismo autônomo.....</b>	<b>52</b>
1. Julieta Ojeda: busca existencial e práticas descoloniais .....	54
2. <i>Se necesita joven o cholita</i> .....	61
3. Um encontro: carrego só os meus sonhos.....	71
4. La Mariposa: <i>Libre viviré, libre moriré</i> .....	76
<b>CAPÍTULO 3: <i>Mi cuerpo, mi territorio</i>.....</b>	<b>84</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>95</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>99</b>
<b>ANEXO I: Imagens e Fragmentos .....</b>	<b>104</b>

## Introdução

Na primavera de 2013 me lancei a La Paz. Lá acontecia o Primeiro Congresso Latino-Americano de Cultura Comunitária Viva, um encontro organizado de forma colaborativa e autogestionada que reuniu grupos de diversos países, propondo discutir questões relacionadas à cultura, gênero, arte, mudança social e políticas públicas. À época, eu já nutria um tímido interesse pelo coletivo de mulheres bolivianas Mujeres Creando<sup>1</sup>, e encontrei nas atividades propiciadas pelo Congresso uma oportunidade de levar tal interesse adiante naquele momento de grande movimentação político-cultural da cidade. Criado em 1992, o coletivo nasceu da necessidade, compartilhada por mulheres dissidentes de partidos de esquerda, de reivindicar um espaço político definido por elas como heterogêneo e autônomo. Alinhando essas demandas, estava a categoria “feminismo”, que logo percebi ser central tanto em seu discurso como em sua prática.

Foram dias de intensa programação. Encontros e debates com agentes públicos de cultura, professores, estudantes e líderes comunitários preenchiam as manhãs e as tardes. À noite, mostras de cinema, saraus de poesia, performances artísticas, apresentações de jongo do Brasil, *chinchineros* chilenos<sup>2</sup>, grupos autóctones bolivianos e visitas a comunidades locais integravam as demais atividades do evento. Também compondo a programação, havia uma mesa de discussão que propunha pensar “feminismo e cultura comunitária”, organizada e mediada pela ativista Julieta Paredes – uma das fundadoras do Mujeres Creando (doravante MC), que, na ocasião, já havia se separado do coletivo por razões pessoais e ideológicas e formado um novo grupo denominado Mujeres Creando Comunidad. Por desconhecer tal fato, imaginei que encontraria nessa mesa uma interlocução direta com o MC, o que não ocorreu. Entretanto, foi uma primeira aproximação com a história do grupo, história esta que fala das permanências e impermanências, bem como das nuances e inflexões em sua trajetória.

Enquanto corria o Congresso, havia continuamente grandes protestos em La Paz. Milhares de trabalhadores(as) e aposentados(as) reivindicavam melhores condições de trabalho, salário e aposentadoria. As ruas agitavam-se pelo barulho dos gritos entoados por manifestantes e das pessoas que tentavam seguir sua rotina normalmente, enquanto cortinas de gás

<sup>1</sup> Em uma conversa com a historiadora e professora da Universidade Estadual de Campinas, Margareth Rago, intrigou-me o que ela disse sobre um coletivo anarquista feminista boliviano que agregava mulheres de distintas origens em uma formação identitária híbrida. Na ocasião em que Margareth conheceu o Mujeres Creando, elas apresentavam uma de suas ações, nas quais a criatividade e a política estão intimamente ligadas.

<sup>2</sup> Personagem popular urbano chileno que performa nas ruas levando atado ao corpo instrumento percussivo.



lacrimogêneo subiam pelos ares como nuvens tóxicas. Algumas pessoas se escondiam dentro de estabelecimentos comerciais, outras continuavam caminhando e outras ainda enfrentavam a força policial. Não é raro escutar que esses grandes protestos e ocupações do espaço público são algo comum na capital.<sup>3</sup> Os caminhantes eram homens, mulheres e crianças, vindos de lugares distintos, mas nesta ocasião, havia principalmente trabalhadores(as) urbanos(as) e mineiros(as). Muitas demandas eram negadas e seguiam sendo negociadas, dia após dia.

As manifestações passavam pela Avenida do Prado - importante via que cruza a área central de La Paz - e se ramificavam para os arredores, impedidas pelas forças armadas de chegar à Plaza Murillo, onde fica o palácio do governo. Na ocasião escutavam-se notícias do conflito entre o poder executivo e a Central Obrera Boliviana (COB), principal central sindical e representante da classe trabalhadora da Bolívia, que exigia reforma na lei de pensões. Não era necessário percorrer toda a cidade para observar outros protestos nas ruas, por exemplo, uma instalação<sup>4</sup> na mesma avenida, composta por várias construções feitas com materiais improvisados que reivindicava justiça aos crimes cometidos durante a ditadura boliviana (1964-1982). Era um aglomerado de barracas com estrutura para ocupação interna, inclusive, com uma espécie de cozinha. Do lado de fora, cartazes e faixas penduradas. Começou como uma espécie de vigília e se tornou permanente pela ausência de respostas das instituições responsáveis. Não muito longe dali, havia um grupo de mulheres de policiais que fazia greve de fome por questões de trabalho, salariais e de aposentadoria, com suas barracas montadas na calçada em favor de seus cônjuges.

Após alguns dias na cidade, eu já havia aprendido alguns caminhos. Foi entre a *calle* Aspiazu e a Avenida 20 de Octubre, subindo as ruas íngremes próximas à Universidad Mayor de San Andrés, que se deu meu encontro com o Mujeres Creando. Após a correspondência por e-mail, em que demonstrei interesse em conhecer pessoalmente o trabalho do coletivo, fiquei hospedada na casa-sede de La Paz, *Virgen de Los Deseos*, durante alguns dias. Na ocasião, como ainda não fazia parte do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Unicamp, minha chegada representava mais uma visita motivada por interesses pessoais e militantes do que um trabalho de pesquisa propriamente dito. Lá fui bem recebida por Julieta Ojeda, que me apresentou o local, incluiu-me em algumas atividades nos dias subsequentes (como participação em feiras, confecção de materiais comercializados pelo grupo

---

<sup>3</sup> Daniel Goldstein, *The Spectacular City: Violence and Performance in Urban Bolivia*, 2004.

<sup>4</sup> Dois anos depois, quando estive uma segunda vez na Bolívia, encontrei novamente a instalação, que persistia no canteiro central de uma das principais vias de La Paz. Ali, como parte já quase permanente da paisagem, do caminho diário das pessoas ao trabalho e ao comércio.

e aulas de defesa pessoal), bem como me apresentou a outras integrantes do movimento, dentre elas Esther, Claudia, Danitza e Emi.

Quando retornei de minha primeira viagem, em junho de 2013, também as ruas do Brasil estavam tomadas de protestos.<sup>5</sup> De pronto, as cenas presenciadas por mim na Bolívia ecoaram com as que agora via em meu próprio país, gerando-me incômodos, questionamentos e, sobretudo, a necessidade de elaborar uma interpretação dos acontecimentos e de minha inserção neles. Em fins de 2015, já pesquisadora do Programa de Pós-Graduação, realizei uma segunda viagem a campo. Apesar da sensação de lá ter permanecido pouco tempo, causada pela frequência e intensidade dos acontecimentos, este período gestou várias experiências e uma relação mais direta com o coletivo apresentado. Fui acolhida por Claudia Flores, à época integrante do MC, com quem mantive contato desde a primeira visita e que, desta vez, recebeu-me em sua casa. As vivências mais próximas que tive com o grupo foram perpassadas pela convivência com Claudia nas caminhadas, refeições e conversas que tínhamos juntas. Quando me recebeu, ela passava por um período de reflexão sobre os caminhos que tomaria em sua vida e começava um processo de afastamento do grupo. Apesar de hoje não se encontrar mais associada ao movimento Mujeres Creando, sua acolhida foi determinante para a minha inserção no campo de pesquisa.

A relação com o coletivo foi estabelecida com base numa contradição inicial. Por um lado, as integrantes do MC recusavam abertamente serem alvo de estudos acadêmicos.<sup>6</sup> Seus textos, escritos sempre em primeira pessoa, deixavam claro uma postura política de enunciação na qual elas ocupavam o lugar de sujeito e não de objeto. Por outro lado, lá estava eu, mulher e feminista, na posição ambígua de “sujeito e objeto do meu discurso”.<sup>7</sup> E diante de minha demanda houve abertura para que eu acompanhasse atividades do movimento. Em sua primeira publicação, *La Virgen De Los Deseos*, escrita em parceria com o Colectivo Situaciones da Argentina, o Mujeres Creando afirma:

<sup>5</sup> As chamadas Jornadas de Junho se configuraram em uma onda de protestos nas ruas de diversas cidades brasileiras, que inicialmente no município de São Paulo era motivada contra o aumento das passagens de ônibus e que, mais adiante, abrangeram outras pautas. Em 2015, as jornadas foram seguidas de manifestações pelo impeachment da presidenta Dilma Rousseff, evento analisado por André Singer em seu livro *O Lulismo em Crise: Um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)*, publicado em 2018.

<sup>6</sup> Na orelha do livro *No Se Puede Descolonizar Sin Despatriarcalizar: Teoría y Propuesta de la Despatriarcalización*, María Galindo, uma das criadoras do grupo, afirma que não deseja ser traduzida pelo poder acadêmico e que escrever é, para ela, um ato político de tomada da palavra. Essa postura foi sentida em minha aproximação com o grupo. Existe uma resistência à abertura para a pesquisa e essa é colocada em segundo plano quando enfrenta a urgência das demandas locais e diárias.

<sup>7</sup> Heloisa Pontes, *Do Palco aos Bastidores: O SOS-Mulher (SP) e as Práticas Feministas Contemporâneas*, 1986, p.6.

Desde o princípio tínhamos clara a necessidade de falar em primeira pessoa e a partir de nós mesmas, conjugando ademais as várias vozes que nos compõem. Por isso, temos nos recusado a ser objeto de estudo de intelectuais, nós temos nos recusado a ser interpretadas e traduzidas e manuseadas pela academia venha de onde venha. Esperamos que os intelectuais falem de si mesmos e de si mesmas e reencontrem seu próprio lugar neste cenário de crise do neoliberalismo que não admite equilíbrio, senão que exige saltos e acrobacias. (CREANDO, 2005, p. 14)<sup>8</sup>

Assim, apesar de meu *status* de acadêmica ser de conhecimento de todas, me era permitido estar ali e frequentar os espaços da casa *Virgen de Los Deseos*, compartilhar cafés e almoços, observar movimentações internas e externas à casa, conhecendo suas publicações e atividades rotineiras. Pude também acompanhar o movimento das mulheres que faziam fila à espera de assessoria jurídica em casos de violência, reuniões preparatórias e mesmo alguns eventos organizados pelo coletivo, como exposições de filmes e debates. No entanto, por vezes sentia que minha presença causava dúvida a algumas integrantes do grupo, talvez fruto de um despreparo meu em sinalizar melhor os objetivos da pesquisa ao grupo e, também, em lidar com a contradição deflagrada por minha dupla condição de pesquisadora e feminista. E era nesse lugar difícil de situar que eu ia sentindo, dia após dia, até que ponto podia estar ou não presente.

Estar lá e presenciar momentos de tensão e perigo gerou uma dificuldade em elaborar a minha experiência em campo. Havia dias em que a vista alcançava a fome nas ruas. Outros em que o feminicídio estava em pauta e, inclusive, ao lado, quando a vítima foi uma pessoa do meio em que eu circulava. O ouvido, por vezes, acolheu histórias de violência doméstica. As mãos tocaram outras mãos cansadas. Em alguns momentos, as experiências contadas eram próximas ao meu mundo no Brasil e, em outros momentos, não. Os elementos novos, algumas vezes, causaram-me estranhamento, choque, tristeza, surpresa, fascinação ou alegria. É importante dizer que a realização da pesquisa se deu em meio a essas contingências da vida e cada qual ocupou um lugar neste processo, seja o da digestão, do aprendizado, da paralisação, da elaboração, do esquecimento ou da memória ainda insistente.

Para além da experiência em solo boliviano, em 2013 e 2015, encontrei o *Mujeres Creando* em outras três ocasiões em eventos fora da Bolívia. Um deles foi a 31ª Bienal de Arte de São Paulo no ano de 2014, quando elas realizaram, no parque do Ibirapuera, uma marcha de

<sup>8</sup> Tradução minha, do original: “Desde un principio teníamos clara la necesidad de hablar en primera persona y desde nosotras mismas, conjugando además las varias voces que nos componen. Por eso nos hemos rehusado a ser objeto de estudio de intelectuales, nos hemos rehusado a ser interpretadas y traducidas y manoseadas por la academia venga de donde venga. Esperamos que los intelectuales hablen de sí mismos y de sí mismas y reubiquen su propio lugar en este escenario de crisis del neoliberalismo que no admite equilibrio, sino que exige saltos y acrobacias”.

mulheres que tratou do aborto e da proposta de despenalização desta prática. Os outros dois foram em Santiago do Chile, em 2015, e em São Paulo, no ano de 2016, onde María Galindo apresentou o trabalho cinematográfico “13 Horas de Rebelión”, que havia produzido com o coletivo.

\* \* \*

Esta dissertação tenta compreender o feminismo “autônomo”<sup>9</sup> mobilizado pelo movimento Mujeres Creando no cenário político contemporâneo da Bolívia, desde sua criação em 1992 até os dias atuais. Uma vez que a vida cotidiana das mulheres é acionada no discurso do coletivo como primordial para a sua prática política, entendo que as trajetórias das integrantes são parte constitutiva na construção da identidade do grupo e, portanto, estarão presentes nesta narrativa. Também devem ser compreendidos como componentes da ideia deste feminismo o fazer político enquanto ação “criativa”<sup>10</sup> e *callejera*<sup>11</sup>, as relações que estabelecem com o mundo que as rodeia e as possíveis repercussões dos atos da organização.

A história mais recente da Bolívia tem mostrado uma configuração singular de participação popular na política, especialmente a partir do processo de redemocratização que sucedeu a ditadura militar no país (1964-1982), e a constituição de um governo composto por parcelas da população vindas dos movimentos sociais e representado por um presidente indígena, Evo Morales. Esse governo foi responsável por gerar grandes expectativas de mudança social, entretanto, suas limitações, mostradas ao longo dos anos, levaram à queda de apoio popular. Parte dos movimentos sociais também se encontra em uma situação de crise, uma vez que os representantes que ocupam cargos políticos são acusados de incoerentes ao não satisfazerem as demandas populares. Há, neste contexto, por um lado, uma maior participação popular no âmbito da política estatal, e, por outro, uma contradição entre as estatísticas e o real alcance das transformações sociais anunciadas como agenda de governo.<sup>12</sup>

<sup>9</sup> CREANDO, 2005, p 50.

<sup>10</sup> Disponível em: <[http://www.mujerescreando.org/pag\\_columna/quienesomos/quienessomos.html](http://www.mujerescreando.org/pag_columna/quienesomos/quienessomos.html)>. Acesso em 10/03/2016.

<sup>11</sup> O termo *callejera* (ou *callejero*) refere-se àquilo que pertence ao espaço das ruas. Optei por não traduzi-lo uma vez que, no original, ele designa a especificidade de meu campo de pesquisa.

<sup>12</sup> Para mais detalhes ver John Crabtree & Ann Chaplin, *Bolívia: Processes of Change*, 2013.

O Mujeres Creando, entretanto, alega não disputar uma representação no Estado, acreditando na autonomia como instrumento de transformação social. O coletivo se constrói numa identidade heterogênea e se autoidentifica como composto por

Loucas, agitadoras, rebeldes, desobedientes, subversivas, bruxas, *callejeras*, grafiteiras, anarquistas, feministas, lésbicas e heterossexuais; casadas e solteiras; estudantes e oficineiras; índias, *chotas*, *cholas*, *birlochas*<sup>13</sup> e senhoritas; velhas e jovens; brancas e morenas, somos um tecido de solidariedades, de identidades, de compromissos, somos mulheres. (CREANDO, 2005, p. 35)<sup>14</sup>

As atividades do movimento acontecem em distintos espaços. Porém, como local privilegiado do fazer político está o espaço público, onde o grupo assume um caráter difuso e não institucional, e promove diversas manifestações criativas como forma de luta feminista. Grafites espalhados pela cidade em locais estratégicos de visibilidade, performances artísticas que levantam problemas sociais identificados pelo grupo, exposições, entrevistas irreverentes e produções cinematográficas compõem algumas dessas manifestações. Tendo isso em vista, um dos objetivos deste trabalho é entender de que forma a noção de *criatividade* é mobilizada pelo movimento como instrumento de luta social para responder às demandas das mulheres. Para isso, foi necessário acompanhar processos de ação política, trajetórias que se cruzam na casa-sede de La Paz e reunir materiais produzidos pelo grupo, bem como de outras fontes - por exemplo, os meios de comunicação quando se estabelece algum diálogo com o movimento.

Este texto é construído de forma que minha experiência enquanto pesquisadora e feminista seja elaborada na relação com as integrantes do MC e com o meio social em torno do qual nossas trajetórias se cruzaram. Como resultado, o conhecimento produzido por mim está inextricavelmente ligado àquele produzido pelas sujeitos-interlocutoras desta pesquisa – sua teoria e sua prática. Embora passível dos constrangimentos que norteiam a produção acadêmica, esta narrativa também não perde de vista os outros espaços pelos quais transitei, sejam eles de militância, familiares e até nas ruas e caminhos marginais - e com isso quero dizer que margeiam os locais em que o conhecimento é legitimado e institucionalizado. Assim, não tenho a ambição de suplantar a voz própria deste coletivo, e nem poderia fazê-lo. Busquei privilegiar as primeiras pessoas (inclusive a minha) por meio de entrevistas, citações, imagens e produções

<sup>13</sup> Esses conceitos serão abordados mais adiante no texto.

<sup>14</sup> Tradução minha, do original: *Locas, agitadoras, rebeldes, desobedientes, subversivas, brujas, callejeras, grafiteras, anarquistas, feministas. Lesbianas y heterosexuales; casadas y solteras; estudiantes y oficinistas; indias, chotas, cholas, birlochas y señoritas; viejas y jóvenes; blancas y morenas, somos un tejido de solidariedades; de identidades, de compromisos, somos mujeres.*

do próprio grupo, por acreditar na importância política de não sobrepor minhas percepções às delas, invisibilizando-as. E assumo a responsabilidade pela tecelagem dessas experiências entre si.

Ao longo desta dissertação o termo *experiência* aparece inúmeras vezes. Tendo em conta que se trata de “uma das noções mais problemáticas do feminismo moderno” (HARAWAY, 2004, p. 233), há a necessidade de melhor situá-lo nesta pesquisa. Segundo Joan W. Scott, no ensaio “A Invisibilidade da Experiência” (1998), o risco subjacente ao ato de tomar a experiência como um fundamento epistemológico de análise, ou mesmo como uma prova incontestável da verdade de algo, faz com que se perca de vista a dimensão historicamente contingente das diferenças. Diz a autora que

É precisamente este tipo de apelo à experiência como prova incontestável e como ponto de explicação originário – como fundamento sobre o qual a análise se baseia – que enfraquece o impulso crítico de histórias da diferença. Ao permanecerem dentro da moldura epistemológica da história ortodoxa esses estudos perdem, primeiramente, a possibilidade de examinar pressuposições e práticas que excluam considerações de diferença. Tomam como auto-evidentes as identidades daqueles cuja experiência está sendo documentada e, dessa forma, tornam naturais suas diferenças. (SCOTT, 1998, p. 301)

Reconhecendo, então, os perigos de se trabalhar com narrativas calcadas na experiência, recuso-me a abordá-la, aqui, como uma noção restrita a uma subjetividade autoevidente e que se esgota em si mesma. Se fosse realmente “única”, conforme procura argumentar Jorge Larrosa Bondía, a experiência do outro seria inapreensível a menos que pudesse ser, de alguma forma, vicariamente vivenciada pelo sujeito de conhecimento. Assim, este “saber de experiência” (BONDÍA, 2002, p. 22), tomado por Larrosa como uma espécie de trunfo individual, resistiria a qualquer objetivação. Para Joan Scott, ao contrário, trazer à tona as experiências dos sujeitos não é suficiente para saber como são construídas as estruturas de poder e práticas normativas que elas evidenciam e criticam. Por isso, a autora defende que devemos historicizar o termo de modo a localizar os sujeitos e suas experiências, pois não são eles que as contêm, e sim as experiências que os constituem. Foi esse o caminho que decidi trilhar.

\* \* \*

A dissertação está organizada em três capítulos. O primeiro apresenta o movimento Mujeres Creando e o contexto boliviano em que ele foi possível existir. Alguns aspectos de sua

história são mobilizados pelas integrantes do coletivo para legitimar seu processo de constituição de identidade e ação feminista autônoma. Recorri à trajetória de María Galindo, uma das fundadoras da organização que se encontra intimamente ligada à identidade construída pelo coletivo e suas propostas, para evidenciar de que modo toda a história do movimento perpassa as vidas de suas integrantes, bem como as alianças e diálogos que estabelecem.

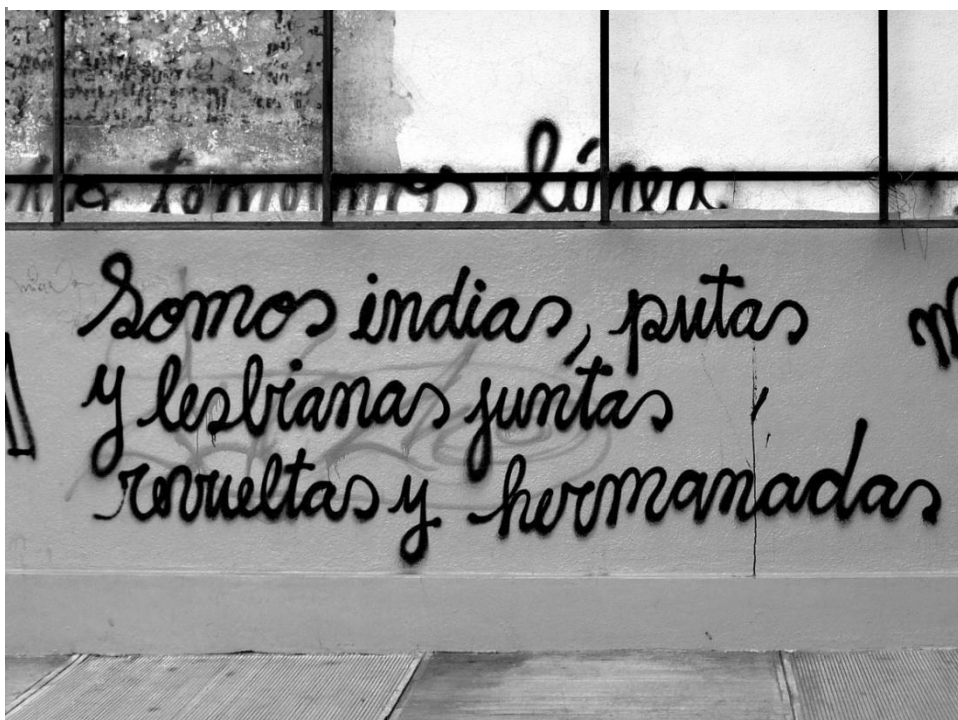
O segundo capítulo acompanha a trajetória de duas integrantes do movimento, Julieta Ojeda e Claudia Flores. Julieta foi uma das primeiras que se sentiu convocada a (e entusiasmada em) participar do Mujeres Creando e assistiu de perto a boa parte dos processos pelos quais passou a organização. Ela é uma das responsáveis pela administração autogestionária da casa-sede, bem como faz parte, até os dias de hoje, de outros projetos dentro do coletivo. Julieta e eu tivemos contato nas duas vezes em que estive em La Paz e, devido à sua abertura, foi possível que eu reunisse algumas ideias para entender a dinâmica do movimento. Claudia entrou posteriormente no MC e hoje já não faz mais parte dele. Seu ingresso deu-se de maneira diferente do de Julieta. Claudia participou do movimento de outras formas, não menos importantes, e trazia suas questões para o coletivo. Foi uma das participantes em momentos essenciais na existência do movimento em ações que definiram sua atuação na sociedade boliviana. Durante um tempo, ficou responsável pela cozinha do restaurante na casa-sede, junto com Emi, outra integrante, e participava de outras atividades. Claudia recebeu-me em sua casa em minha segunda visita à Bolívia. A trajetória dela, bem como a de Julieta, ajudaram-me a entender de que forma esse “feminismo autônomo” e essas práticas de rebeldia e solidariedade são vividas por suas integrantes e reverberam para além da convivência no coletivo, em outras palavras, de que forma elas levam essa crítica e essa prática para dentro de suas vidas.

No capítulo três faço uma descrição da exposição “Espaço para abortar” realizada pelo Mujeres Creando na 21ª Bienal de arte de São Paulo (2014). Pude acompanhar a marcha de mulheres que deu origem à instalação no parque do Ibirapuera, localizado na cidade de São Paulo. Essa ação do movimento nos ajuda a entender seu discurso e sua forma de fazer política. Nesta ocasião, se apresentaram por meio de uma instalação que repercutiu de forma diversa na sociedade, o que possibilita uma compreensão da relação do grupo com seus interlocutores.



## Capítulo 1: Mujeres Creando e os Processos de Transformação

*Fotografia 1: Grafite das Mujeres Creando*



Fonte: [mujerescreando.org](http://mujerescreando.org)

O movimento Mujeres Creando foi criado em 1992 por poucas mulheres, dentre elas María Galindo, Julieta Paredes e Mónica Mendoza. Segundo Julieta Ojeda, uma das integrantes que se juntou ao coletivo à época em que este ensaiava os primeiros passos, a quantidade de participantes foi gradualmente aumentando. Ojeda o define como um movimento feminista aberto, heterogêneo e contundente, que busca agir e dialogar com a realidade local. Afirma, ainda, que se trata de um feminismo próprio, construído a partir da reflexão profunda da realidade, ressignificando memórias, práticas e a própria história. Nesse processo, o movimento adota uma postura anarquista muito particular, articulada em constante diálogo as vidas de suas integrantes e que acredita em uma mudança por meio da construção de um sujeito político autônomo, não ascendendo ao poder estatal e, como repetem: "A partir das mulheres. Essa é nossa utopia"<sup>15</sup>. Atualmente, o grupo conta com aproximadamente 30 mulheres, mas esse número é variável entre as que permanecem e outras que por ele passaram e passam. Embora seja um número relativamente pequeno de membros, o grupo tem uma atuação abrangente e um significativo impacto.

---

<sup>15</sup> Tradução minha.



María Galindo e Julieta Paredes, na época um casal, queriam criar uma comunidade e não tomar uma decisão individual de construir família, era uma escolha existencial, como descreve o movimento:

Así fue como nació la comunidad Creando, en una casa ubicada en la laderas de Villa Fátima, en Las Delicias, nombre más que acertado para construir la coherencia con lo privado, porque María y Julieta habían hecho una elección existencial: como pareja no querían construir un mundo individualista, ni tampoco una estructura de familia. Su propuesta política era clara, querían hacer una comunidad de mujeres, cuyo fin no fuera únicamente la unión de necesidades, aunque eso terminó siendo cuando la cotidianidad pasó a ser protagonista. (CREANDO, 2005, p. 36)

Essa primeira atuação do grupo acontecia em um envolvimento com a comunidade local através de uma tenda de alimentos naturais, uma biblioteca para crianças, trabalho de alfabetização por estudantes de Achacachi, oficinas de saúde, mas a iniciativa não transcendia o nível local, não gerava um processo de transformação e isso foi motivo de frustração. Foi quando, em uma assembleia universitária, encontraram Mónica Mendonza e, partilhando o sentimento de necessidade de um espaço público por meio da proposta comunitária, foi que Mónica participou, também, da criação do movimento.

O primeiro livro de María e Julieta, *Y se fuésemos una espejo de la otra? Por un feminismo no racista* (1992), era uma busca pela alteridade para começar uma construção conjunta. Essa busca começou com uma investigação do cotidiano das trabalhadoras do lar, entendendo dessa forma, também, as mulheres migrantes, bem como com a experiência de María e Julieta em terras estrangeiras. Essa busca construiu as bases metodológicas do movimento por meio da cultura de identidade, como elas afirmam: “A outra deixou de ser simplesmente a cor da pele ou as diferentes formas de vestir, se converteu em um espaço ético e epistemológico de construção do pensamento”<sup>16</sup> (CREANDO, 2005, p. 38).

O coletivo é conhecido, em seu próprio território e no cenário mundial, por sua atuação política que toma o espaço público de diversas formas: com grafites, performances, marchas, instalações artísticas, programas de rádio, entrevistas e debates e que provoca efetivamente a discussão sobre temas urgentes e reações diversas. Além disso, está sediado nas cidades de La Paz e Santa Cruz de La Sierra. Tais sedes são casas autogestionadas que oferecem creche, aulas de defesa pessoal, assessoria jurídica, café e restaurante, biblioteca, videoteca, estação de rádio, espaço para debates, grupo de estudos, dentre outros serviços. A casa é uma referência onde muitos projetos se realizam, mas o lugar privilegiado do fazer político são as

---

<sup>16</sup> Tradução minha.

ruas com intervenções criativas que interferem no cotidiano das pessoas. Suas experiências e trabalhos também transitam em outros espaços ao redor do mundo, por meio, por exemplo, de parcerias com outros grupos políticos, exposições de arte, simpósios e exibição de filmes.

Através da experiência concreta de acumulação de teoria e prática social, vinda de diversas esferas, o grupo constrói uma identidade ideológica que possui contribuições de diversas fontes. Segundo elas:

De la izquierda se tomaron varios elementos como el análisis del trabajo y de la economía. Otra vertiente fue el katarismo y también el anarquismo. No el anarquismo de los libros, sino el de la práctica concreta de abuelos y abuelas anarquistas bolivianos, gente más popular, más autodidacta que se guiaba por esa capacidad de analizar por cuenta propia su entorno. Esa veta anarquista conquistó al grupo. Doña Pepa Infante encandiló: una chola culinaria (ella se había dado ese estatus, no quería ser sólo cocinera) que en los años 30 - 40 tenía su propio concepto del amor, del amor libre, una chola que se dio su espacio y su lugar. El feminismo latinoamericano también hizo un importante aporte (...) Nuestra identidad ideológica se fue construyendo de forma ecléctica, no dogmática y de una manera honesta. Cuidando de no anular las dudas ni las contradicciones que aportábamos cada una de nosotras (...) Pero la otra identidad de Mujeres Creando, la más fuerte, surgió a partir de la heterogeneidad con que se construyó ese espacio. Esto exigió más que un esclarecimiento ideológico una actitud hacia los problemas y una actitud entre mujeres. (CREANDO, 2005, p. 39-40)

O movimento viu a necessidade de criar, em seu interior, uma teoria e prática que sustentassem sua utopia e suas demandas frente à sociedade, baseada numa identidade heterogênea. Cada uma das fundadoras teve sua contribuição. O fato de agregar mulheres que carregavam diversas formas de identificação e modos de vida desempenhou um papel importante na construção dessa identidade abrangente. Das que estavam no grupo desde o início, Julieta e María se autoafirmam lésbicas, Mónica heterossexual, Lidia como mulher indígena da etnia Aymara. Esses e outros fatores que as acompanhavam em sua vida cotidiana foram elementos constitutivos da identidade do grupo, que une mulheres de diferentes idades, setores sociais, orientações sexuais, culturas e momentos existenciais. Como descreve María Galindo:

Mujeres Creando, que es el grupo comunidad de mujeres al que pertenezco, entre las que estamos algunas lesbianas, algunas indias, oligarcas desheredadas, indígenas ciudadinas, señoras en proceso de divorcio, desempleadas, algunas gringas rebeldes. Nosotras, siempre pocas para todo el trabajo que hacer, siempre grupo no masivo, pero jamás grupo marginal. (CREANDO, 2005, p. 207)

No processo de estabelecer-se enquanto movimento social, o Mujeres Creando sentia que havia resistência por parte da população, que tentava deslegitimar a participação política do grupo no cenário mais geral. As integrantes do MC associam a raiva e a violência

que motivaram essas ações de recusa com o fato de elas agirem sem permissão. Nesse sentido, *agir livremente* desencadeava a reação violenta das pessoas que se opunham a elas. Entretanto, elas reconhecem que a solidariedade das mulheres comprometidas com o coletivo e a insistência na luta por suas utopias foram, lentamente, criando uma compreensão da proposta que elas demandavam para a sociedade.

Na trajetória do grupo, alguns acontecimentos são marcantes e definidores da identidade compartilhada por essas mulheres. “O processo de construção de Mujeres Creando está repleto de alegrias e pesares, encontros e desencontros”<sup>17</sup> (CREANDO, 2005, p. 45). Dentre esses “pesares” estão a prisão de Julieta Ojeda em uma das “grafiteadas”<sup>18</sup> no ano de 1998 e a violência sofrida por María Galindo, Julieta Paredes e Julieta Ojeda em uma festa de um grupo de cooperantes franceses, em 1994. Convidadas para estarem naquela comemoração, elas contam justamente que agiram livremente. Isso significou, também, recusarem convites para dançar e para uma proposta de sexo grupal, o que deflagrou uma reação abusiva e violenta de alguns convidados da festa. Diante deste ato, afirmam que a justiça e a imprensa não cumpriram seus papéis - estes tinham em mãos evidências da violência contra essas mulheres e, mesmo assim, foram cúmplices dos abusadores. Por fim, afirmam que, ao se recusarem a negociar com os franceses, elas não tiveram seus casos devidamente julgados e os estrangeiros, impunes, voltaram a seu país. Para elas, o desfecho de tal caso demonstrou a presença impositiva do colonialismo, do racismo e da homofobia na sociedade boliviana.

O coletivo é feito de trajetórias que se encontram e permanecem, mas que, por vezes, também se chocam ou se afastam. Claudia Flores, María Galindo, Julieta Ojeda, Emiliana Quispe, Esther Argollo, Yolandita Mamani, Danitza Luna e Julieta Paredes são alguns dos nomes com os quais pude ter algum contato em minha etnografia junto ao Mujeres Creando, cada qual com uma experiência distinta dentro do movimento, compondo um desenho que permite ao grupo ser o que ele é. Elas enunciam a si próprias em primeira pessoa e também como coletivo. María Galindo é uma dessas mulheres e foi através de sua voz que pude entender melhor a criação do grupo. Entendendo, neste caso, a indissociabilidade dos relatos pessoais e da identidade do movimento, seguirei a trajetória de algumas dessas mulheres para tornar possível uma compreensão do grupo e de que modo praticam um feminismo que caracterizam como autônomo e criativo.

---

<sup>17</sup> Tradução minha.

<sup>18</sup> Referente a prática do movimento de grafitar os espaços, especialmente os públicos.

A trajetória de María Galindo reforça a ideia que a própria vida é material de análise. Ela defende que as mulheres podem romper com certas tradições opressoras, o que não é somente privilégio de mulheres estudadas e militantes, e aponta para as lembranças de nossas próprias experiências nos ritos adolescentes. Fazendo um exercício de regressão, muitas mulheres talvez se recordem de algo sobre o qual possam refletir e sobre o qual possam decidir se querem ou não levar adiante. Parece que quando a vida se torna material de análise, ela pode se tornar ação e movimento. Ao trazer sempre a experiência própria para o campo de pensamento e ação, o coletivo *Mujeres Creando* evidencia o elemento humano e não massificador na política. E foi essa percepção, ao conhecer o grupo, que aguçou a necessidade de entender como e por quem o movimento foi criado. Quem são as mulheres que levam essa proposta e essa luta adiante? Pois é através das pessoas e das relações que estabelecem com a sociedade que podemos, também, entender o movimento.

### 1. María Galindo: feminismo intuitivo e desobediência

*Una mujer dispuesta a luchar por sus sueños y por su libertad es incontenible, la suma de las utopías de tres mujeres es invencible, sólo hace falta que esas fuerzas se encuentren.* (CREANDO, 2005: 36)

Cozinheira, grafiteira, radialista, escritora, agitadora, cineasta, fofoqueira, bocuda, malcriada, insolente, agressiva, lésbica pública<sup>19</sup> e integrante de *Mujeres Creando*.<sup>20</sup> Assim se autodescreve María Galindo no prólogo do seu livro *Espejito Mágico*, de 2015. Parece-me esperançoso não reduzir uma vida a uma carreira, uma espécie de recusa a um mundo especializado em que nossa experiência se resume em experiência de trabalho, recusa a um mundo machista, em que a boa mulher é identificada na virgem santa, recusa a um mundo adulto em que a criança criativa não tem vez e deve ser obediente, repúdio a um mundo solitário, onde o singular é mais e o plural é menos. Desta negação, e também de sua afirmação múltipla, aparece uma pessoa que não é somente um currículo formal, é também sua trajetória, o que a toca e ao que possa atribuir significado e importância pessoal e política.

<sup>19</sup> A expressão usada por María Galindo se refere ao fato de ter publicamente assumido sua sexualidade lésbica.

<sup>20</sup> Essa passagem é tradução minha dos adjetivos usados na autodescrição de María Galindo em seu livro (*Espejito Mágico*, 2015, p. 5), em que retrata e lança um olhar sobre diversos personagens femininos.

María Galindo fala que foi uma “criança problema”, como se costuma dizer, uma “rebelde sem causa”. Em entrevista ao *QD Show Bolivia Joven*<sup>21</sup> conta como criou um tipo de conceito de “feminismo intuitivo” para descrever o que experimentam milhares de mulheres como ela (especialmente quando ainda são jovens ou crianças) ao sentirem que o mundo em que vivem as humilha, maltrata e as quer domesticar. E continua afirmando que quando as meninas estão ainda na infância, muitos adultos se comportam como se elas fossem um objeto de adorno, uma boneca, dizem o que devem vestir, exigem que cuidem dos irmãos mais novos, dentre outras imposições. Frente a isso, existe uma rebeldia em dizer não, em negar-se a participar dos ritos e a desobedecer, que nasce da insatisfação, é o que ela chama de feminismo intuitivo.

María conta que se atrevia a dançar sozinha e escandalosa quando desejava. Em entrevista, ela mostra essa jovem María que entendia da forma que uma adolescente pode entender a crueldade do ritual dos bailes de sua época e que perdura até os dias de hoje, de esperar a escolha de um parceiro para dançar. Ela recorda as várias vezes em que se rebelou quando era jovem e nutre um encanto pela “rebeldia sem causa”, pelos problemas que nos apresentam as jovens. Para ela, o ato de atrever-se a dançar dessa forma foi libertador. Parece-me que sua vivência, desde criança, e a insistência de não se encaixar no modelo que a sociedade impõe às mulheres, o qual ainda persiste, permitiu uma ressignificação de sua trajetória de modo a influir no fazer político desta “agitadora” e do grupo Mujeres Creando, marcado pelo escândalo, indigestão e formas provocativas de interpelar a sociedade e remover as coisas de seus supostos lugares. Por outro lado, María Galindo e o coletivo oferecem uma reorganização das coisas num espaço de acolhimento, oferta de alegria e atividades de apoio e referência à muitas mulheres.

Em entrevista à revista *Extra*<sup>22</sup>, publicada em 2012, María Galindo conta um pouco mais de sua história de vida. Filha de uma família de classe média alta, as expectativas que giravam em torno dela iam da escolarização - inclusive o ensino superior - ao casamento e a constituição de uma família. Isso a aterrorizava. Tanto que, um dia, ela escapou pela janela “porque minha família era muito normal, mas muito tirana. Era muito estrita. Lancei-me pela janela a um pátio contíguo e jamais voltei para minha casa, saí com a roupa do corpo. Foi uma manhã, ao amanhecer”.<sup>23</sup>

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCSgdV3aUsf9gyZu4bDLE-8g>>. Acesso em 10/09/2018.

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://entrevistasbolivia.blogspot.com/2012/11/maria-galindo.html>>. Acesso em: 06/05/2018.

<sup>23</sup> Idem. Tradução minha.

María Galindo é lésbica publicamente assumida desde os 25 anos, como afirma na entrevista citada acima. No processo de “sair do armário” e reconhecer sua sexualidade, passou pelo que muitas(os) jovens passam: de conhecer o que se deseja e o que não se deseja, mas não nega que foi acompanhada do medo da censura. Segundo ela, a sociedade castiga e cria em nosso imaginário o medo. Diz que a solidão a ajudou a ser quem queria. Sua família questionava sua sexualidade e sua posição política. Ela, então, se revelou prontamente e não aceitou mais os questionamentos alheios. Nesse momento, deu-se um rompimento, que só posteriormente viria a encontrar algum tipo de reconciliação.

Alguns acontecimentos fazem parte da construção do movimento, ainda que aconteçam em paralelo à sua constituição. Um deles é quando María Galindo se assume lésbica publicamente em uma entrevista para o jornal *La Razon*, em 1994:

Muchos son los ojos mirando por la cerradura y grande la morbosidad con la que se alimentan los prejuicios. Dentro puedes estar llorando de amor, o zurciendo medias viejas y gastadas de tantos caminos no andados, sino bailados. No importa que te estés tomando un té o acariciando el cuerpo, lo importante es manosear tu intimidad, tus sentimientos y tus pesares. Los tuyos y los míos, porque aquí no hay quien se salve. Yo por mí cuenta puedo zurcir las medias en plena calle, lo mismo que bailar, reír, besar o llorar, porque temprano en la vida he decidido liberar mi corazón de toda mordaza. Y así como públicamente he decidido vivir mi bendito lesbianismo, públicamente he decidido junto a unas cuantas más invitar a la construcción de una ética feminista (Publicado en *Mujer Pública*, julio de 2002) rompedora del control social, rompedora de las normas de obediencia y sometimiento. No es una ruptura caprichosa la que nosotras practicamos, rompemos construyendo una ética entre lo público y lo privado. Una ética de donde florezca de nuevo el orgullo y la dignidad, convertidas en alevosía de ser quien tú quieres ser. (CREANDO, 2005, p. 65)

Ao sair de um colégio alemão e entrar para a Universidad Mayor de San Andrés, no curso de Ciências da Educação, ela começou a fazer parte de um pequeno partido político de esquerda. A recusa em participar pela metade daquele espaço partidário, levou-a a retirar-se. Sobre esse período ela fala em entrevista:

Entonces yo me metí en la izquierda. Yo me metí en un pequeño partido político de izquierda con 18 años. Era un partido interesante, lindo, debatíamos muchas cosas. Pero cuando el comité central se reunía, nosotras las mujeres cocinábamos y ellos debatían. Cuando una compañera decía alguna idea interesante, no se continuaba debatiendo esa idea. Pero luego algún hombre tomaba la palabra, debatía esa idea, y entonces esa idea adquiría legitimidad e importancia política. Son ritos también que se reproducen en la izquierda, por eso nosotras tenemos el grafiti que dice “el hombre nuevo no sabe freír un huevo” y “no hay nada más parecido a un machista de derecha, que un machista de izquierda”. Entonces bueno yo estoy en el partido, dándome cuenta de estas cosas y además estoy en el partido, esquivando así (...) permanentemente, de hombres que buscaban relación sexual conmigo, no? Entonces la idea de que las mujeres cuando ingresamos a un espacio público, somos un botín sexual. Eso no es una pena, eso es un acto de poder (...) Entonces, a ver por cuantas clases de camas tienes que pasar para acceder a un lugar. Entonces ese es un rito de la

izquierda y la derecha tiene otros mecanismos que también son muy denigrantes. Entonces yo más o menos me cansé, me cansé pronto.<sup>24</sup>

A experiência partidária de Galindo foi decisiva na medida em que ela conviveu com a supressão do protagonismo feminino em um ambiente que propunha mudança social. Entretanto, a transformação proposta neste espaço aparentemente não incluía as demandas das mulheres como questão fundamental, já que reproduzia a lógica patriarcal da mulher restrita à esfera doméstica. Diante disso, María, junto com outras companheiras, tentou criar uma coalizão de mulheres. Como o partido não assumia essa coalizão, elas ameaçaram retirar-se:

Entonces el partido rechazó. Nosotras pensábamos que nos íbamos a retirar con todas las mujeres en bloque y nos retiramos solitas. Nadie más se retiró con nosotras, no? Entonces yo soy una mujer que he experimentado el fracaso muchas veces. Yo creo que el fracaso tiene mucho contenido y el éxito muy poco. No hay que fiarse...porque eso me hizo pensar muchas cosas.<sup>25</sup>

A formação educacional de María Galindo passou em grande medida, também, pela igreja católica, ainda que ela se considere ateia. Quando fugiu de casa, recorreu às freiras de Villa Copacabana, que havia conhecido quando trabalhava com alfabetização. As freiras, meio a contragosto, aceitaram-na no internato trabalhando com elas. Depois de um tempo, a hostilidade nas relações com o partido e os familiares tornou-se insuportável e ela deixou o país, mudando-se para Roma graças à ajuda das freiras. A ordem das Ursulinas italianas tinha uma casa generalícia na capital italiana e usaram de seu poder para tirá-la do país em 1985, quando acontecia na Bolívia a “marcha pela vida”, um grande protesto popular contra o fechamento de minas estatais e demissões que provocou reações violentas do governo, entre elas prisões políticas - a maioria de sindicalistas -, a tentativa de implantação de estado de sítio e a violação de direitos humanos.

Nos cinco anos que viveu em Roma, María Galindo aproveitou a condição de aspirante a freira para conseguir bolsas, trabalhos e formar-se em sociologia na universidade católica. Segundo ela, sua primeira opção era educação, entretanto, essa carreira era muito eclesiástica e preferiu a sociologia. María falava espanhol, alemão, inglês e italiano e, devido às suas habilidades, conseguiu um emprego de tradutora no ministério da Declaração de Santidade, onde chegavam informações do mundo todo. No período passado dentro da instituição, ela pôde ver a desigualdade de ensino pautada por gênero e esclarece que viu como

<sup>24</sup> Transcrição minha. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=Zhax7\\_jsy\\_s](https://www.youtube.com/watch?v=Zhax7_jsy_s)>. Acesso em 02/04/2017.

<sup>25</sup> Idem.



a igreja dava melhor formação aos homens que às mulheres - enquanto estas ficavam com o posto de catequistas, aqueles ocupavam o posto de teólogos. Apesar de a igreja ter desempenhado um grande papel em sua formação, ela diz que não lhe deve agradecimentos, pois pagou seus estudos com muito trabalho.

A trajetória de María Galindo se encontra com a do MC em 1992, após o retorno da Itália, quando ela e sua companheira à época, Julieta Paredes, o fundaram. Paredes nos mostra em entrevista ao programa *De Cerca*<sup>26</sup> que a iniciativa de criar o movimento também estava relacionada a uma experiência de diferenciação do feminismo de corte europeu e, paralelamente, a uma aproximação a feminismos latino-americanos. Afirma, ainda, que o caráter feminista anarquista do coletivo não era tirado dos livros. Elas tiveram contato com o feminismo na Europa quando estavam exiladas, afirma Julieta. Esse feminismo não as interessou porque percebiam uma falta de conexão com o conjunto de opressões presentes no contexto latino-americano, e, por isso, não se sentiram convencidas. O engajamento veio quando participaram de um encontro de feministas latino-americanas e caribenhas e entraram em contato com a prática e o conhecimento de mulheres que vinham da luta contra as ditaduras e haviam gestado um espaço de feminismo latino-americano mais próximo de suas realidades.

No Dossiê *Encontrando os Feminismos Latino-Americanos e Caribenhos* (ALVAREZ, S. E.; et al, 2003), as autoras defendem que os encontros de feminismos latino-americanos e caribenhos têm sido lugares críticos transnacionais, nos quais se remodelam identidades, discursos e práticas feministas. São espaços extraoficiais que vêm produzindo uma história rica e construindo solidariedades. Apoiando-se em Virginia Vargas:

Essa ação feminista transnacional foi orientada fundamentalmente para a recriação de práticas coletivas, fazendo uso de novas categorias analíticas, novas visibilidades, e até mesmo de novas linguagens inventadas pelos feminismos em nível nacional, nomeando aquilo que até então não tinha nome: sexualidade, violência doméstica, assédio sexual, estupro conjugal, a feminilização da pobreza, etc. (VARGAS, 1999, p. 30)

Os encontros como “arenas transnacionais” promovem novas formas de luta que cruzam as fronteiras, bem como debates e conflitos acerca, até mesmo, do feminismo em si.

Inderpal Grewal (2005) trata do feminismo transnacional, em uma intersecção entre os estudos pós-coloniais e a teoria feminista produzida nos designados centros intelectuais, como Estados Unidos. A perspectiva transnacional endereça uma crítica política e

<sup>26</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=cEoQHxVZk\\_g](https://www.youtube.com/watch?v=cEoQHxVZk_g)>. Acesso em: 13/08/2016.



epistemológica a modelos de feminismos pautados na ideia de um sujeito universal, estável e interconectado por uma espécie de “irmandade”. Haveria, portanto, um feminismo “hegemônico” no qual a categoria *mulher* encamparia e dissimularia sob o véu de um universalismo retórico um projeto político circunscrito em termos de classe, raça e nação. O feminismo transnacional, por outro lado, argumenta que modelos de “irmandade” que presumem um sujeito feminista branco e de classe média localizado no Norte Global ignora diferenças significativas entre mulheres localizadas global e localmente, bem como imagina as mulheres brancas como salvadores de suas “irmãs” em desvantagem.

Inderpal Grenwal (2005) entende que sujeitos, saberes e redes de saber-poder constituídas na unidade geopolítica cruzam e reorganizam fronteiras nacionais. Esses trânsitos por meio de “conectividades transnacionais”, fruto da rearticulação das fronteiras, têm um papel na construção de sujeitos racializados e generificados. Os feminismos, bem como outros discursos, circulam ao longo dessas conectividades transnacionais. O debate que coloca Grenwal interessa a este trabalho, no sentido de pensar o feminismo do *Mujeres Creando* de forma não isolada. O movimento afirma se construir, também, em conexões de solidariedade e conflito, articulando-se com outras políticas e territórios. Ao longo dos anos, transitou por muitos espaços locais e transnacionais que formam parte de sua constituição.

## 2. Costurando o Pano de Fundo: Bolívia contemporânea e o enfrentamento dos movimentos sociais

*Fotografia 2: Dispersando*



*Fonte: Mendonça (2013)*

O momento que antecedeu a criação do Mujeres Creando era, segundo elas, um tempo histórico de transição, em que, apesar das lutas da esquerda e da recente democracia, não se constatarem grandes mudanças nas vidas das pessoas, menos ainda nas vidas das mulheres. O coletivo, tendo participado do projeto político partidário da esquerda, como o relato de María Galindo citado anteriormente bem ilustra, elabora uma crítica e se diferencia deste projeto. Elas escrevem, em sua obra autobiográfica, *La Virgen de Los Deseos* (CREANDO, 2005), que a esquerda era incapaz de realizar uma autocrítica, fazendo uma análise medíocre e compartimentada do país sem reconhecer sua riqueza.

Nesse sentido, não era suficiente estar em um partido de esquerda, bem como não as satisfazia um feminismo fora de contexto. Segundo Julieta Paredes, a esquerda tradicional adota uma visão estruturada pelas clivagens entre as classes sociais e contraditória por fazer parte do governo ao mesmo tempo em que ignora o próprio papel de exploração que ocupa. Paredes denuncia o cinismo da esquerda e o fato de ela encarar várias demandas sociais como causas menores, por exemplo, as demandas referentes à luta das mulheres - que só poderiam ser atendidas quando ocorresse a tomada de poder. Essa era uma característica marcante na esquerda em outros países latino-americanos, momento em que se articulavam movimentos de feministas dissidentes de partidos políticos.<sup>27</sup> Deste modo, elas se recusaram a esperar e abriram seu próprio espaço. Pode-se dizer que essa cisão com os partidos, criando um outro lugar político para o Mujeres Creando, diz muito da urgência em se tratar dos temas que fazem parte da vida corrente das mulheres.

Após o encontro com os feminismos da América Latina e Caribe, Julieta Paredes afirma em entrevista que o coletivo, recém-formado, começou a buscar as raízes da rebeldia no seu próprio contexto. Nesse esforço por encontrar indícios da resistência de mulheres na Bolívia, elas dizem haver encontrado uma luta feminina por autonomia mesmo antes da colonização:

[A]ntes de la colonia existía toda una lucha, también, de las mujeres por su autonomía, o sea el paralelismo, el paralelismo de la dualidad o de la complementariedad, organizada de diferente manera. O sea las mujeres antes de la colonia, tenían acceso a la tierra, tenían sus propias diosas, el culto...o sea había un paralelismo de organización. Ahora, ese paralelismo obviamente estaba cruzado por los poderes y

<sup>27</sup> Na obra *A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade* de Margareth Rago, é possível encontrar nas trajetórias que acompanha a autora, e, por exemplo, no relato de Amelinha Teles (RAGO, 2013, p.130) a crítica com relação a falta de espaço e o desprezo para as questões de gênero nos partidos de esquerda por volta dos anos 80, na movimentação que ocorria contra as ditaduras militares.

luego con todo el asunto de las guerras, y bueno, las ocupaciones de otras culturas. Y ahí hemos empezado también a ver una otra raíz del aporte de la rebeldía femenina. ¿El juicio de extirpación de idolatrías, por ejemplo, nos da otro contenido de las mujeres rebeldes, culturalmente, científicamente, ideológicamente, no? Mujeres de la medicina natural, por ejemplo, que han sido quemadas, que han sido perseguidas. ¡No solamente por la inquisición, sino también por sus propios hermanos aymaras y quechuas! O sea las mujeres han sido despojadas, además de los colonizadores, por sus propios hermanos que han ocupado sus tierras. Entonces todos estos elementos nos han ido dando una construcción mayor de lo que nosotras como identidad feminista hemos construido. O sea, nuestro feminismo es nuestro, es de Mujeres Creando, es con raíces nuestras.<sup>28</sup>

Alguns elementos históricos são retomados pelo grupo em seu processo de afirmação como a resistência feminina na Bolívia, os processos mais recentes de redemocratização pós-ditadura militar, a apropriação do discurso feminista pelas ONGs, as políticas estatais e a crise dos movimentos sociais. Algumas de suas integrantes nasceram durante a ditadura e os processos de mudança estão presentes diretamente em suas trajetórias e na postura crítica que adota o movimento, ainda que não de forma linear e contínua.

\* \* \*

No livro *Bolivia: Processes of Change*, de 2013, os autores John Crabtree e Ann Chaplin afirmam que a Bolívia tem se destacado dentre os países latino-americanos por buscar novas políticas de enfrentamento a velhos problemas. Eles argumentam que o governo de Evo Morales, presidente eleito duas vezes com grande apoio popular, tem uma voz que questiona as políticas estrangeiras (por exemplo, o cultivo de coca frente às medidas estadunidenses de erradicação da cocaína), lança seu grito nos debates sobre mudança climática, expande suas relações com outros países, dentre outras atitudes. Os autores identificam na Bolívia um movimento de olhar para si mesma, e não apenas projetar-se como uma vitrine barata aos olhos estrangeiros. Neste processo, percebem-se mudanças na participação política da sociedade e a maior presença de grupos historicamente marginalizados, como a população indígena e as mulheres. Os autores afirmam que é característica da Bolívia a forte organização popular, os movimentos sociais desempenham um papel de grande impacto na política e compõem uma história de empoderamento, avanço social e bem-estar material.

A experiência das pessoas comuns em diferentes partes do país possibilitou analisar as dificuldades de mudança nos padrões de desenvolvimento de um dos países mais pobres da

<sup>28</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=cEoQHzVZk\\_g](https://www.youtube.com/watch?v=cEoQHzVZk_g)>. Acesso em 13/10/2017.

América Latina, segundo Crabtree e Chaplin (2013). O estudo foi feito em diferentes regiões da Bolívia e reflete a heterogeneidade de organizações. Conta uma história de ação coletiva e organização popular, dizendo algo de uma “cultura política”. Porém, o conceito de cultura política é difícil de definir e os autores nos mostram que os legados do passado afetam o modo como as pessoas lidam com o presente e sua postura diante da política. Os problemas de cada local só podem ser entendidos em seu contexto. Apesar disso, “nenhum país é uma ilha” [*“no country is an island”*], como afirmam eles. Não apenas a experiência boliviana deixa um legado para seu povo, como também transborda suas fronteiras. Sua história de insurgência, organização e solidariedade social se tornam relevantes para toda a América Latina.

O regime militar, que se iniciou na Bolívia na década de 60, instaurou massacres nas minas e o movimento trabalhista, bem como outras parcelas da população, enfrentou terríveis atos de agressividade, intimidação e exílio. Em torno de 1978, depois de longas greves e protestos, a força dos movimentos sociais e sindicais frente à relativa fraqueza do Estado trouxe de volta as eleições e forçou a retirada dos militares em 1982. Segundo Crabtree e Chaplin (2013), ainda que não fosse mais uma ditadura, a situação do país era vacilante, houve uma experiência de hiperinflação, uma exagerada liberalização da economia sob o novo governo de Victor Paz Estenssoro, e tempos difíceis para os movimentos de trabalhadores. Um retrocesso enorme no campo dos direitos trabalhistas, já que com a desvalorização do estanho muitas mineradoras estatais foram fechadas, despedindo cerca de 27 mil trabalhadores, sendo que o maior beneficiário neste cenário foi o setor privado.

Os autores observam que o empreendimento neoliberal continuava forte e, não por acaso, atingiu seu auge no governo de um dos mais ricos empresários de mineração, Goni (Gonzalo Sánchez de Lozada), cujo mandato foi marcado pelas privatizações. As ideias de participação popular, descentralização e o prometido “*welfare state*” vieram em forma de ganhos sociais revertidos, desemprego, pobreza e desigualdade social. Segundo Crabtree e Chaplin (2013), mudanças já estavam em curso a despeito do avanço neoliberal. O movimento campesino, que foi em grande parte cooptado pelo aparelho estatal, agora adquiria maior independência; crescia o indigenismo e o Movimento Katarista no altiplano reunia o campesinato Aymara. Outros atores políticos também entravam em cena, como a federação de campesinos e a confederação de migrantes das terras altas, juntamente com os *cocaleros*.<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> Pessoa que se dedica a cultivar a planta de coca, também se refere ao movimento social campesino dos *cocaleros*.

O fechamento das minas públicas em 1985 fez com que a força de trabalho organizada e politizada fosse para outras partes do país. A dispersão teve seus efeitos, mas não impediu a organização dos trabalhadores, cujas lutas continuaram, o que resultou, já neste século, na marcha indígena de Trinidad (Beni) a La Paz, o movimento contra a privatização da água em Cochabamba (*Guerra del agua*) e em protestos contra as novas taxas municipais em El Alto. Crabtree e Chaplin (2013) notam que a descentralização e a participação popular geraram avanços em escala local, benefícios do ponto de vista das organizações de base e dos recursos às municipalidades.

Na década de 90, após a assembleia pela soberania dos povos, o MAS (Movimiento al Socialismo) foi concebido, recusando a categoria de partido político que foi manchada pela fama de corrupção e atingida por uma crise de representação. Segundo os autores, sua razão era ser instrumento político do campesinato e dos produtores de coca. Pode-se dizer que o MAS soube aproveitar o momento de protestos pelo qual passava o país, a crise dos partidos políticos que o governavam desde o fim da ditadura militar e o restabelecimento da democracia. Ele veio prometendo dinamismo para a política, tinha uma ideologia nacionalista e uma nova política indígena. A campanha contra a erradicação da coca foi emblemática no sentido de reafirmar a identidade indígena da maior parte da população com a folha de coca como símbolo e um apelo contra os Estados Unidos da América.

Entre 1999 e 2000, os movimentos sociais de Cochabamba, envolvidos na chamada Guerra da Água, triunfaram com seu grito de não privatização desse bem natural, demonstrando mais uma vez na história boliviana as debilidades do governo vigente. Alguns anos depois, em 2003, houve outra explosão social, a dita Guerra do Gás. Desta vez em El Alto, contra a arbitrária venda dos suprimentos de gás para os Estados Unidos através do Chile. Um episódio sangrento que levou à morte de 67 manifestantes e colocou fim ao governo de Sánchez de Lozada. Para Crabtree e Chaplin (2013), esse evento foi encarado por muitos como um marco na organização popular, portanto, falaremos um pouco mais detalhadamente dos desdobramentos desta situação que contou com a participação do Mujeres Creando.



### 3. Guerra Roja

Fotografia 3: Sem título



Fonte: Mendonça (2015)

Em setembro de 2003, começaram os bloqueios respondendo à tensão em torno do destino de exportação do gás natural. No livro *La Virgen De Los Deseos*, o Mujeres Creando conta do bloqueio feito pela localidade rural de Warisata. Esta medida impediu, consequentemente, que um grupo de turistas saísse de Sorata e gerou uma operação militar do governo para resgatar os turistas, a qual reprimiu brutalmente o povoado. Três pessoas morreram, dentre elas a menina Marlene Rojas. O MC reagiu manchando as paredes do palácio do governo de vermelho, simbolizando as mortes. A palavra para vermelho em espanhol é *rojo*. O sangue é um substantivo feminino e sua cor, consequentemente, é *roja*. Rojas é o sobrenome da criança morta na repressão e vermelhas se tornaram as paredes em protesto.

O sangue derramado na chamada Guerra do Gás teve consequências desoladoras para o povo Aymara, segundo o Mujeres Creando:

Para la cosmovisión aymará quien muere asesinada no puede descansar, su alma se queda allí mismo penando, eso exalta el llanto agudo de las mujeres, mientras los hombres aprenden a llorar también. No queremos ni mencionar el número de muertes porque para nosotras es fundamental que ninguna muerte se convierta en un número

y que las razones fundamentales de esta lucha no pierdan la perspectiva de las historias propias y únicas de cada una de estas vidas hoy muertas, no queremos esta lucha disuelta en la importancia de la muerte, sino en el respeto a la vida. Toda la ciudad de El Alto es un velorio que lo pueden contener únicamente las calles, porque no hay salón, ni iglesia, ni lugar donde quepa todo el dolor y el luto, por eso el cielo mismo ha cambiado su color azul por un rojo sangrante por todos los y las que se murieron desangrando sin poder ser trasladados a los escasísimos hospitales de la ciudad más pobre de América Latina. (CREANDO, 2005, p. 122)

Algumas integrantes do MC participaram das mobilizações que se iniciaram em El Alto de diversas formas, como por meio de caminhadas e greve de fome. A necessidade de visibilizar a massiva participação de mulheres na revolta e diversificar as pressões de uma forma não-violenta foi o que mobilizou a greve de fome feita pelas integrantes do Mujeres Creando (María Galindo, Florentina Alegre, e Luz, presidenta das trabalhadoras sexuais de La Paz). A greve de fome não teve a repercussão esperada e o grupo assumiu o papel de reescrever essa parte da história, bem como escreveu um texto crítico aos atos estatais que homenageavam Marlene, vítima das operações repressoras. Os turistas, segundo elas, foram um pretexto para a violência, suas peles brancas e seus passaportes do Norte fizeram com que o Estado justificasse sua aliança aos estados coloniais do Norte para ocupar com armas um povoado desarmado. Segundo o movimento, toda a violência causou um sentimento de impotência e de que a única saída no momento era ceder, entretanto, o MC ressaltou que a resistência continuava e se intensificava:

mágico y misterioso es el límite de los pueblos y el nuestro ha llegado. Poco a poco, a ritmo accidentado y tentando los caminos, la protesta social boliviana crece día a día y los mismos sumisos y sumisas de ayer, hoy han convertido a las calles de la ciudad de La Paz en un foro ininterrumpido de 8 horas diarias de protesta conjunta. (CREANDO, 2005, p. 120)

Esse momento na história boliviana levantava o questionamento de quantos milhões em recursos naturais, como o gás, já não haviam evadido do território nacional. Diante disso, as duas demandas que mais se destacavam eram a renúncia imediata de Sánchez de Lozada e a queda da lei de hidrocarbonetos que beneficiava as transnacionais na expropriação do gás. Segundo as Mujeres Creando, é uma guerra do Estado e da oligarquia racista associada com as transnacionais contra um povo. O grupo defende que a falta de uma liderança única dava margem para que certos setores se aproveitassem da situação para legitimar-se em sua busca por poder. Alguns nomes citados por elas são: Evo Morales, do MAS, Felipe Quispe, do Movimiento Indigenista Pachakuti, Jaime Solares, da Central Obrera Boliviana e Vargas, ex-comandante de polícia. Segundo elas:

quienes en sus declaraciones apuntan a responder al racismo de la oligarquía exaltando el racismo indigenista y la respuesta violenta sin saber leer ellos tampoco que las movilizaciones populares donde es el pueblo liso y llano el que ha puesto el cuerpo han sido y son movilizaciones pacíficas, de resistencia civil generalizada, son movilizaciones casi espontáneas donde el control social directo lo ejerce el pequeño grupo de vecinas y vecinos. Contribuyen en esta hora trágica pues estos “líderes” entre comillas, contribuyen a la destrucción del tejido social que nos une, tejido social donde las relaciones de alianza, de solidaridad y de unidad son fundamentales, pero invisibles para ellos. (CREANDO, 2005, p. 124)

O Mujeres Creando estabeleceu laços de solidariedade dentro de seu território naquele momento e criou um elo com outros locais e pessoas por meio de crônicas. O Colectivo Situaciones, da Argentina, fez um paralelo com seu próprio contexto e afirma que as crônicas enviadas pelo MC o mantiveram conectado com a revolta e os acontecimentos da guerra do gás.

Aquele outubro de 2003 é analisado por Raúl Zibechi (2007) como um evento que superou formas de autoridade e organização social anteriores. Isso porque mostrou a fortemente organizada relação de cooperação entre vizinhos na cidade de El Alto, as chamadas “juntas vecinales”, e as novas formas e métodos de luta improvisados por aquele “mar de cidadãos”. O autor descreve da seguinte forma:

A partir del sábado 11 de octubre de 2003, “una enorme fuerza vecinal se desplegó a través de las calles”, realizando bloqueos, vigílias, fogatas, profundas zanjas, “una fuerza que a pesar de estar circunscrita a su territorio rebasó estos límites e incluyó a todas las personas que quisieran unirse a las movilizaciones”; esta fuerza social creó comités y redes de comités y comisiones especiales, “unas encargadas del abastecimiento alimentario para su zona y para colaborar con otras, también preparaban la defensa, y otras encargadas de hacer y cuidar las zanjas y barricadas”. Véase que en la base de todo el movimiento insurreccional lo que hay es una “organización” indivisa que es a la vez comisión de abastecimiento y de defensa, que asegura la sobrevivencia y la acción militar. En suma, un cuerpo único, un organismo, crea unidades para desempeñar las diferentes funciones necesarias para su sobrevivencia (...) No formaban una inmensa columna única, que podría haber sido reprimida fácilmente, sino que eran como el agua que crece en oleajes pero a la vez desborda, golpea, se adapta al terreno, aparece por los lugares menos pensados: implacable, contumaz, inaprehensible. (ZIBECHI, 2007, p. 102-103)

A rebelião abrangeu as principais cidades bolivianas e suas áreas rurais. Para Zibechi (2007), a falta de simetria da atuação dos insurgentes com o Estado é uma das razões dos êxitos obtidos desde os anos 2000 e, também, em 2003. As formas de ação adotadas na revolta, como assembleias e sistema de turnos, são relações comunitárias presentes na organização e trabalho das cidades e do campo. Segundo o autor, essa sociedade que se coloca em movimento possui outras relações e formas de se organizar através de relações auto articuladas, não capitalistas e centralizadas. Há, por exemplo, os “Carteles”, formas de organização coletiva com turnos obrigatórios e tarefas diversas, sem caráter permanente, sendo



às vezes articulados de forma transitória para ação militar de enfrentamento de agressões em momentos de emergência.

Sobre a organização do movimento, as “comunidades barriais” reúnem-se em assembleias massivas no espaço das praças. A concentração, entretanto, não permanece estática, depois das tomadas de decisão; ela se dispersa em bloqueios, marchas, vigílias, comunicações, atitudes solidárias, missas, dentre outras ações, além de sucessivos momentos de agrupamento e dispersão em concentrações massivas, superando a escala inicial. Zibechi (2007) descreve a importância dessas relações sociais na composição urbana, mostrando como a cidade se organiza de forma peculiar a partir, também, da relação com os espaços públicos:

Estas relaciones sociales son visibles también en el modo como los alteños han construido su espacio urbano. La trama urbana alteña es diferente a la de otras ciudades: la amalgama de barrios autoconstruidos, diferentes entre sí, ha hecho que no existan largas calles interiores lineales que funcionen como panópticos. Fuera de las grandes avenidas, que son las carreteras de entrada y salida a La Paz, el panorama es una red intrincada de laberintos barriales, con infinidad de calles sin salida, que se retuercen y dan vueltas sobre ejes invisibles o inexistentes (...) La vida barrial gira en torno a las plazas y canchas de fútbol que condensan las relaciones sociales comunitarias y son los espacios en los que se expresan y cobran forma. En general son los primeros espacios en ser construidos por los vecinos en forma colectiva, y la disputa por la apropiación de esos espacios ha sido fuente de intensos conflictos que dan forma a un “nosotros” barrial-comunitario, a la vez que separa los vecinos y su junta vecinal de los “otros”. (...) Los espacios públicos no sólo son sentidos como propios por los vecinos al haberlos construido ellos mismos, sino que se los vuelven a apropiar periódicamente, en las fiestas, con el deporte o mediante las asambleas de las juntas vecinales (...) Las plazas tienen sus propias historias en las luchas sociales urbanas de Bolivia, como espacios privilegiados para el intercambio al interior de los sectores populares. Por eso no llama la atención que durante las jornadas de octubre hayan sido el espacio en el que los vecinos, actuando como comunidad, tomaron las decisiones más importantes. Fueron nodos de condensación comunitaria y de intercomunicación. (ZIBECHI, 2007, p. 114-116)

\* \* \*

Das demandas que emergiram nessa revolta, configurou-se a Agenda de Outubro. Retomando a leitura de Carbtree e Chaplin (2013), essa agenda concentrava uma série de propostas que guiaram o governo do MAS, com a eleição de Evo Morales após a votação de 2005, como, por exemplo, a revisão da constituição que datava de 1967 e começou a ser efetivamente reescrita contando com uma nova redação dos direitos indígenas. Não só o novo texto afirma a crença na pluralidade étnica, como o próprio nome de República da Bolívia foi substituído por Estado Plurinacional da Bolívia. As autonomias também foram previstas em lei, o respeito à uma educação bilíngue, ao território, à representação, à consulta aos povos

tradicionais quando se trata de seus meios de vida, dentre outras questões de grande importância.

No ano de 2006, o governo de Evo Morales representou um momento de ruptura e de mudança política muito simbólico. Segundo John Crabtree e Ann Chaplin (2013), havia um sentimento de proximidade com o presidente, por ele ser um deles, uma pessoa do povo que muitos conheciam de perto. Um filho de camponês indígena se tornando presidente foi uma imagem que girou o mundo. Para os autores, significou cair por terra a crença de que somente um branco com educação formal poderia ocupar tal cargo ou tal tipo de função. Um governo que incluía muitos representantes dos movimentos sociais e que foi inaugurado evocando a ancestralidade originária, por uma celebração entre indígenas de toda a América, no símbolo pré-colombiano das ruínas de Tiwanaku. Não mais uma supremacia política de elite.

Ainda segundo Crabtree e Chaplin (2013), o primeiro mandato de Evo (2006-2010) começou com otimismo. O slogan ‘Bolivia Avanza – Evo Cumple’, se mostrava efetivo com o cumprimento de algumas promessas: a Assembleia Constituinte, a reescrita da constituição, e a nacionalização dos recursos de hidrocarbonetos. Em seguida, vieram as críticas e o processo de transformação mostrou-se mais difícil na execução prática. Mas as diversas mudanças que ocorreram são irreversíveis e abriram espaço para novos atores emergirem na cena política boliviana. Os autores afirmam que os movimentos sociais resistem e sobrevivem às tentativas de aniquilamento e isso enfatiza suas fortes raízes na sociedade civil e sua capacidade de proteger grande parte de sua autonomia de ação cria uma barreira às imposições estatais, de forma que as enfraquece.

Com o passar do tempo, o governo não conseguiu atender a muitas das demandas populares, principalmente ao tentar implementar as mudanças previstas em lei e o relacionamento entre o MAS e os movimentos sociais mostrou sua faceta de ambiguidade. Os *cocaleros*, a confederação dos campesinos (CSUTCB) e a federação de mulheres campesinas Bartolinas Sisas, eram organizações mais integradas ao MAS, já outras mantiveram-se afastadas preservando suas autonomias. No estudo e nas entrevistas realizadas por Crabtree e Chaplin, fica subentendido que o governo aparentemente defendia algum movimento social em troca de apoio incondicional. Um dos temas que se destaca nesse período de desgaste é a tentativa de se construir uma estrada que passaria pelo Territorio Indígena y Parque Nacional Isiboro Sécore (TIPNIS) e as reações em torno dela. As pessoas se organizaram em luta pela defesa do território indígena.

É inegável que em alguma extensão, não banal, o governo de Morales foi acompanhado de uma maior inclusão social e empoderamento dos movimentos sociais que têm tomado corpo na Bolívia:

O desenvolvimento dos movimentos sociais tem sido um produto das transformações políticas e sociais que tomaram lugar ao longo de muitos anos, mas particularmente nos 1990's e nos primeiros anos do novo milênio quando estes movimentos emergiram como poderosos atores políticos, ambos localmente e nacionalmente. Eles foram a consequência, em parte, dos processos de urbanização e educação que têm intensificado o ritmo através das décadas. Eles também eram uma resposta às reformas de liberalização da economia dos anos 1980 e 1990, e a raiva das pessoas com os resultados. Finalmente, eles eram o resultado do eventual colapso de um sistema político de 'democracia pactuada', um sistema de elite dominante que falhou em atender às necessidades e aspirações de grandes setores da população, e que contribuiu para a ruptura institucional no período anterior à 2006.<sup>30</sup> (CRABTREE e CHAPLIN, 2013, p. 174)

Concomitantemente, houve a cooptação tanto dos discursos quanto de lideranças dos movimentos sociais, criando conflitos entre as demandas do movimento e os interesses estatais. Segundo Crabtree e Chaplin (2013), a desmobilização dos movimentos sociais se deu por razões como a falta de uma agenda comum e a absorção de líderes sociais na administração pública. Eles constatarem que é comum que essas lideranças sejam compradas ou desviadas de seus propósitos para outras atividades e acabam por ser removidas das preocupações cotidianas de quem as escolheu como representação.

Na obra citada, os autores defendem que os processos de mudança que tomaram o país, especialmente durante os mandatos de Evo Morales, são os mais significativos desde a revolução nacional de 1952. Entretanto, o apoio ao governo, ao longo das decepções que ocorreram na aplicação prática do discurso presidencial, foi balançado. Quando retornei da Bolívia, em fins de 2015, havia uma efervescência em torno do “Sí” ou do “No”, um plebiscito que votava a favor ou contra a mudança na Constituição que permitiria uma terceira reeleição de Evo. Como citado, este governo foi acompanhado de uma ampla gama de conquistas sociais, mas também de fricções, ambiguidades e tensões. Entre a popularidade e a rejeição, a resposta de duas votações em plebiscito foi um não. As ruas de La Paz e El Alto se tornaram arenas de debate, os muros pintados de “Sí” e “No” por toda parte eram como cartazes de um longo protesto.

Silvia Rivera Cusicanqui, professora e socióloga boliviana, em entrevista para o Indian Country Today Media Network, em Nova Iorque, afirma que teve esperanças quando

---

<sup>30</sup> Tradução minha.

Evo chegou ao poder. Entretanto, ele almejava poder centralizado, segundo ela, um pensamento da cultura dominante na Bolívia desde a revolução de 1952:

A ideia de que a Bolívia é um estado fraco e precisa ser um estado forte – esta é uma ideia recorrente, e se tornou o auto-suicídio da revolução. Porque a revolução é o que o povo faz – e o que o povo faz é descentralizado. É um pensamento megalomaniaco ter uma ‘nação forte’. É um complexo de inferioridade. Acho que deveríamos ter muitas razões para sermos felizes com a maneira como somos (...). Eu diria que a força da Bolívia não está no estado, mas no povo. E o povo tem sido forte e teimoso o suficiente para ser o que somos, e colocar seus próprios desejos como termos e condições para o que irá mudar. E é isso o que salva este processo de Evo. O que salva é que existem pessoas detrás dele que não foram completamente compradas, e elas dependem de si mesmas (CUSICANQUI, 2018, p. 12)

Ela discorre sobre a peculiaridade do povo boliviano que se encontra na diversidade, na comunidade e na localidade e acredita que seu povo tem uma grande habilidade de fazer redes, entretanto, há muitos bolivianos em diáspora. Para a autora, é justamente a força do Estado, e não sua alegada fraqueza, que expulsa muitas pessoas. Para Cusicanqui, a questão da força do Estado não deve ser o norte do governo, essa perspectiva só faz dificultar a vida das pessoas, homogeneizando-as e controlando-as:

Todo o programa de Evo é baseado na ideia de centralização do estado e tornar o estado mais forte. E o que acho que faz a Bolívia um caso tão especial em termos de indigenidade é o fato de que somos muito descentralizados. Existe uma localidade, comunidade, rede – e, ao mesmo tempo, a habilidade de cruzar fronteiras entre localidades. O que eles chamam de ‘Guerra do Gás’ aconteceu porque muitos, muitos distritos locais e grupos chegaram a mesma conclusão. É por isso que uma pequena faísca incendiou o todo. Porque a prontidão estava lá no nível local. O Rádio foi muito importante para coordenar um movimento descentralizado (CUSICANQUI, 2018, p. 16)

#### **4. Da centralização à Tecnocracia de Gênero, por um Feminismo Autônomo**

*No vamos a desarmar la casa del  
amo con las herramientas del amo.*  
(CREANDO, 2005, p. 117)

A homogeneização e centralização que denuncia Cusicanqui (2018) vão à contramão da organização social nos últimos conflitos populares, anteriores às eleições de 2005, como a Guerra do Gás. Apesar disso, a crítica do coletivo Mujeres Creando é dirigida aos movimentos que, segundo elas, estão sem vida atuando como subsidiários e legitimadores das políticas estatais de opressão e dominação. Eles demandam, negociam, fazem *lobby* e chegam em consensos forçados (CREANDO, 2005, p. 54). A ação feminista do Mujeres Creando tem

em conta essa crise dos movimentos sociais e atua em oposição à uma ética neoliberal. O grupo diz interpelar, propor, dialogar, entrar em conflito e, dentre outras coisas, transformar.

En la búsqueda de unir ese conjunto de acciones y hacerlas movimiento subversivo, hacerlas rebelión conjunta de lesbianas, indias, prostitutas, divorciadas, discapacitadas, desempleadas y de todas las fuentes inagotables de identidades que nos habitan contemporáneamente... en esa búsqueda es como nosotras nos hacemos feministas. Partimos del hecho de reconocernos, a nosotras y a la otra, como mujeres habitadas por profundas contradicciones; reconocer en nuestro propio interior alianzas autodestructivas –a veces indescifrables- con nuestra opresión. (...). Por esas turbadoras contradicciones hemos escogido el feminismo, empeñadas en la ética de la coherencia entre lo público y lo privado, en el no-totalitarismo de ningún deber ser absoluto, en el camino que nos conduzca siempre y de nuevo al diálogo con la otra; dialogo que me permite entrar dentro de mí misma para no perderme, para no vender ni mi cuerpo ni mi alma. Por esto no nos adaptamos al hecho de que se pretenda hoy, dentro del propio feminismo, recoger esas identidades y convertirlas en cosas inertes, en una mercancía cuyo valor reside en negociarlas con el opresor para ocupar puestos dentro del sistema. (CREANDO, 2005, p. 54)

Há uma percepção de um discurso de gênero que, segundo elas, é manejado no governo por uma série de grandes ONGs, sem efetivamente concretizar-se na sociedade civil e desligado da construção filosófica do feminismo e da transformação social. Fazem crítica ao que chamam de “tecnocracia de gênero”, financiada também por capitais externos como o Banco Mundial, um discurso político apropriado que se acomoda e colabora ao plano neoliberal, e que, segundo María Galindo, se configura em uma retórica sem aplicabilidade social e permite uma reciclagem das formas de dominação patriarcal. O Mujeres Creando afirma que foi a partir das ONGs e suas redes que se deu a institucionalização do feminismo, um processo de aliança com as mulheres do Norte que chegou no momento atual com o abandono dos valores iniciais como a solidariedade e o anticolonialismo. Essas organizações, em sua maioria, se tornaram aliadas dos partidos e do Estado:

las oenegés han jugado el doble juego de erigirse en intermediarias del movimiento de mujeres en su conjunto. Su discurso está plagado de la confusión deliberada y oportunista entre movimiento y oenegé (...) Patéticamente, estamos frente a un discurso sobre una tercera persona que es la mujer en general, sujeto que –por abstracto- está amordazado y que, al no plasmarse en un referente concreto en la realidad, ha servido de velo encubridor de gastadas hegemonías de clase, raza y edad. Esta hegemonía ha optado por adecuarse a los criterios de representación de la democracia formal vía partidos políticos y esquemas de gobierno; se ha convertido así en un correlato femenino del propio patriarcado que pretende monopolizar el tema de la participación de la mujer. (CREANDO, 2005, p. 56)

Esse processo empreendido pelas ONGs, segundo o grupo, prejudicou a representação e a democracia sindical construída na resistência à ditadura e visto como importante movimento em direção à participação das mulheres, também passa por cima da

necessidade da dissidência como princípio feminista de não-representação. A questão que aponta o Mujeres Creando é que as “tecnocratas de gênero” se tornaram intermediárias do poder:

Se han dado a la tarea de conjugar, de encajar, de incorporar al discurso dominante la perspectiva de género, esfuerzo que tiene hoy sus frutos: la muerte del género como categoría develada y la necesidad de superarla. Esto ha convertido al género en una especie de condimento, complemento adjetivo del modelo de desarrollo –del desarrollismo–, haciendo viable y pensable un neocolonialismo, un neoliberalismo con perspectiva de género y sin siquiera la más tenue impugnación de su carácter patriarcal que es su característica esencial (...). La tecnocracia de género se ha constituido en una élite que ha ido rompiendo en su práctica sus vínculos afectivos y políticos concretos con el movimiento (...) como grupo elitista y asimilado a las cúpulas nacionales e internacionales, es el principal vehículo de cooptación del discurso y el lenguaje feministas. La cooptación de este lenguaje tiende a neutralizar su fuerza expresiva y a instalar la confusión semántica para que no sepamos de qué estamos hablando (...). La cooptación separa al sujeto colectivo de su propia producción. (CREANDO, 2005, p. 57-58)

O Mujeres Creando tem uma utopia de transformação que diz se diferenciar da concepção das “tecnocratas de gênero”. Galindo afirma que essa tecnocracia conseguiu sufocar diversos movimentos de feminismo. Um dos esforços das Mujeres Creando é recuperar esses espaços, pois sua intenção nunca foi serem as únicas que ocupam esse lugar de movimento social, pelo contrário. Dessa forma, criar um espaço pelas e para as mulheres e fazer reviver um feminismo dito autêntico frente a essas forças que representavam o Estado, as ONGs e as IFIs (Instituições Financeiras Internacionais), que não representavam apropriadamente as mulheres, foi uma das motivações essenciais para que se desenvolvessem como movimento autônomo.

O MC ressignifica as palavras movimento e autonomia a partir da prática política, pois, segundo elas, ocorre uma confusão semântica com esses termos. A autonomia como um parâmetro da ação do movimento, ocupa para elas

un papel ubicativo: ¿dónde queremos estar, donde sembraremos la semilla de nuestro trabajo y para quién cosecharemos esos frutos? Por eso hablamos de una autonomía respecto de la hegemonía cultural, política, económica, militar, nacional e internacional. Nos parece fundamental establecer la autonomía respecto a la hegemonía, porque la hegemonía –o lo hegemónico– es un concepto que va más allá del Estado, del gobierno o de cualquier institución específica. Hegemonía se refiere más bien al control y dominio de mecanismo sociales, políticos, económicos y culturales; un control que tiene, además del componente de clase, componentes de raza, edad, sexo, religión y sexualidad. Un control que puede ser estatal como también para-estatal. La autonomía es pues una relación de no-dependencia, de independencia y de soberanía. Ese es el contenido: soberanía en mis decisiones y en el modo de expresarlas. (CREANDO, 2005, p. 59)

Portanto, a autonomia, segundo o MC, não pode estar sujeita à conveniência, por exemplo, no caso de um partido político, o sujeito não pode se dizer autônomo se ele responde

ao trabalho dentro da estrutura de partido. Para o *Mujeres Creando*, a base essencial da iniciativa coletiva é a autonomia de decidir sua própria ação. Autonomia esta que não anula os processos históricos coletivos e a possível interpelação direta ao poder.

O *Mujeres Creando* se propõe a um diálogo horizontal e aberto em todas as direções. Suas integrantes rompem com a ideia de movimento social como apenas uma lista de demandas que, através de mediações, tem como único interlocutor o Estado. Sua postura é de descrédito do Estado, segundo elas, este encarna enunciados para camuflar a realidade racista, machista, classista e de opressão. O movimento se propõe um espaço de subversão dessas relações de dominação ao negar o papel de clientes do poder estatal. A legitimidade busca, então, se construir na dinâmica social.

Esto será posible si como movimiento construimos una dinámica interna, hacia dentro de nosotras y entre nosotras. Por eso entendemos movimiento principalmente como un tejido de solidaridades, donde las búsquedas existenciales no sean ajena –sino que nutran - a las búsquedas colectivas. Tejido de solidaridades donde encontremos la complementariedad mujer-mujer, complementariedad con la otra misteriosa, diferente a mí, nueva y desconocida para mí; solidaridad que nos conduce a un encuentro de diversidades: las indias, las lesbianas, las mujeres que hemos escogido no dejarnos engañar por los privilegios que el sistema nos ha ofrecido en bandeja dorada. (CREANDO, 2005, p. 59)

Este “tecido de solidaridades” a que se referem é, segundo elas, um compromisso com a segurança, o afeto e a vida das mulheres que fazem parte dele. A ideia de tecido, neste caso, se configura em uma potente metáfora de união, a qual, arrisco dizer, se transforma em uma das bases da costura que carrega o movimento, no qual, imagens e enunciados como este são elementos de coesão entre as mulheres que fazem parte do projeto coletivo.

Para vislumbrar esse tecido de solidaridades, elas conceitualizam uma ideia de feminismo que é vital para o movimento:

El feminismo latinoamericano puede ser muchas cosas: formas de concebir la estética, estilos de vida, búsqueda de pócimas, alquimias de amor y pasión. No somos detentoras de una definición de feminismo, ni nos reconoceríamos en el intento de circunscribirlo. Pero lo que une esas formas, lo que les da sentido y vocación de utopía, lo que las nutre y se convierte en su fuerza principal es el hecho de que, trascendiendo todas esas formas diversas y enriquecedoras, el feminismo es un movimiento social y político, transformador y subversivo. En el momento en que la vitalidad de su carácter de movimiento se pierde, se adormece o se diluye, todo ese conjunto de prácticas se convierten en formas dispersas o, peor aún, en algunos casos se convierten en complementos decorativos y funcionales de políticas patriarcales. (Creando, 2005: 62)

Diante da dupla crise – de um lado, o Estado e o neoliberalismo e, de outro, os movimentos sociais –, o *Mujeres Creando* defende que é preciso reinventar radicalmente as



formas de organização, o discurso, a prática e os espaços de luta e sair do processo de frustração que envolve demanda, vítima, negociação e desgaste, segundo elas, um círculo vicioso vivido pelos movimentos sociais hoje na Bolívia. Retomar a palavra é parte desse processo que constitui um feminismo autônomo e vivo:

Afirmo que la puta es mi madre  
y que la puta es mi hermana  
y que la puta soy yo  
y todos mis hermanos son maricones  
y en esta afirmación eclipsa la familia patriarcal y  
los lenguajes del opresor.  
Sólo con estas afirmaciones recupero a mi madre y a mi hermana y a mi hermano y a mi misma en la lucha. Y con ellas y ellos, sólo así puedo recuperar un horizonte para mis sueños. Porque recupero así la palabra porque no hay lucha sin palabra y voz propia y solo esa voz es voz subversiva, lo demás es ruido y rutina ruidosa. Lo demás es hablar, sí, pero no alcanzar a decir nada. (CREANDO, 2005, p. 145)

Também é parte dessa luta retomar o espaço público de forma criativa. O MC busca construir palavras e linguagens e afirmam “muchas esperanzas sembradas en las calles” (CREANDO, 2005, p. 142), tomar o espaço público, segundo elas, como cenário de uma forma de vida, na qual as utopias abrem caminho entre os espinhos. Nesse sentido, o grupo surge para retomar esse espaço que, ainda hoje, continua a ser negado às mulheres.

Segundo Mónica Novillo Gonzáles em seu estudo *Paso a paso Así lo Hicimos: Avances y Desafíos En La Participación Política De Las Mujeres* (2011), o crescimento paulatino da participação das mulheres nos espaços de decisão formais e informais, os avanços e as conquistas em matéria de equidade de gênero, e participação política das mulheres se devem às ações sistemáticas, estratégias e esforços implementados por diversos movimentos de mulheres, instituições e organizações comprometidas com a igualdade em diferentes momentos históricos. Porém, as mulheres, mais da metade da população, continuam sub-representadas nos espaços de poder e enfrentam novos desafios para continuarem avançando na tarefa de descolonizar e despatriarcalizar, desmontando as bases dos sistemas de domínio, profundamente arraigados, questionando os modelos de distribuição de poder e desenvolvimento. No início da vida republicana, setores de mulheres reivindicavam o direito ao voto, mais adiante, em obter o reconhecimento da cidadania e, posteriormente, em conseguir ampliar a participação nos espaços de poder. Esse processo se dá em um largo processo de luta dos movimentos das mulheres, que exige respostas para suas demandas.

Las mujeres organizadas en diversos colectivos y organizaciones se han convertido en sujetas que han demostrado capacidad de llegar al sistema político con propuestas y desarrollar acciones de incidencia política, control social y exigibilidad. Este



movimiento también se encuentra en un nuevo ciclo en el que se produce el brote de nuevas actrices indígenas, campesinas, que no participaban del tradicional movimiento de mujeres, calificado como elitista e institucionalizado y que generan progresivamente su empoderamiento, y asumen voces propias en relación a SUS demandas y propuestas". (IDEA, 2011, p. 14-15)

Gonzáles salienta que, apesar da Bolívia ter adotado a forma democrática participativa, representativa e comunitária com equivalência de condições entre homens e mulheres, e ter conseguido maior presença das mulheres, principalmente indígenas, nos espaços de poder, persistem vários obstáculos a enfrentar como: a pobreza, condições estruturais, políticas, econômicas e culturais que determinam sua participação.

O Mujeres Creando elege não disputar a participação política nos espaços de poder, atuando de forma que não haja mediação institucional e, especialmente, no espaço público. Para a pensadora Hannah Arendt, em *Entre o Passado e o Futuro* (1972), a política está no campo do pensamento plural, associada à liberdade, e elas só se articulam com a existência do mundo público. A criatividade da ação política está assinalada pelo uso contínuo da liberdade pública que mantém viva e faz avançar as instituições. A autora ressalta a importância do mundo público, pois o fenômeno revolucionário teve um desdobramento lamentável,

As revoluções não conseguiram assegurar a felicidade pública porque não mantiveram um espaço público onde a liberdade como virtuosidade pudesse permanentemente aparecer na coincidência entre ação, palavra viva e palavra vivida. (ARENDT, 1972, p. 22)

A liberdade tem como condição o resgate do espaço público, da política. Segundo Arendt (1972), perdemos o espírito revolucionário, então ela nos propõe resgatá-lo para que não percamos o espaço público e sejamos obrigados a nos manter calados, o que não é exclusividade de tempos de guerra. Nesse sentido, o Mujeres Creando, ao negar-se à cooptação do Estado, não se calar e tomar o espaço público de maneira não institucionalizada, misturando-se aos transeuntes e dialogando com a liberdade, busca recuperar o espírito revolucionário.

Estar no espaço público politicamente é, praticamente, contar com enfrentamentos com a polícia. Para o MC o ofício da polícia é domesticar, ela é violenta e fica impune. A domesticação acontece sobre a conduta, sobre os costumes e a vida cotidiana. A polícia, como vigia das ruas, inibe a livre circulação de pessoas, e o Mujeres Creando recusa ficar segregado nos espaços privados, em vez disso, apropria-se do uso livre do espaço público, o encontro com o diferente e, afirma, expressar-se, dançar, amar, anunciar sonhos e deixar fluir as emoções nas ruas:

Por todo esto y por la necesidad urgente, vital, inmediata, irrenunciable y candente que tenemos de espacio, de libertad y de felicidad en nuestras vidas es que nosotras,

las Mujeres Creando, hemos hecho del oficio de contravenir y burlar normas nuestro principal oficio. Hemos hecho de la calle nuestro espacio comunitario, social e histórico. Hemos hecho de la calle nuestra más desafiante palestra política. Allí públicamente y sin dolor quebramos nuestros miedos. (CREANDO, 2005, p. 83)

Na perspectiva de María Galindo, La Paz é um lugar de conflito. Ela descreve a cidade em uma metáfora com o monte mais alto e simbólico da cidade, o Illimani:

El conflicto nos caracteriza tanto como el mismo Illimani. La calle es sin duda la piel de esta ciudad. Y como toda piel es sensible. Es el escenario político más importante y el lugar donde tejemos y destejemos nuestras relaciones sociales, montando y desmontando cada día de nuevo una ciudad de toldos, de turnos y de conflictos. Quien no ama el conflicto vivirá muy mal en La Paz, quien crece en La Paz aprenderá desde bien pronto en su vida que el conflicto nos caracteriza tanto como el mismo Illimani. (CREANDO, 2005, p. 199)

Ela afirma que a metrópole é um lugar de encontro e protesto e não está em poder da prefeitura, pensar isso seria uma ilusão, já que a cidade pertence aos seus habitantes que fazem de suas ruas uma “escola política” e um “fórum ininterrupto” (Creando, 2005: 200). Para Galindo, nas ruas de La Paz, se disputam identidades variadas e a característica que importa é a criatividade com que as pessoas se organizam nos seus afazeres no lugar público.

## 5. Estratégias de luta e diálogos com a prática feminista autônoma

*Desobediencia por tu culpa voy a ser feliz.*  
(CREANDO, 2005, p. 66)

A estética política é uma questão para o movimento. Galindo diz que se há algumas artistas no grupo é um fato casual, esse não é o critério central, elas não se unem pela arte, são antes *agitadoras callejeras* (CREANDO, 2005, p. 80). É por meio da criatividade que elas operam e constroem sua luta nas ruas:

(...) precisamente porque la calle es el espacio de interlocución directa con la gente a pie, es el espacio donde podemos manifestar abiertamente el planteamiento del feminismo de mujeres creando y porque constituye un espacio político. Tomar el espacio de la calle no solo con las grafiteadas sino también con acciones políticas en la calle, vamos instalando en el imaginario social no solo boliviano sino también hacia otros lugares del mundo, esta posibilidad de hacer frente a un sistema que a través de la alcaldía por ejemplo, te meten líneas de orden y ornamentación, es decir de una ciudad intocable. Vemos a tantas mujeres instaladas con puestos de venta, precisamente tomado la calle con un trabajo informal, pero al fin reapropiándose del

mundo público en ritmo y eclosión de pensamiento y expresiones, nosotras creemos en esta dinámica y no tenemos por qué dejarla de lado.<sup>31</sup>

A criatividade, para o movimento, excede a arte. O universo artístico, afirmam, é um lugar, em geral, de cooptação de linguagem, uma vez que trabalha para si mesmo, neutralizando a linguagem autêntica. A criatividade, por outro lado, é uma forma de recriar o mundo, pois o coletivo acredita que para a mudança social é necessária a desordem das relações sociais para criar novas relações.

Em 1993, durante as campanhas eleitorais para presidência, elas começaram as *grafiteadas*, mistura de grafite com *pintada* (picho). Segundo o movimento, os grafites, naquele momento, incitavam a abstenção nas votações, como forma de protesto diante das “mentiras democráticas”. Também denunciavam, assim como continuam a fazer até os dias de hoje, o racismo, as violências familiares, sexuais, estatais e institucionais.

O grafite no movimento é uma estratégia de luta, ele não perde o sentido com o tempo. Segundo elas, se as paredes falassem, elas pediriam grafite. Com esse método, também é possível falar o cotidiano de forma não hierarquizada e não temática. Ele permite expressar o dia-a-dia, que é também político, e que resiste nas paredes, podendo ser lido muitas vezes. Com ele, o MC defende que é possível romper a rotina política, o silêncio das mulheres e desordenar a ordem social (Creando, 2005:204). A escolha do espaço e do tempo, para o movimento, é também um processo de reflexão coletivo e uma forma de interpelação direta da população.

Em julho de 1992, criaram um espaço social, o Centro Cultural Feminista Café Carjada. A comunidade urbana, a princípio, não o entendia e tentava denegrir sua imagem, inclusive comparando-o a um bordel. Durante mais de um ano o movimento viveu, o que chamou de uma “onda de hostilidade”. Entretanto, resistiram e se conformou em um espaço que agregava utopias de mulheres diversas, como campesinas, cocaleiras, lésbicas, universitárias e mães. Não só se criou um espaço autônomo, como um pensamento e metodologia própria. Sua forma de ação foi desenvolvida a partir de instrumentos singulares de comunicação. Como afirmam:

Si su propósito era embellecer la vida la forma era el contenido, era la manera de dar ánimo y manifestar solidaridad, de protestar y denunciar. Cuando se rompió con el lenguaje de la izquierda vino una explosión fuerte de creatividad y poco a poco cada

<sup>31</sup> Disponível em: <<http://arainfo.org/2012/12/mujer-publica-revista-intercontinental-de-discusion-feminista-editada-por-mujeres-creando-de-bolivia/>>. Acesso em 10/07/2018.

una fue sacando sus propias formas para expresarse mejor. Los mensajes no tenían la intención de llegar a las capas politizadas de la sociedad, sino a la gente común y corriente en su cotidianidad”. (CREANDO, 2005, p. 41)

Os primeiros grafites surgiram deste espaço inicial do Mujeres Creando. O *Café Carcajada* foi segundo o coletivo, um local de aprendizado conjunto para articular os trabalhos manual, intelectual e criativo cultural, matriz que orienta as estratégias de luta política do movimento. Foi, também, no café que surgiu o jornal *Mujer Pública* e mais uma série de publicações e livros do grupo. A criação do *Mujer Pública* significou para o grupo o compromisso ético com sua proposta, sua palavra. Elas descrevem que, até então, a imprensa manipulava o que o Mujeres Creando dizia. A venda do jornal financiava sua impressão e a sua distribuição nas ruas, com ações de caráter teatral, abriu esse novo instrumento de comunicação, que segundo o movimento, gerou simpatia do público e abriu novos horizontes. O jornal, neste sentido, era um espaço de tomada da palavra e de escuta das mulheres.

Em 1995, algumas das Mujeres Creando se juntaram à marcha das mulheres cocaleiras que caminharam por seus direitos, de Chapare até La Paz, durante dois meses. Foi uma parceria muito importante para o MC, que qualificou a experiência, de incorporação na caminhada e das ações para combater a propaganda que era feita contra a marcha em La Paz, como uma das relações mais profundas com as mulheres campesinas. O Café Carcajada, na época ainda sede do movimento, segundo elas, se converteu em um espaço comunitário onde as mulheres, falando diferentes línguas (quechua, por exemplo), se comunicavam sobre sua situação.

As ações do grupo acontecem de forma pacífica, segundo elas, sua proposta é a luta criativa e não violenta. Apesar disso, é necessário fazer a distinção entre o que elas defendem como uma força afirmativa, a agressividade, e a violência, uma força destrutiva. A violência, em geral, destrói o seu objeto alvo, seu inimigo. Já a agressividade é ressignificada na expressão do movimento por meio de cores, gritos e palavras, por exemplo. Segundo elas, permite que as mulheres se defendam e possam ser conscientes de sua vontade individual ou coletiva. E, também, retomar essa intransigência e autoafirmação que permite a agressividade é reivindicar algo que é de exclusividade masculina: “es una transgresión a las normas que además de ser calificada de violenta entra en el terreno de lo historico pues es el momento en que una mujer deja de ser femenina. Reivindicar la agresividad es un terreno exclusivo de lo masculino” (CREANDO, 2005, p. 69).

Outro momento de ruptura do movimento foi quando do lançamento de seu livro sobre sexualidade feminina, “Sexo, placer y sexualidad” (1998), ocasião que inaugurou o

espaço da televisão como um espaço possível para o movimento. Receberam um convite inaugural de Carlos Mesa, respeitado jornalista boliviano, que se estendeu a outros convites e outras iniciativas do coletivo. Foi feito o “Creando Mujeres”, no canal de televisão PAT, oito programas exibidos no horário nobre em que o MC pôde expor com liberdade temas de seu interesse. Entre os temas, foi abordada a homofobia e a liberdade de ser diferente, a ditadura, as ONG’s, a criatividade e a brutalidade policial. Os capítulos eram baseados em ações feitas nas ruas, nas quais as pessoas podiam ver-se participando ou assistindo a temas do seu cotidiano. Segundo o coletivo, os assuntos foram tratados em termos estéticos que comovessem as pessoas e não em termos intelectuais.

O grupo, então, significou a televisão como um espaço a mais para existir e poder entrar nas casas das pessoas, o qualificam como paralelo e análogo à rua. A televisão, segundo o coletivo, tem um caráter cotidiano, por mais que a rua seja o espaço fundamental de desenvolvimento da vida cotidiana. Ademais, essa experiência no canal PAT, evidenciou, para o movimento, a relação entre ética, estética, criatividade e mudança social:

donde forma y contenido no son cosas separadas, por el contrario la forma es el contenido y el contenido es la forma, lo que plantea la necesidad de una forma expresiva que refleje la agresividad del movimiento y su capacidad de romper con lo establecido, con las normas de comportamiento, con los modos de hablar, de vestirse, etc. (CREANDO, 2005, p. 75)

Nesse sentido, a estética das ações do movimento é pensada para que estendam seu conteúdo e não para existir separadamente. O ambiente audiovisual, seja a televisão ou o cinema, abriu-se para o movimento como nova forma de intervenção e de entender as ações não somente de forma efêmera. Foi um momento importante para o movimento, no sentido em que possibilitou novas formas de ação e pensamento. Segundo o MC, nesse momento, houve um rompimento com a tradicional maneira de se fazer televisão, em que se colocou a rua na televisão e a televisão na rua (CREANDO, 2005, p. 76).

Um outro momento importante para o movimento foi quando se elaborou enquanto força criativa capaz de interpelar outras sociedades e culturas. María Galindo foi convidada em 1999 e novamente nos anos 2000 pelo Museo de Arte Contemporáneo Reina Sofía de Madrid para compor um espaço de exposição de arte latino-americana contemporânea. A mostra se baseou no programa “Creando Mujeres”, com fragmentos televisivos e interpelação direta ao público. A partir dessa participação, elas contam que outros convites surgiram e as fez perceber que sua linguagem e proposta tem um valor para além do nível local,

partiendo de una autenticidad tiene la capacidad de llegar y conmover a gente de otras partes del mundo. El feminismo del grupo, a diferencia de los que ocurre con otras expresiones, consolidó su capacidad de interpelar a otro tipo de sociedades y culturas (CREANDO, 2005, p. 79)

O MC se apresenta como ação por meio da criatividade, não como forma de espetáculo ao público ou feito decorativo, e a agressividade, como energia convocante. Segundo suas palavras, é a criatividade como principal elemento de luta que as faz um projeto de mudança, esperança e vida, perante a sociedade. É a forma como elas encontram de restituir sua dignidade, seja como putas, lésbicas, índias ou mulheres, e, também, é a forma como, segundo elas, se restitui a dignidade de quem aceita os convites e se envolve com as palavras do movimento. A criatividade é assim referida como atrevimento e um desafio que leva as relações sociais e concebe a vida para além de uma lógica violenta do sistema, construindo práticas cotidianas que signifiquem a vida no momento presente (Creando, 2005: 84).

Em 2005, é aberta a casa Virgen de Los Deseos, atual sede do movimento em La Paz. Elas descrevem como uma de suas mais importantes conquistas. O antigo espaço do Café Carcajada já não cabia no desenvolvimento do grupo enquanto sujeito político complexo:

Con todo eso el proceso de reflexión y construcción de pensamiento que ya no es el de un grupo de mujeres rebeldes, sino que es el de un sujeto complejo que une sus pedazos milímetro por milímetro consciente de estar armando una trama fina que puede tomarnos todas las energías y largos años porque lo que estamos armando es a nosotras mismas como sujeto político. Todo eso y más no podía ya ser respondido desde un café, sino desde una casa pensada como estrategia político-histórica (CREANDO, 2005, p. 155)

Foi a concretização de um espaço autogestionado, de diálogos horizontais e confluências entre formação de pensamento feminista, geração de atividades econômicas e construção de relações de solidariedade. Para as integrantes da organização, a casa representa, assim como um Quilombo, um lugar de fuga e auto-organização em liberdade. Nesse sentido, é mais que uma casa, é um lugar de construção de um espaço feminista concreto, “en el que se encuentra en un punto de desobediencia y rebeldía lo existencial personal con lo colectivo” (Creando, 2005:151). Elas afirmam que de nada valeria ter as ideias de solidariedade sem um lugar de encontro delas. A construção desse lugar fez com que elas fossem reconhecíveis e, segundo o coletivo, isso facilita a tarefa da solidariedade, quando em um momento concreto elas são reconhecidas, o que efetivamente acontece com mulheres e movimentos que as procuram cotidianamente.

A casa, portanto, tem um valor afetivo onde as integrantes quiseram construir uma atmosfera aconchegante, convidativa e confortável:

al estilo de los monjes tibetanos empezamos por limpiar nuestra casa, por ponerle manteles a las mesas y escoger los colores de las servilletas porque esos no son valores burgueses, sino parte de nuestra venganza que es ser felices. Les esperamos pues con chimenea encendida (CREANDO, 2005, p. 156)

As tarefas da casa são divididas para não sobrecarregar algumas em detrimento de outras integrantes. Levar um espaço assim com diversas identidades traz o questionamento para o interior do movimento sobre a coerência entre prática e discurso. No discurso, o movimento quer romper com os padrões de servidão, que, segundo elas, caracteriza a sociedade boliviana. Para isso, é necessário expressar solidariedade dentro do próprio coletivo e assumir a luta cotidianamente, trabalhando com as vidas pessoais das integrantes.

Nosotras asumimos como colectivo los problemas individuales. Trabajamos mucho sobre los proyectos personales de vida. Es muy importante sobre todo con las jóvenes, aunque no sólo. En las organizaciones sólo tiene relevancia lo que importa a la organización: cuando vas a la marcha, cuando haces el cartel, pero ¿y tu vida? Eso no le importa a la organización. De pronto tú quieres estudiar, o tener un hijo... esas cosas cotidianas que son el proyecto de vida. Para nosotras es fundamental que las compañeras que se incorporan a Mujeres Creando puedan explicitar su proyecto de vida y las demás, de alguna manera, podamos conocerlo, tenerlo presente, ayudarla. Por poner un ejemplo, Florentina terminó su bachillerato y el cuidado de Maritza lo asumió el grupo. Y eso es cotidiano: de lunes a viernes, los doce meses del año, no sólo el día de la conferencia. O cuando la Florentina se iba a algún viaje, y no sólo en el caso de ella. Eso es vital. (CREANDO, 2005, p. 177-178)

Dessa forma, parece-me que a vida das integrantes cumpre o papel de demarcar os limites entre prática e discurso e amparar a relação entre os dois. As estratégias de luta são pensadas dentro de uma ideia de desordem e recriação do mundo, em que as mulheres são as protagonistas.



## Capítulo 2: Trajetórias, práticas descoloniais e o feminismo autônomo

Fotografia 4: Sem título



Fonte: Mendonça (2015)

Na sede do Mujeres Creando, fui apresentada a algumas mulheres integrantes do movimento. Com muitas delas a convivência não foi duradoura e com algumas os encontros foram mais frequentes ou significativos. Neste capítulo, trato de trajetórias, seu papel e sua contribuição na história do coletivo.

Com Esther Argollo, me encontrei algumas vezes, entre a casa, a feira de La Paz em que expunham seu trabalho e na Bienal de Arte de São Paulo em 2014. Ela cria, pinta, solda, esculpe e realiza diversas outras atividades no grupo Mujeres Creando. Largou a carreira acadêmica, por recusar-se à institucionalização, e queria dedicar-se livremente ao seu trabalho, sem limitações e de forma prazerosa. Conta que os horários e os chefes só fazem nos aprisionar. Suas ilustrações e esculturas são elementos vitais nos trabalhos do coletivo.

Claudia Flores, a quem eu dedico, mais adiante, uma parte desta dissertação, recebia as pessoas com curiosidade e carinho. Na ocasião do primeiro contato em 2013, trabalhava com desenho gráfico na confecção de materiais do coletivo. Tive uma convivência mais duradoura com Claudia e, para além da sede, compartilhou a cidade repleta de grafites, trabalhos do grupo como um exemplar inédito do jornal *La Malhablada*<sup>32</sup>, sua trajetória, risos e percepções da vida. Em nossos primeiros diálogos, falou da importância de se respeitar o prazer e a liberdade no

<sup>32</sup> Jornal produzido pelo coletivo *Mujeres Creando*.



movimento, que, para ela, não fica preso aos livros e convenções. Defendeu a tomada das ruas pelas mulheres, porque a arte se faz nelas e não só em museus elitistas. Ela dizia: “agitamos, viva!” A agitação era celebrada por ela.

Danitza Luna dividia com as outras mulheres os turnos das frentes de ação do coletivo e naquela ocasião havia feito a arte do calendário anual e pintava broches de material reaproveitável e camisetas com artes do grupo. Na casa, eram confeccionados artesanalmente produtos, coerentes às suas propostas, para venda e o valor revertido ao sustento do coletivo. Quando pintaram um mural no Museu Nacional de Arte, a convite da organização da 9ª Bienal de Arte da SIART, Danitza toma a palavra:

Me llamo Danitza Luna, e integro Mujeres Creando hace más de 5 años, he terminado la Carrera de Artes de la Universidad Mayor de San Andrés con la especialidad de Escultura, y aunque tengo el título, no me considero parte del Sistema y ni del Circuito Cultural boliviano institucionalizado y privatizado, al cual, nunca le ha interesado ni el lenguaje, ni la forma, ni el contenido de nuevos artistas que no tengan padrinos o apellidos, y que hoy, sigue siendo tutelado por una élite pequeña, clasista y aburguesada, que educa con su arribismo a generaciones de artistas nuevos y jóvenes para que tengan las mismas actitudes caníbales y se maten entre sí por un espacio pequeño y mezquino. Tomo la palabra, porque considero necesario más voces de respuesta, a la serie de agresiones hipócritas que nos caen, no solo como colectivo feminista, sino también que recaen especialmente sobre mi compañera María Galindo, como si ella sola tuviera que cargar la sucesión de ataques podridos en hipocresía, machismo, homofobia y misoginia, en mentalidades todavía bien colonizadas; males que la sociedad boliviana todavía padece y que aún se niega a ver y enfrentar. Tomo la palabra, porque considero necesario aclarar que las Mujeres Creando somos un colectivo que tiene la capacidad de hacer la toma de estos espacios, sin conceder en principios éticos ni ideológicos. (LUNA, 2016)<sup>33</sup>

Emiliana Quispe é chef de cozinha, usa tranças e pollera<sup>34</sup> e dá um bom dia acolhedor. Ela conta que veio das margens do lago Titicaca, de um povoado chamado Guaqui, é integrante do Mujeres Creando há 12 anos e aprendeu muito com sua experiência na rádio, participando do programa “Trabajadoras del Hogar” formado por trabalhadoras do lar. Ela afirma, recuperar os saberes de seus ancestrais, fazer entrevistas e resgatar os produtos naturais. Nas conversas com as mulheres dos povoados ela afirma que no campo se prepara comida sem receita, com o que se dispõe. A partir de sua vivência resolveu começar a estudar culinária. Em matéria publicada no site do Mujeres Creando, ela nos conta: “he empezado a estudiar porque

<sup>33</sup> Disponível em: < <https://www.mujerescreando.org/pag/activiades/2016/161010-siart/mc/161014-siart-Danitza-Luna.html>>. Acesso em 23/04/2018.

<sup>34</sup> Saia que faz parte da vestimenta associada às cholas, descreverei mais adiante no texto.

me gusta preparar la comida. Es mi pasión. Mi mamá es cocinera y siempre me ha gustado. Para mí la comida es un arte, una arquitectura porque combinas sabores, colores”.<sup>35</sup>

Essas são algumas das mulheres com quem cruzei, entre os anos de 2013 e 2015, na casa Virgen de los Deseos, sede do movimento Mujeres Creando em La Paz. No primeiro capítulo, eu procurei apresentar a fundação do grupo, em que contexto ela se deu, o importante papel de María Galindo, bem como a motivação política que levou à formação do Mujeres Creando, seus ideais e suas práticas. Neste segundo capítulo, de modo a continuar desenvolvendo a narrativa que compõe um feminismo autônomo e criativo, eu me centrarei em torno de duas trajetórias, de Julieta Ojeda e Claudia Flores. A primeira por meio de uma entrevista gravada, concedida a mim em 2015, e a segunda por meio de relatos da convivência no trabalho de campo, conversas e, também, uma entrevista realizada em 2015. Por conta do intenso convívio com Claudia, bem como de sua contribuição para entender o feminismo construído pelo Mujeres Creando a partir de uma trajetória, esta tomará mais espaço neste texto.

Nesses relatos, aparecem aspectos como a convocação e aproximação dessas mulheres do grupo, sua participação e sua visão da história, das ideias e da prática do coletivo. Dessa forma, busco evidenciar de que modo aparece o feminismo autônomo em suas experiências, como o movimento é exposto por essas mulheres, como é vivido por elas e de que forma as histórias delas passam pelo coletivo e para além dele. Aqui, as falas delas se misturam a minha, como forma de construir uma narrativa do encontro e das conversas que tive com essas duas mulheres. Depois, retomando os temas levantados em suas falas, bem como nas atuações do grupo, descreverei no capítulo três um evento do MC que pude acompanhar, na Bienal de Arte de São Paulo, no qual poderemos ver a forma como seu discurso e sua forma de fazer política aparece em instalações, provocações, palavras e imagens.

## 1. Julieta Ojeda: busca existencial e práticas descoloniais

*Les dejo de herencia mi libertad,  
que es lo máspreciado del ser humano*<sup>36</sup>

<sup>35</sup> Disponível em: <<https://latinta.com.ar/2018/02/mujeres-creando-mama-no-dijo-parte-2>>.

<sup>36</sup> Fala da cantora Chavela Vargas, reproduzida em entrevista, disponível em: <<https://www.letraslibres.com/mexico-espana/les-dejo-herencia-mi-libertad-entrevista-chavela-vargas>>. Acesso em: 02/08/2018.

Julieta Ojeda é de La Paz e hoje integra o Mujeres Creando. Sua mãe veio de Apolo, uma zona quechua ao norte de La Paz. Descreve o pai como migrante em segunda geração, pois sua avó veio do Peru e tinha origem Aymara. Por isso, ela diz ser o produto de uma mistura entre culturas e origens muito comum em La Paz e na Bolívia, devido ao intenso fluxo migratório interno e externo. Sua família não teve acesso à universidade, eram trabalhadores e camponeses. Ela diz ser da primeira geração que “teve a sorte” de entrar em uma universidade. Ainda muito jovem, entre seus 22 e 23 anos, ingressou ao movimento Mujeres Creando, que estava se iniciando como proposta. Ela cursava a carreira de sociologia e o que fazia com o grupo era uma forma de militância.

Quem levava a proposta adiante, na época, era María Galindo, sua companheira Julieta Paredes e Mónica Mendoza, uma parceira de Oruro. Nesse início, elas faziam “muñecas”, que Julieta descreve como painéis universitários, nos quais se escreviam artigos, quadrinhos e outros materiais de que dispunha o grupo. A função das “muñecas” era gerar polêmica no âmbito universitário, porque o tema do feminismo e da luta feminista era muito novo, afirma Julieta, e ainda havia muita ignorância a esse respeito.

Julieta tinha de família a influência de um pai sindicalista e já vinha buscando um espaço para comprometer-se politicamente e socialmente. Quando encontrou as companheiras do Mujeres Creando, elas tinham somente cerca de seis meses de atuação. Na universidade, ela tinha alternativas de grupos de esquerda, porém, diz que foi o MC que a conseguiu convocar nesse momento em que ela empreendia uma busca existencial própria.

Fazendo esse trabalho de ativismo político na universidade, elas propunham espaços abertos e convocantes. Naquele momento, a organização já tinha concretizado um espaço, no qual funcionava um restaurante, e havia a tentativa de autogestão como parte da proposta do grupo. Então, com 18 anos ingressa a jovem Julieta no movimento. Faz sua carreira universitária dentro do Mujeres Creando e, dessa forma, grande parte dos trabalhos que realiza são de militância.

Nos últimos anos, como diz Julieta Ojeda, adotou-se uma nova maneira de incorporar companheiras ao movimento. Em encontros de mulheres, faz-se uma primeira convocatória da qual qualquer uma pode participar. Esses encontros são difundidos por meio de entrevistas em meios de comunicação, cartazes e pelas redes sociais. Anualmente, em La Paz, conseguem aglutinar ao menos 150 pessoas. Em Santa Cruz, se repete a mesma iniciativa. Desenvolvemos diferentes oficinas e, ao final, as mulheres que queiram comprometer-se em participar mais ativamente do MC podem inscrever-se. Também se convida para o grupo de estudos.

Nem sempre essa foi a forma de incorporação de novas integrantes. Há mulheres que chegaram através de coordenação com outros setores, por exemplo, as trabalhadoras do lar. Uma companheira veio da participação diária na rádio do movimento. Algumas vieram de lutas concretas, por exemplo, a luta em defesa do Territorio Indígena y Parque Nacional Isiboro-Secure (TIPNIS), em 2012. O grupo de estudos coordenado por Julieta tem raiz fundamentalmente nessa luta. Então, são vários os caminhos que agregam novas participantes no MC, por isso, há diferentes extratos sociais e origens. Julieta conta que há pessoas de El Alto, de setores populares, de classe média, todas com alguma formação, ainda que não seja um título. Mas uma prerrogativa do grupo é que essas mulheres estejam em constante formação. Não só as pessoas possuem diferentes origens, como são de diferentes gerações, há umas chegando aos 70 e outras na casa dos 20 anos.

No momento da entrevista, Julieta comenta sobre a agenda feminista que está elaborando, um caderno com calendário e materiais feministas, feito anualmente e que agrega um remanescente econômico ao coletivo. É um trabalho que faz parte de sua participação no grupo, assim como outras tarefas em que se concentra em outros momentos. Ela administrou a casa, Virgen de Los Deseos, durante, mais ou menos, 8 anos. A administração é rotativa e fica, também, em mãos de outras companheiras. Dentre suas atividades está tomar conta das oficinas de autodefesa para mulheres e assessoramento nos temas de aborto, que já vem de muitos anos. Este assessoramento configura-se em um apoio concreto, basicamente no que se refere às pílulas. A intenção não é agir como psicólogas, ainda que às vezes acabe por se configurar como apoio emocional, mas em informar as mulheres quanto aos métodos para abortar, pois ela acredita na necessidade das mulheres em falar pessoalmente com alguém com quem se possa confirmar a eficácia dos métodos e tirar forças para decidir o que fazer, bastante diferente do que acontece se a pessoa somente pesquisar na internet. Nesse sentido, o Mujeres Creando, segundo Julieta, adquiriu certa legitimidade em vários trabalhos que realizam, construíram uma imagem de confiança.

O tema da autogestão, sobre o qual Julieta se interessa especialmente, exige uma caminhada longa, buscando maneiras de se colocar em prática tal conceito. Esse é um princípio político-ideológico do movimento, mas ela comenta que há coisas concretas que nem economizando toda uma vida não seria possível conseguir. Por exemplo, a sede do coletivo em La Paz foi comprada com 70% de apoio do governo Vasco, informação que consta na página online do grupo, e com 30% de empréstimos com pessoas em particular. A negociação com o governo Vasco foi direta, sem passar por uma ONG, como é de costume para conseguir financiamento internacional. Previamente, foi feita uma discussão defendendo que os grupos

organizados poderiam manejar seus recursos e relatórios deste acordo de cooperação sem passar por um intermediário. Segundo ela, o que costuma ser mais cômodo para ambos os lados nesses acordos de cooperação é que o movimento receba dinheiro para salários, equipamentos e aluguel, porém a relação que elas estabeleceram foi de um financiamento único, em que o dinheiro servisse a longo prazo, sem que se tornassem dependentes de outros financiamentos.

A casa, então, foi conseguida graças a este acordo, entretanto, não se manterá com recursos da cooperação internacional. Por isso, os projetos desse espaço são auto-gestados. Cada projeto que se pensou neste período em que o Mujeres Creando segue é arquitetado para que se mantenha por si mesmo e também gere alguma compensação econômica para algumas das companheiras. Por isso foi criado o alojamento que funciona na sede de La Paz, bem como o restaurante, o café, a oficina de serigrafia, a creche ou centro infantil. Há também iniciativas que não podem ser mantidas de forma autogestionária, como o “Mulheres em busca de justiça”, porque é um serviço gratuito que já funciona há aproximadamente 7 anos e conta com uma advogada e uma assistente social feministas, que recebem um salário. Para tanto, há um recurso que vem da cooperação internacional.

De tempos em tempos surge a necessidade de rever como gerar recursos. Por exemplo, Julieta nos conta que atualmente estão enfrentando um julgamento de uma das companheiras que foi vítima de um feminicídio, a filha de Helen Alvarez. Independentemente de ser integrante do Mujeres Creando, o caso dela é emblemático, devido às suas características: um caso de uma mulher de classe média, filha de uma feminista militante, que foi assassinada por seu parceiro, um homem muito rico. O ocorrido se deu no mesmo bairro da sede do coletivo, Sopocachi, e foi um ato, segundo ela, muito descarado no meio da rua por atropelamento. Por ser uma pessoa de poder econômico, acreditam que as provas se perderam imediatamente.

O MC assumiu como uma causa própria, sem perder de vista as estratégias comunicacionais, legais e políticas. Essa é uma ocasião em que é preciso arrecadar dinheiro para os custos legais do processo de julgamento, o que exigiu do movimento a realização de atividades constantes, que, até agora, geraram quinze mil bolivianos, moeda nacional. As atividades são difundidas pela rádio, por exemplo, e vão de vendas de garagem, bazares, almoço solidário, até recebimento de doações. É um trabalho constante para autogerir-se, afirma Julieta.

A autogestão faz parte do princípio de autonomia que tem o Mujeres Creando ao se propor a gerar uma outra maneira de fazer o trabalho político. Julieta explica que o grupo tem uma crítica, em geral, ao trabalho que é feito pelas ONGs e também não se vincula aos partidos políticos. Segundo ela, há feministas que se associaram ao governo, porém o MC cumpre outra tarefa dentro da sociedade boliviana, basicamente porque tem outros objetivos.

Entonces, nosotras tenemos varias etapas. Así por un lado una crítica bien fuerte a las ONGs, al trabajo que hacen al diferenciarnos. Otra etapa de las estrategias, si se quiere, de las formas de hacer política, de plantear que somos no violentas, pero que usamos la creatividad como un instrumento de lucha. En algún momento hemos trabajado mucho el tema deudoras y microcrédito. Una época le hemos puesto mucho énfasis a lo que denominamos política concreta, como movimiento social feminista, es de responder a las necesidades que las mujeres te van planteando. ¿Y responder nosotras como movimiento de manera eficaz, no? Sin necesidad que el dinero sea lo fundamental.<sup>37</sup>

A partir desses enunciados, o coletivo tem se envolvido em muitos temas, alguns deles pilares como a homofobia, o “Mulheres em busca de justiça”, a educação como atividade permanente, a rádio, autodefesa (com 3 anos já de ensino na sede, como serviço permanente). Os temas vêm da necessidade política, ou seja, são uma demanda e não temas aleatórios, como explica Julieta. O Mujeres Creando, por ter se constituído como uma referência, se compromete com essa demanda. O acontecido com Helen Alvarez, por ter sido interno ao grupo, representou um momento de revés para este. Para Julieta, configurasse como uma tristeza pessoal e coletiva que tocou muito a organização. Elas acreditam que não é um tema pontual, referente a este caso em específico e sim uma mudança estrutural, pois a lei 348 que supostamente responde ao tema, não tem sido eficaz. Julieta menciona María Galindo, que afirma que esta situação se converteu em um massacre. E o feminicídio se tornou um tema para o movimento, justamente por isso, porque é um ataque contra a liberdade das mulheres e há uma necessidade de luta que se torna prioridade.

A respeito do tema da relação com o Estado, que está imbricado com esses temas anteriores, Julieta esclarece sua visão, enquanto parte da organização. Ela contesta a minha pergunta, pois mencionei a existência de um diálogo com o Estado. Ela diz que não é um diálogo. Mas primeiro coloca o problema de se falar dessas questões, como também o tema da autogestão, dependendo do lugar de fala. É diferente quando se fala a partir da academia e do ativismo puro, sem a construção de um projeto político. O Mujeres Creando, de certa forma, enfrenta esse desafio a partir da construção própria de um projeto político como proposta para a sociedade. Para ela, um movimento social tem diferentes arestas de posicionamento com respeito ao Estado. Por exemplo, se participa ou não das eleições, se acredita ou não na democracia liberal representativa, se acredita ou não que o Estado é um espaço de demandas, se acredita ou não que o Estado pode responder a certas necessidades.

<sup>37</sup> Entrevista com Julieta Ojeda, novembro de 2015.

O MC, segundo sua visão, não acredita na democracia liberal representativa e não busca cotas de poder. Como movimento, as integrantes têm reconfigurado seu cenário de ação política. Afirma entre aspas que não é usual, pois os sindicatos e federações, por exemplo, também deveriam manter certa autonomia, mas acabam se candidatando para os partidos políticos e se instalando permanentemente no espaço de negociação com o Estado. Nesse agir, diz Julieta, muitas vezes, perdem a independência política. Nesse sentido, o MC não regressa ideologicamente, ainda que lide com outros setores como as mulheres vítimas de feminicídio com suas famílias, as mulheres endividadas e as mulheres em situação de prostituição, não estão pedindo ao Estado por salários ou infraestrutura, ou seja, não estão no espaço de negociação.

O espaço de ação política decidido pelo movimento, alega Julieta, é a rua. Por exemplo, quando foram entrevistar uma senadora, a presidenta do senado, apelaram para uma forma específica que adotam no *Mujeres Creando*. Essa forma inclui o uso de certos símbolos, apelando para a rua e para o protesto, e também levam propostas concretas. Porque, segundo ela, é lamentável que o Estado tenha a possibilidade de exercer poder sobre instituições como a polícia e o judiciário. Por isso o movimento precisa concretizar a luta para não cair na demagogia. Ela fala com ironia que não tem como propor às mulheres que esperem a destruição do Estado para que algo se resolva, isso não seria muito concreto.

A política concreta, fala Julieta, está, também, nesta relação conjuntural com o Estado, muitas demandas e lutas levam a essa relação de necessidade de uma resposta imediata. Com o tema das mulheres em situação de prostituição, por exemplo, o movimento tem relações conjunturais, pelo tema do abuso das instituições policiais, e que não são coisas que vão mudar estruturalmente a situação desse setor. Então, conclui Julieta, não resta outra coisa que não apresentar ao Estado outras propostas, não esperar que ele crie suas propostas.

O conteúdo das apelações do *Mujeres Creando* não está separado da forma, são fundamentais, afirma Julieta. O grupo sempre afirmou serem *agitadoras callejeras*, usando da criatividade como instrumento de luta, e não artistas. Elas, como movimento, têm estratégias de luta que se relacionam com outra linguagem e acaba por ter outro impacto na sociedade. Para ela, as formas tradicionais muitas vezes não funcionam. E como são mulheres e em pouco número investem em outro tipo de política. Reinventam-se a partir de outras linguagens e da criatividade. Por exemplo, consideram o símbolo como um detonador, um interpelador da sociedade. Nas ações do MC, isso fica claro por meio de algumas atividades, ações e intervenções realizadas pelo movimento, como a participação de homens pelados e a inversão de uma estátua de soldado com vestimentas femininas. O grafite que fazem nas ruas também se enquadra nessas ações, no sentido de ser uma linguagem que permanentemente questiona e



provoca, sem ser violenta ou direcionadora do comportamento das pessoas, conta Julieta. Essa linguagem se tornou uma característica da organização.

E, por último, a integrante do MC fala sobre a questão cultural. A postura do movimento é não ficar ancorada no tema cultural, porque, em alguns aspectos, esse tema causa uma restrição e um discurso vitimista. Julieta dá seu próprio exemplo, ela diz que poderia ir a qualquer fórum indigenista e se reivindicar indígena e ninguém poderia questionar, pois ela tem a pele e as origens evidenciadas. Mas, no seu ponto de vista, muita gente decidiu viver de ser indígena, no sentido de que esse elemento se converteu em uma espécie de ingresso para se fazer muita coisa em benefício próprio. Independentemente disso, continua, também acredita que uma ideologia cultural que deseja a manutenção da cultura é limitante, porque as mulheres são as que têm a obrigação de manter a cultura na vestimenta, no casamento, dentre outras coisas. Faz-se, então, o questionamento de que papel mantemos como mulheres no nível da cultura e, se o movimento se mantém nesses espaços, a ideologia dominante segue tranquilamente, afirma ela, porque também as culturas, em certos aspectos, legitimam violências contra as mulheres. Esse é um motivo do movimento não atuar em setores rurais, pois também tem a limitação física e econômica. E trabalhar junto com as mulheres indígenas não é somente ir aos fóruns, as Mujeres Creando, complementa Julieta, levam essas cooperações como um compromisso a longo prazo e o fizeram junto às mulheres indígenas do Tipnis, por exemplo.

A atuação, que durou dois anos, com as mulheres indígenas do Tipnis, foi uma questão, também, conjuntural que não transcendeu no tempo, conta Julieta. O trabalho acontece também com indígenas que estão em La Paz, com grupos de migrantes, trabalhadoras do lar, dentre outros. De certa forma, acredita Julieta, essas mulheres decidiram romper com algumas dessas limitações culturais, porque saíram de seus contextos, muitas vezes buscando outros horizontes. Portanto, conclui Julieta, a questão indígena não é uma bandeira, ainda que realizem trabalhos com mulheres de origem indígena, pois elas têm suas prioridades políticas e estabelecem uma relação de aliança que não é permanente. Cada movimento tem seu próprio caminho e há momentos em que esses caminhos se encontram. A relação é, então, horizontal, e a luta é conjunta, afirma.

Como exercício de comparação, Julieta defende que no Mujeres Creando não se pretende representar ninguém, como afirma que algumas feministas bolivianas fazem com o

chamado feminismo comunitário<sup>38</sup>, afirmando sua indigenidade e respaldando atitudes contraditórias do governo. Por isso, Julieta defende que cada pessoa ocupa um espaço, tem uma história e uma vida, de forma que pode reivindicar sua própria luta. Não seria, assim, necessário ser indígena, ou jovem, ou lésbica para encontrar um espaço e um lugar de luta. Nesse aspecto identitário, Julieta acredita que o Mujeres Creando soube trabalhar bastante com cada mulher do movimento, a nível pessoal e coletivo, ocupando um lugar muito original de trabalho, sem representar algo alheio, como todas as mulheres bolivianas ou as mulheres indígenas.

## *2. Se necesita joven o cholita*

*Fotografia 5: Anúncio de emprego*



Fonte: *Mendonça* (2013)

Em 2013, quando pisei em solo boliviano pela primeira vez numa viagem improvisada, havia uma placa num restaurante, dos mais comuns de La Paz, que vendem frango

<sup>38</sup> Julieta afirma que nem sempre, em seu ponto de vista, o feminismo comunitário está atrelado ao governo, mas na Bolívia isso acontece, em certa medida.

frito e batatas - o cheiro nas ruas tem essa peculiar característica - que dizia ter vagas de emprego para uma jovem. O que me chamou atenção foi a distinção étnica que me parecia desnecessária, já que uma jovem é jovem, seja de qualquer etnia ou estrato social. Entretanto, talvez não fosse tão óbvio para quem escreveu o anúncio: *Se necesita joven o cholita*. *Chola* é uma categoria que se refere, em geral, às mulheres indígenas mestiças que vivem na cidade, que podem ser reconhecidas por uma certa vestimenta, a *pollera*, herdada e modificada no contato com os espanhóis e que hoje continua sendo utilizada com outros significados, até como símbolo de resistência (STEPHENSON, 1999, p. 5). *Cholita* pode designar uma *chola* jovem e pode implicar o estado de solteira. As duas designações se tornaram populares, mas também podem ser usadas de maneira pejorativa, conforme explicaram-me informalmente algumas mulheres bolivianas.

Em uma conversa com Julieta, uma das *Mujeres Creando* que me recebeu em minha primeira visita, levei minha indagação. Foi então nos detalhes da vida rotineira que começamos a falar de uma herança colonial que muitas vezes passa despercebida. Segundo ela, existe um preconceito velado, que além da distinção entre uma jovem comum e uma jovem *chola*, manifesta-se no uso pejorativo da palavra *cholita*, no diminutivo, quando poderia ser escrito somente *chola*. Julieta é descendente indígena e conta que não é por morar na cidade que se sente menos próxima de suas origens. A vestimenta também não define completamente a *chola* (ou ainda *cholita* ou *chota*<sup>39</sup>) ou mulher indígena, já que algumas pessoas se auto-identificam sem o uso da roupa típica.

A Bolívia se constitui de uma maioria indígena, com uma população de aproximadamente 9,1 milhões de habitantes, dos quais cerca de 63% se auto-identificam enquanto membros de povos originários, segundo o censo de 2001. Desse total, 60% são considerados pobres. Vale ressaltar que o país é um dos mais desiguais e com maior índice de pobreza do continente. A maioria indígena reside no campo, com exceção da região altiplânica, a qual possui predomínio das etnias Aymara e Quechua nas cidades. A história boliviana mostra como a dominação da elite mestiço-crioula e branca empreendeu formas de extermínio e exploração econômica de culturas e visou excluir da política os povos indígenas. A partir disso, a autora Rita de Cássia Martins Teixeira (2009), apoiando-se em Melean afirma que, em termos históricos, podemos observar uma continuidade com a colônia:

<sup>39</sup> Também há o termo *birlocha*, que implica a descendência indígena em contexto urbano, mas sem o uso da vestimenta. Normalmente utilizado de maneira pejorativa, mas é reapropriado pelas *Mujeres Creando* e devolvido à sociedade em tom reivindicativo, segundo conversa com Julieta Ojeda.

Isso ocorreu por meio de várias formas de "colonialismo" interno, as quais conjugaram mecanismos de hegemonia - a escola, o serviço militar obrigatório, o serviço doméstico, etc. - e mecanismos de dominação como o exercício direto do poder político e da força. Segundo a autora, a estratificação social na Bolívia produz-se por meio de superposição de processos classistas e discriminatórios, com tendência de que coincidam privilégios de classe com os setores mestiço-crioulos (definidos como brancos) e que os setores subalternos sejam indígenas (TEIXEIRA, 2009, p. 13).

O desenvolvimento histórico da Bolívia prescinde de um entendimento de sua geografia específica. Segundo o autor Herbert S. Klein, em sua obra *Bolívia: Do período pré-incaico à independência* (1991), a Bolívia tem traços que a distingue dos trópicos, por isso representa um paradoxo no contexto latino-americano. O mais evidente deles é a altitude, seu povo tem vivido de 1500 a 4000 metros acima do mar. É um ambiente, desta perspectiva, hostil, de terra pobre e climas frios e secos, o que exigiu um cuidado particular com os animais e plantas<sup>40</sup>, além da adaptação das pessoas ao oxigênio limitado e pressão atmosférica desigual.

Em contraponto à relativa pobreza da terra, o altiplano era rico em prata e estanho, uma das maiores jazidas de minério do mundo. No tempo pré-colombiano essa riqueza era explorada de maneira moderada, já depois da colonização foi basicamente este recurso que colocou a Bolívia no cenário da economia mundial. E “foi na metalurgia e na criação de uma singular ecologia que as primeiras populações bolivianas revelaram sua maior originalidade” (KLEIN, 1991, p. 10). A luta contra o isolamento era uma característica daqueles tempos na região dos planaltos.

Antes do desenvolvimento de reinos Aymaras, havia a cultura Chavín e a importante civilização de Tiahuanaco, que com sua ruína deu lugar a múltiplos estados e impérios regionais, dentre eles os reinos de língua Aymara no lago Titicaca e no altiplano sul. Sua dominação parte do século XII e se estende à colonização espanhola, no século XVI. Segundo Klein (1991), os estados que exerciam maior controle do lago eram também aqueles mais poderosos, dentre eles os Colla, Lupaca e Canas. A organização desses reinos passava por uma estrutura complexa de classes e corporações. O elemento crucial era fazer parte de um *ayllu* (grupo de parentesco) que lhe garantiria o acesso à terra, por mais que existissem algumas categorias que independiam do *ayllu* para acessá-la.

<sup>40</sup> Plantas como a batata e a quinoa e animais camélídeos americanos como a lhama, alpaca e a vicunha. Dessa forma se garantia a sobrevivência e o excedente era trocado por milho, coca, frutas, peixes e condimentos vindos da Costa do Pacífico e dos vales tropicais. “A chamada ‘integração ecológica vertical’ foi o princípio organizador da adaptação humana nos Andes” (KLEIN, 1991, p. 10).

Junto aos Aymaras, que predominavam no altiplano, existiam muitos outros povos, como os falantes de língua Uru, que está entre as três línguas indígenas mais faladas. Apesar de não ter sido uma integração pacífica, Klein (1991) afirma que pouco se alterou na estrutura de vida Aymara com a chegada dos Incas e seu império. Apesar de isso não ter significado a perda total de autonomia, não é banal o fato dos Aymaras terem perdido sua independência. Com as colônias mitmaq de língua quéchua em todo seu território, as revoltas e guerras dessa nova configuração determinaram o que é hoje o arranjo linguístico de toda a Bolívia. Mesmo com a “quechuanização” imposta pela colonização espanhola, a cultura Aymara persistiu (KLEIN, 1991).

Mal amadurecia este império Inca (XV-XVI) e o mesmo já se viu desmantelado, o que dificultou o estudo de seu desenvolvimento. Sabe-se que o “império funcionava como o principal distribuidor de bens e serviços, proporcionando à população níveis de prosperidade e bem-estar provavelmente maiores que os verificados desde a conquista espanhola até o presente” (KLEIN, 1991, p. 23). Quando esse império alcançou seu auge, tinha menos de 100 anos, seu crescimento foi interrompido pela invasão espanhola. O elemento chave na dominação foi sempre o trabalho, era necessário um campesinato estável para se tributar. Os *ayllus* já desempenhavam esse papel organizando o trabalho e a distribuição de terra, eram sistemas muito coesos de parentesco que não se restringiam à ocupação de um único território. A mudança que acompanhou a conquista até as comunidades contemporâneas foi, de maneira dominante, um isolamento, em outras palavras, uma característica mais fechada de organização camponesa.

Aproximadamente três milhões de indígenas em uma sociedade altamente elaborada e organizada, como relata o autor citado, uma multiplicidade de línguas praticando um amplo sistema de trocas não mercantis, em uma das regiões mais ricas em minerais. Não à toa, foi um centro importantíssimo para os colonos espanhóis nas Américas. Mais especificamente, os planaltos bolivianos causaram grande impacto na economia mundial devido ao seu papel no fornecimento de alimentos e minérios.

Os espanhóis organizaram sua invasão em vice-reinos, unidades político-administrativas. Lima era a capital de um vasto território sul americano que em 1543 se estabeleceu como o vice-reino do Peru, a atual Bolívia foi parte dessa divisão. Bem no coração das terras Aymaras nasceu La Paz, em 1548, transformando-se em um centro comercial ativo, inclusive de importância para o comércio de produtos agrícolas. Essa região era uma das mais povoadas por indígenas camponeses, os espanhóis se aproveitaram disso e tentaram reproduzir o governo Inca indireto, deixando as terras com os índios, mas cobrando serviços e bens.

Foi neste contexto que teve início a revolução indígena protagonizada por Tupac Katari e Bartolina Sisa, de 1780 a 1783. Segundo a leitura do autor Marcelo Grondín, em *A rebelião camponesa na Bolívia* (1984), essa revolução unia dois antagonismos que se intensificaram entre si, o de classe e o étnico. A marginalização destes povos gerou um profundo descontentamento que levou à rebelião. Havia discordâncias internas aos grupos indígenas, entretanto, todos compartilhavam a condição de exploração do sistema de impostos e serviços prestados à colônia, que reunia os meios de produção nas mãos de grupos específicos.

Segundo Grondín (1991), o índio era visto como inferior e vencido. Para o autor, a opressão étnica, tornava coeso o sistema de exploração e também dava força à identidade étnica do movimento revoltoso. Apesar do elemento étnico, o autor afirma que as ações de Katari não se restringiam a somente um povo, ele utilizava os costumes autóctones, justamente porque eles regiam a maneira de viver dos coletivos indígenas, não por tentar revivê-los.

Tupac e Bartolina Sisa, nascidos ambos em Sicasica, entre La Paz e Oruro, de origem humilde. Ela acompanhava os soldados e, no sítio de La Paz, encarregou-se do comando do exército. Também moradora de Sicasica, tecedora de fiar, lavadeira e guerreira, foi condenada à morte, violentada, enforcada numa corda amarrada no rabo de um cavalo e esquartejada. Este evento tomou conta de um enorme território e ameaçou a existência, na América do Sul, da colônia espanhola, o que repercutiu nas guerras de independência que vieram depois (GRONDIN, 1991, p. 25). Bartolina Sisa hoje dá nome a um grupo de mulheres *consejals*<sup>41</sup> das comunidades indígenas que compõem o governo de Evo Morales. A legitimidade das insurreições contínuas e frequentes na Bolívia se constrói, no discurso, também, pela memória de diversas lutas. Ainda que esse processo não se explique pela continuidade da história e sim de reinvenção das práticas e da própria história, assunto ao qual não me deterei neste trabalho.

A herança colonial na estrutura social se expressava muito fortemente na desigualdade de poder e autoridade, concentrados nas mãos dos grandes proprietários, e aos indígenas restavam vários trabalhos gratuitos. Entretanto,

O passado ancestral de resistência indígena e camponesa nunca fora silenciado. As rebeliões de Tupac Katari e Tupac Amaru durante o século XVIII mantinham seus ecos na história profunda dos povos andinos. O contato mais próximo com o mundo urbano dos brancos e em particular o envolvimento com as lutas operárias deram um novo tom às mobilizações camponesas e indígenas. A década de 1940 vê uma intensificação das trocas de experiências de lutas sociais entre os componentes

---

<sup>41</sup> Representante em um conselho ou ajuntamento.



explorados do campo e da cidade. Os primeiros sindicatos camponeses buscavam reproduzir estruturas urbanas de organização dos trabalhadores. No entanto, terminaram por mesclar elementos da comunidade indígena andina, dos *ayllus*, potencializando muitas vezes a capacidade de ação das mobilizações camponesas indígenas (ANDRADE, 2007. p.51)

Silvia Rivera Cusicanqui se apoiando em Therése Bouysse (1987), afirma que, nos tempos pré-hispânicos e do início da Colônia, existia um cenário, como já citado anteriormente, de diversas etnias, línguas e unidade de pertencimento, como uma espécie de mosaico.

En este panorama, como lo ha mostrado Therése Bouysse, la lengua aymara figuraba, junto con el qhichwa y el pukina tan sólo como lengua franca de una multiplicidad de *ayllus*, *markas* y federaciones étnicas duales, que se extendían a lo largo de un eje acuático a través de los lagos Titicaca y Poopó; y que seguramente no se percibían a sí mismas como parte de un mismo “pueblo”, ni mucho menos de una “nación” en el sentido moderno del término. Sin duda, la experiencia colonial produjo una homogeneización forzada de estas unidades de pertenencia étnica —que no eran sino redes extendidas de parentela bilateral y ritual—, en la medida en que degradó una diversidad de grupos diferenciados, al anonimato colectivo expresado en la condición de indio, es decir, de colonizado (Bouysse-Cassagne 1987). (CUSICANQUI, 2010, p. 180).

Diante disso, Cusicanqui (2010) se questiona como foi possível a convivência dessas diversas identidades em um mesmo território e unidade política, que no período Inka se equiparou, em dimensão, a um Estado. Segundo a autora, apesar da escassez de fontes, é possível identificar na esfera do parentesco Inka modelos estruturais relevantes para várias sociedades andinas. A partir de dados etnográficos e vivenciais do mundo Aymara de La Paz, Cusicanqui afirma que em vários aspectos esses modelos continuam a organizar as relações de gênero da sociedade andina atual.

A autora faz a ressalva de que do mesmo modo como olha o presente de forma descolonial, vai olhar o passado com olhos do presente-futuro. Ela encontra uma primeira característica que denota assimetria no sistema de parentesco indígena pré-hispânico. A orientação de filiação bi-lateral e bi-lineal cria uma cadeia de descendência masculina e outra feminina, a partir de um casal de ancestrais fundadores. A princípio pode parecer um sistema igualitário, entretanto, a mulher somente compartilhava o topo da estrutura de parentesco como esposa do criador da linhagem. As noções organizativas de *ayllu*, associada ao masculino, e *panaka*, associada ao feminino, têm em comum um ancestral masculino e no casamento a mulher fundava o *panaka* do *ayllu* do seu esposo, o que não é o mesmo de ter uma sociedade feminina separada.

En lugar de igualitarismo, se podría hablar aquí de complementariedad, puesto que ambas estructuras, en su funcionamiento, definían al mismo tiempo las reglas matrimoniales endogámicas de todo el conjunto social y las fronteras del mismo (es



decir, las reglas de exogamia). Esto quiere decir que, dentro de las fronteras del grupo étnico, la *panaka* representaba el espacio de poder y autonomía legítimos y socialmente reconocidos a las mujeres. Un sistema así resultaba balanceado en una suerte de “equilibrio inestable”, bloqueando permanentemente la formación de linajes corporados patricentrados (base de las sociedades agrarias patriarcales) y evitando que la residencia patrilocal (cuando la hubiere) se tornase en un modo de subordinación femenina a la parentela masculina (por intermedio de la M.ESO.). Por así decirlo, las mujeres se aliaban con su parentela afín femenina, en el interior del ayllu bilateral de su esposo, y desde allí co-gobernaban en los distintos niveles de la organización social andina (CUSICANQUI, 2010, p. 183)

Em comparação, a situação feminina na sociedade contemporânea passa pela dicotomia entre o poder doméstico e a falta de poder na sociedade mais amplamente e no Estado. Neste contexto Cusicanqui fala do trajeto do feminismo entre o igualitarismo radical e uma mística da diferença e pensa o contexto a partir do seu próprio lugar:

siempre he vivido la identidad femenina desde el interior histórico y político del colonialismo interno, donde la mujeridad se construye también colonizada, en los variopintos estratos de la cadena *q'ara-misti-chola/o-india/o*; heterogeneidad que en el lenguaje público se esconde tras la apariencia homogénea de la ciudadanía. Es a partir de mi propia colocación en el eslabón femenino-misti de esta cadena, que he construido mi perspectiva teórica, mi práctica política, en fin, mi visión del “artificio humano” (Arendt) llamado cultura, sobre uno de cuyos mecanismos centrales — el sistema de relaciones y representaciones de género — voy a escribir aquí. (CUSICANQUI, 2010, p. 179)

Silvia Rivera Cusicanqui vive em La Paz. Nascida em 1948 e de ascendência Aymara. Atua como professora, socióloga e ativista. Sua trajetória passa pela Universidad Mayor de San Andrés, pelos movimentos indígena katarista e cocaleiro entre os anos 70 e 80, a partir de 1983 pela fundação do Taller de Historia Oral Andina, grupo com autogestão que trabalha especialmente na região Aymara com temas de oralidade, identidades e movimentos sociais indígenas e populares, também pelo El Colectivo 2, o qual trabalha com a fusão de manifestações artísticas e práticas intelectuais, o Colectivx Ch'ixi, e o centro cultural El Tambo Colectivo dentre outros espaços. Sua produção ocupa lugares diversos. As reflexões de Cusicanqui nos fazem questionar o próprio lugar do pensamento acadêmico. A obra dela é importante, neste texto, para colocar em pauta as lógicas colonialistas imperantes em nossos centros intelectuais, a hegemonia das visões anglo-saxã e eurocêntrica, quem são os que tomam a palavra para analisar a realidade local e que temas são levantados. Existem discursos científicos legitimados no espaço hegemônico do pensamento, por exemplo, no caso dos estudos latino-americanos, o pensamento pós-colonial. Nas margens desses espaços há também autores menos conhecidos, mas muito importantes para o entendimento dos processos de colonialismo, dominação nos dias atuais e de emergência de lutas populares.

A contribuição de Cusicanqui para analisar o contexto latino-americano vai além dos processos colonizadores para pensar, por meio de diferentes metodologias de investigação social, as práticas contemporâneas de descolonização. Em um estudo sobre o conceito de colonialismo interno e memória coletiva, Romina Accossatto (2017) afirma que esses conceitos são marcos teórico-metodológicos e interpretativos que possibilitam uma compreensão, através da chave histórica, das ancoragens do passado, das potencialidades dos processos sociais atuais, da dinâmica multitemporal dos ciclos sociais e do surgimento e reconstrução identitária de sujeitos políticos.

Cusicanqui, em *Violencias (re) encubiertas en Bolivia* (2010), insiste em uma perspectiva histórica de profundidade e o que a história mostra na Bolívia é a capacidade das estruturas de dominação de se reconstituir. Observa-se que na época em que escreveu essa obra, Silvia fazia frente ao projeto de dominação que tentava dismantelar a memória política popular. Ela admite a coexistência no tempo de uma multiplicidade de “horizontes” e se aproxima da formação boliviana heterogênea por meio de sua historicidade complexa desenvolvendo a idéia de contradições não-coetêneas: “un conjunto de contradicciones diacrónicas de diversa profundidad, que emergen a la superficie de la contemporaneidad, y cruzan, por tanto, las esferas coetáneas de los modos de producción, los sistemas político estatales y las ideologías ancladas en la homogeneidad cultural” (CUSICANQUI, 2010, p. 11).

Cusicanqui (2012) aponta para a análise das práticas, discursos e relações de poder instituídos em diversos períodos da história e se configuram em horizontes que estabelecem entre si relações tensas ou mais dinâmicas. Por exemplo, o horizonte colonial, horizonte liberal e horizonte populista.

en la contemporaneidad boliviana opera, en forma subyacente, un modo de dominación sustentado en un horizonte colonial de larga duración, al cual se han articulado — pero sin superarlo ni modificarlo completamente — los ciclos más recientes del liberalismo y el populismo. Estos horizontes recientes han conseguido tan sólo refuncionalizar las estructuras coloniales de larga duración, convirtiéndolas en modalidades de colonialismo interno que continúan siendo cruciales a la hora de explicar la estratificación interna de la sociedad boliviana, sus contradicciones sociales fundamentales y los mecanismos específicos de exclusión-segregación que caracterizan la estructura política y estatal del país y que están en la base de las formas de violencia estructural más profundas y latentes. (CUSICANQUI, 2012, p. 37)

Nesta perspectiva, Cusicanqui desenvolve a teoria de um duplo processo que foi colonial e patriarcal na conformação da história boliviana e dá o exemplo das *cholas*:

Se produce así un doble proceso de colonización, cultural y de género, que ha de marcar a hierro a todas las generaciones del “mestizaje colonial andino” (Rivera

1993). Qué evidencia más palpable de esto, que las transformaciones de significado sufridas por el traje de la actual chola boliviana. Si éste inicialmente (siglos xvII-xvIII) fue un intento femenino por eludir la carga de tributos y desprecios que implicaba el uso del traje indígena en contextos urbanos o mercantiles, por lo que muchas mujeres optaron por el uso de la pollera y el mantón españoles como esfuerzo de mimesis cultural, en sucesivas generaciones, las españolas terminaron por alejarse del uso de estos trajes, en un esfuerzo por afirmar –ellas también advenedizas- una raigambre noble y excluyente que confirmara su derecho al uso del trabajo gratuito indígena (Barragán 1992). Con todo ello, el traje español de la chola acabó convirtiéndose en un arcaísmo, que prolonga la discriminación hasta el presente y que ejemplifica muy bien esa forma que Barragán llama “emblemática” de autoidentificación en sociedades postcoloniales como la boliviana. (CUSICANQUI, 2010, p. 195-196)

A cidadania na Bolívia, segundo Cusicanqui, representou um pacote cultural civilizador, em que as identidades diferenciadas e suas marcas eram abandonadas. O desenvolvimento, na mesma direção, quebrou relações de autonomia e espaços femininos e indígenas. Sobre esse processo, Cusicanqui retoma a experiência anarquista moderna, e localiza o sujeito feminino contemporâneo nas correntes de pensamento renovadoras e nas práticas poscoloniais. Ela sugere que, não por acaso, o primeiro movimento popular feminino moderno na zona andina da Bolívia foi a experiência sindical anarquista, protagonizado pelas cholas trabalhadoras<sup>42</sup>, que combateu a cidadania homogeneizadora e intolerante com as diferenças. Ademais,

El programa esbozado por el sindicalismo anarquista femenino tuvo aún otra enseñanza para las luchas de las mujeres de hoy. Fue un programa que intentó descolonizar y resignificar el lenguaje, la palabra, para que ésta deje de ser el talismán del conquistador y se convierta en medio de comunicación y en espacio de ejercicio de la libertad. Petronila Infantes, cocinera de profesión y dirigente del Sindicato de Culinarias y Ramas Similares, afiliado a la Federación Obrera Local, se expresaba así en un testimonio recopilado en 1986:

En primer lugar teníamos que ser como somos, que no haya discriminación. Por eso nos respetábamos el uno al otro, tanto entre compañeras como entre compañeros, lo mismo las compañeras con sus esposos, no se pegaban como en otros hogares que se agarran a patadas, la mujer le rasguña, le agarra a botellazos, esas cosas nosotros no hemos conocido (...). Por eso era libertario el sindicato, de los anarquistas, anarcosindicalistas. Eso quiere decir ser libres, tener control sobre la manera de vivir, tener esta libertad en la voz. Nos organizamos todas en virtud de que nadie nos dirija ni nos maneje (citado en Lehm y Rivera 1988:163). (CUSICANQUI, 2010, p. 199)

Nesse contexto, a autora resgata da cosmovisão regional a ideia andina da rebelião *pachakuti*, em que seria possível uma reforma cultural e social profunda, por meio da inversão do colonialismo, ou o “colonialismo ao revés”. Assim, por meio da descolonização e da derrota

<sup>42</sup> Para saber mais: Cusicanqui, Silvia Rivera. *Los artesanos libertarios y la ética del trabajo*. Ed. THOA. La Paz, 1988.

daqueles que preservam o passado colonial, seria possível uma ruptura com os modos de opressão.

O *Mujeres Creando*, bem como outros feminismos latino-americanos, se coloca enquanto proposta e prática descolonizadora, e essa sempre está associada à desconstrução patriarcal, ou despatriarcalização. Como já dito no primeiro capítulo, o movimento reconhece uma história de luta feminina na Bolívia, e articula a memória coletiva que ressignifica e reinventa na construção de sua identidade. O passado rebelde se torna potência nas iniciativas emancipatórias, mas não no sentido de uma continuidade histórica linear. O passado é articulado na recriação do mundo, e parafraseando Cusicanqui, ao revés.

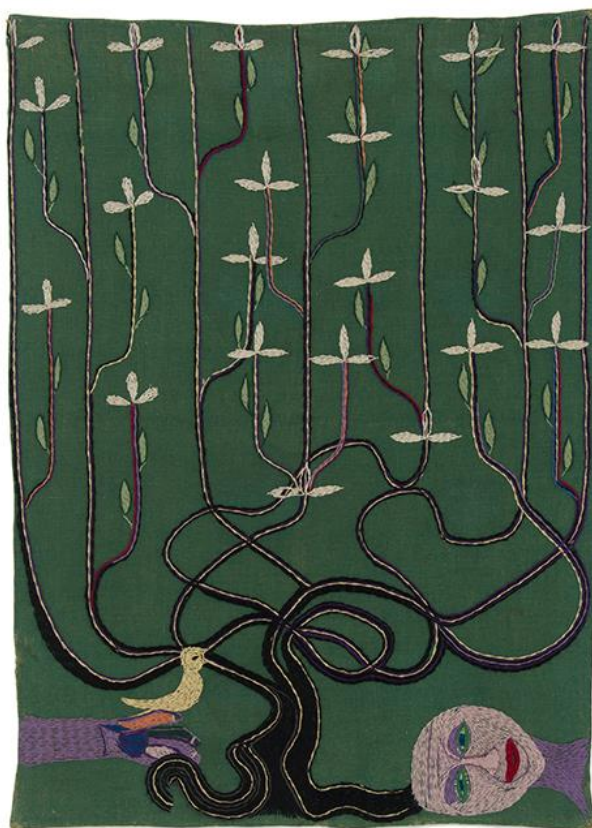
A proposta de descolonização e despatriarcalização tomam corpo nas práticas do movimento, ancoradas em um feminismo autônomo e criativo, como o descrevem. A década de 90, quando o movimento nascia, foi paradigmática pelas mudanças na geopolítica mundial orientadas para o neoliberalismo e a emergência de movimentos afrodescendentes e indígenas com a participação massiva de mulheres (MIÑOSO, 2014, p. 27).

Os processos vividos na Bolívia contemporânea, protagonizados pelas pessoas comuns, demonstram o que será problematizado pelos Estudos Subalternos (Guha, 1982) como uma espécie de retificação histórica, ou em outras palavras, a história reescrita por esses sujeitos que foram interpretados pela historiografia tradicional do Ocidente sem levar em conta sua agência e sua voz própria. Diante da expropriação da fala e da agência dos ditos subalternos, a crítica pós-colonial questiona esse lugar do discurso autorizado. Neste sentido, o *Mujeres Creando* afirma um compromisso:

Nosotras como feministas conocedoras de la fragilidad de toda identidad, sabedoras de que piel y cuerpo es antes que tierra y territorio, sabedoras de las formas como las identidades se mezclan, entremezclan y confunden, conocedoras de la tiranía que encarnan todos los fundamentalismos culturales y todas las pugnas de poder, somos en medio de esta revolución una vertiente de frases interpeladoras, somos la vertiente capaz de aglutinar a un sujeto complejo como es el universo de las mujeres para pasar de ser la autonegación colectiva a ser un sujeto histórico” (CREANDO, 2005, p. 137)

### 3. Um encontro: carrego só os meus sonhos

*Figura 1: “Árbol de la vida”, 1963*



Fonte: Coleção do Museo Violeta Parra<sup>43</sup>.

Vinha um pouco ansiosa. Deixei os sorrisos conhecidos no Chile e não sabia o que esperar na Bolívia. Da última vez que tomei esse rumo me lembro do frio na barriga, aquele que se espera de uma nova viagem, de novos rostos, aprendizados, paisagens, gostos. O contato com uma antiga conhecida em La Paz foi improvisado e um tanto incerto. Cheguei naquele aeroporto pequeno, mas um tanto tumultuado na saída do portão de desembarque, por conta da chegada de uma celebridade do pop coreano. Busquei em muitas faces aquela feição que me lembrava distante e que havia conferido pelo retrato para não me perder. Mas não encontrava. Comecei a ficar um pouco preocupada, não tinha como ligar para ela. Pedi um celular emprestado. Liguei e esperei. Cláudia me buscou e o abraço já me deu certa tranquilidade.

Em novembro de 2015, quando pisei no Altiplano, senti a brisa fria. No micro-ônibus fui escutando o que seriam as primeiras sensações e palavras do que eu havia conhecido,

<sup>43</sup> Disponível em: <<http://museovioletaparra.cl/coleccion/7049>>. Acesso em: 23/07/2018.

até então, de maneira bem distante. Mas o sentimento não era mais aquele do primeiro encontro que transborda surpresa, já levava comigo uma experiência curta de 2013, mas intensa e um pouco difícil. A curiosidade, os sabores, as cores, as diferenças, a desconfiança, a solidão, o medo. Tudo isso já estava no meu coração quando eu descia a ribanceira de El Alto para La Paz. Claudia me falou da cidade, do teleférico, da universidade e foi me apresentando alguns aspectos da vida em La Paz.

A cidade já me pareceu distinta, as casas de tijolos à mostra, tinha um aspecto de inacabada. A geografia singularmente acidentada. Já senti a mudança de ambiente, quando no aeroporto reparei nas feições indígenas das pessoas. O conjunto colorido de edifícios, que depois eu viria a saber que são um fenômeno mais ou menos recente da arquitetura de El Alto, os “choletes”. As paredes pintadas com “Evo Si” e repintadas com “No”. Baixamos da mobilidade, como se chama um tipo de transporte coletivo, em alguma parte central e caminhamos morro acima. Claudia ia me contando dos movimentos de mulheres que vem surgindo e crescendo na Bolívia.

A rotina em La Paz pode ser árdua, a começar por caminhar pelas montanhas e o ar rarefeito. O dia amanhece e a rua já está cheia de pedestres. As cholas já estenderam seus tecidos coloridos no chão cheios de alimentos. As barracas já estão ofertando seus produtos. E pode ser que a marcha já esteja em curso e o acampamento paralizado. Pode ser que a luz do dia ilumine um novo grafite. Assim acontece o dia em La Paz, uma cidade que pode ser caracterizada como caminhante, até mesmo no céu, pelas linhas de teleférico, se vê o movimento. É amontoadada, é feita de distâncias próximas, não como certas metrópoles em que se pode andar quilômetros sem uma viva alma andando na rua. Ainda que em certas regiões mais ricas da cidade observa-se a maior presença de automóveis particulares. O comércio também acontece em meio ao fluxo, as vezes organizado em feiras, mas, em geral, de maneira informal. Essa é uma forma de perceber as ruas de La Paz. As pessoas estavam sempre cruzando para lá e para cá, em meio aos muitos transportes coletivos, feiras e demais movimentações. A impressão é que esse intenso movimento caracteriza qualquer ação nas ruas.

Em um sábado, caminho contemplando a rotina das pessoas. O passeio de fim de semana na Perez, as pombas na Plaza Murillo, o movimento no Prado, os jovens encostados na fonte, as atividades no mercado Camacho, onde há música, dança e a incrível vista do nevado Illimani, a montanha lendária.

Havia passado um curto momento de estadia lá e eu já sentia que os meus planos de trabalho se desestabilizavam. Claudia, naquele momento, buscava entender suas próprias



questões, como sua condição enquanto mãe lésbica de quatro *wawas*<sup>44</sup> e a administração de seu tempo, entre o trabalho, os filhos e os sonhos. O grupo a acolheu em um momento importante de sua vida e, nos últimos tempos, ela se abria a outros caminhos. A vontade de fazer um curso de culinária estava presente em seus planos, bem como, a preocupação com a criação de seus quatro filhos.

No mesmo dia da minha chegada fomos a uma Lan House para que um dos seus filhos fizesse a tarefa escolar e vimos a notícia na tevê de uma mãe assassinada e sua bebê ainda desaparecida. Devido à grande quantidade de casos de violência contra mulheres, ela colocou sua própria filha adolescente para fazer um curso de defesa pessoal oferecido pelo governo para as jovens. Ela desconfiava que este curso era uma proposta da mulher do prefeito com o intuito de angariar votos. Da perspectiva de Claudia, existe uma relação entre a maior participação das mulheres na política, e sua independência, com a violência e os assassinatos diários, os feminicídios. Não é incomum que se veja na Bolívia casos de mulheres em cargos políticos sofrendo algum tipo de pressão, ameaça ou até a morte de fato.

A casa é simples. O movimento das crianças e o barulho da chaleira no fogão trazem conforto. Ali vivem Claudia e seus quatro filhos: dois meninos gêmeos com oito anos, um de treze anos e a adolescente de quatorze. Ela afirma que dispõe de pouco tempo e dinheiro, mas a criação dos filhos é uma tarefa essencial para que sejam independentes, e não reproduzam atitudes machistas, buscando em outra mulher uma mãe que faria tudo por eles e, também, que a menina não aceite ser a mãe-esposa submissa. Eles ficam responsáveis, às vezes, por ir ao colégio e alimentarem-se sozinhos, fazer tarefas domésticas e ajudar no cuidado um do outro enquanto a mãe está no trabalho.

Todos os dias há notícias de feminicídio. Claudia se preocupa por sua filha, diz que tem que ficar de olho porque a violência é uma questão recorrente e urgente na Bolívia. Pedem para ter cuidado também nas ruas. Um dia escutamos o caso de uma jovem morta a trinta e duas facadas. E no outro dia outra assassinada. O jornal nos aproximava de alguns temas recorrentes. Uma policial mulher agredida tentando levar um infrator para a delegacia. Greve dos trabalhadores da *Polar*. Deslizamento. Desocupação. Feminicídio.

Acostumo-me, gradualmente, com a altitude, os morros que subo e desço diariamente, com os costumes e os perigos. Sou alertada a ter cuidado com o vizinho que as vezes vaga bêbado e têm episódios de violência. O cachorro da família, Cacho, aos poucos

---

<sup>44</sup> Palavra de origem indígena para criança, bebê.



também se habitua à minha presença. Ele é arisco e passaram-se alguns dias de pão com saliva e sentindo meu cheiro para que ele me desse às boas-vindas.

Os *peques*<sup>45</sup> sempre me perguntavam se eu vivia em um quilombo, ou se eu precisava de ajuda para ser libertada da escravidão. Essa era a referência deles do Brasil, pois assistiam às novelas brasileiras que passavam na televisão boliviana. Eles fantasiavam com estar no Brasil e libertar os escravos, aquilo os impressionava, e mesmo que nós disséssemos que a escravidão já havia acabado a fantasia continuava. A convivência com Claudia, sua família, o movimento e as pessoas com quem cruzei, naquele tempo, em La Paz, foram construindo um espaço de entendimento para mim, um cenário possível, ainda que com as limitações que as diferenças entre nós traziam.

Às vezes eu despertava com a voz das crianças. Em uma manhã, conversando com a filha adolescente de Claudia, ela me contou sobre a brincadeira que faziam na escola que consistia em simular uma família. Entre os amigos, cada um tinha o seu papel como pai, mãe ou filhos. É muito recorrente se chamarem uns aos outros de *papito* e *mamita* (paizinho e mãezinha). Logo nos primeiros dias, ela me levou para comer *sopa de fideos*, comida a base de macarrão, na praça *Riosinho*, perto da casa. Praça que ficou marcada em minha memória. O nome *Riosinho* me soava incomum, para mim se aproximava mais do diminutivo em português, do que do espanhol. Foi lá que eu comi uma boa comida com a *casera*, a pessoa que vendia almoço na rua, que me chamava carinhosamente de *mamita*; onde reparei no rosa vibrante do algodão doce e comecei a ver outras cores então além das cores do frio e das construções, cinza do concreto e marrom da terra e dos tijolos; onde encontrei uma mulher generosa que me apresentou várias outras no evento de direitos das mulheres; era lá que eu sentava algumas tardes para escrever, ver o movimento; era por lá que eu passava sempre descendo o morro, por onde as pessoas comiam e conversavam, os cachorros descansavam, as pombas ciscavam.

Durante alguns dias o avô paterno das crianças estava fazendo reforma em umas tubulações da casa. A casa é dele e Claudia, após o processo de divórcio, conseguiu por lei continuar morando ali até que as crianças completem dezoito anos. A relação com o pai de Claudia, o avô materno, também estava em processo de reconciliação, já que foi difícil quando se assumiu lésbica. Houve um protesto público organizado pelas *Mujeres Creando*, no qual Claudia e María Galindo agiram juntas. Era uma ação em espaço público, chamada *escultura lesbiana*. Gestos, um beijo, um abraço. O que significou essas simples ações desencadou uma

---

<sup>45</sup> Uma maneira de dizer os pequenos, as crianças.

série de acontecimentos, como a violência policial, e significaram um momento de ruptura em sua vida. Houve repercussão na mídia e o pai de Claudia assistiu pela televisão. A intervenção de protesto aconteceu na *Plaza Murillo*, no átrio da Catedral, como uma provocação a respeito do tabu sobre a sexualidade lésbica.

*Fotografia 6: Agenda Feminista*



Fonte: Mendonça (2015)

#### 4. La Mariposa: *Libre viviré, libre moriré*

*Fotografia 7: Alas*



Fonte: *Mendonça* (2015)

Claudia Flores me acolheu quando cheguei pela primeira vez em La Paz interessada em participar das atividades do grupo Mujeres Creando e entender sua dinâmica. Me deu a abertura que eu precisava para que este trabalho fosse possível. Para que eu pudesse elaborar, em conjunto, uma contribuição de pensar temas que perpassam a vida de pessoas não só na Bolívia, como em outros territórios. A trajetória dela, bem como de outras mulheres que passam

por este texto, evidencia como o feminismo é vivido por elas. Mais especificamente, de que forma a luta feminista autônoma reivindicada pelo grupo é expressa por ela e pela organização que faz parte, como ela acontece, através das mulheres, nos tecidos coletivos, na solidariedade cotidiana e nos espaços públicos.

Claudia nasceu e cresceu em La Paz. Seu pai, habitante de El Alto, criou a ela e seu irmão. Ele sempre trabalhou com máquina de imprensa e seu filho o ajudava. Ela acreditava que a vontade do pai era vê-la casada *señorita*<sup>46</sup> e que fosse uma boa esposa. Se educou em um colégio de freiras. Mais tarde, fez um curso técnico de estilista e cosmetóloga. Trabalhou muitos anos na área de estética e beleza até que sentiu a necessidade de buscar algo que preenchesse o vazio que sentia por dentro.

Paralelamente ao trabalho, engravidou aos vinte anos. Ela conta que queria criar sua filha sozinha, porém com a pressão social e da família, seguiu outro caminho e casou-se. Segundo ela, era complicado tomar essa decisão naquela época, e resolveu casar-se quando sua filha tinha aproximadamente seis meses. Ela diz, em outras palavras, que não se casou e sim foi casada. Tiveram quatro filhos e viviam juntos. Durante um período a vida transcorria relativamente tranquila, diz ela. Porém, ela sentia que a aparente tranquilidade escondia suas brigas internas. Logo começaram os problemas. Ainda que ele viesse de uma família abastada, quem acabava trazendo dinheiro para casa era Claudia. Ele era exigente com os empregos que arranjava e não permanecia, e ela continuava trabalhando. Sua carga horária era alta para sustentar a família e bancar os períodos de desemprego do marido. Trabalhava quase o dia todo em uma empresa grande, o período da manhã e depois de tarde até a noite, quando chegava em casa os pequenos estavam já quase dormindo.

Seu marido era ciumento e começou a ser violento com ela. Para ela, foi quando a vida ficou mais sofrida. Isso se estendeu até que ele a colocou na rua. Na calada da noite, ela chorou machucada, sem seus filhos. Sozinha foi até a polícia. Ela conta que as autoridades não fizeram nada e se pergunta o quanto mais ela deveria estar machucada visivelmente para que eles a ajudassem.

É quando ela retorna para a casa do pai. A essa altura já conhecia María Galindo pela mídia, suas ações já haviam alcançado grande repercussão. Especialmente, após uma performance do Mujeres Creando, que tomou lugar no Obelisco do centro da cidade, com homens nus e gerou polêmica na mídia. Claudia resolveu ir ao encontro do coletivo. Quando

---

<sup>46</sup> Significa casar virgem.



falou com María Galindo ao telefone, foi como se recebesse uma ligação da Lady Gaga ou da Madona, contou-me caindo na risada. Imagino que a comparação seja por ser uma mulher icônica, irreverente e com certa fama em La Paz.

Ela lembra que uma das integrantes do grupo lhe disse para ser firme e exigir do seu marido a separação e que ela ficasse com a casa, a pensão e as crianças de volta. Ele fez ameaças, mas em uma semana sua mãe ligou para negociar com Claudia. E nesse período de transformações em sua vida que ela iniciou uma busca por seus próprios sonhos e desejos, e também pelo bem-estar de seus filhos, com a ajuda das pessoas do coletivo. A próxima parte do texto conta com trechos da entrevista, em itálico, com Claudia Flores, realizada por mim em dezembro de 2015.

\* \* \*

Claudia conta que o ponto detonante para sair do casamento que já durava quatorze anos foi o sentimento de que não pertencia àquela relação sentia que tinha outra opção sexual. *Vivimos en un closet las mujeres, con tus dudas, tus miedos, tus tabús sexuales. Entonces yo vivía con todos esos miedos. Entonces hasta que la relación con el papá de mis hijos fue desgastándose, fue desgastándose y tuvo que llegar a un punto donde hubo que abrirse la flor. Entonces yo tomé la decisión de volar y el como todo hombre machista, quiso retenerme pero no, yo no aguanté.*

María Galindo teve um papel crucial neste momento em que ela se sentia afogada, sentia que ninguém podia lhe dar apoio. Ela a viu pela televisão, *vi la fuerza y la forma como ella expresaba, ¿no?, su lesbianismo, sus acciones, la forma como defendía las mujeres. Entonces, la forma como yo la conocí creo también que fue el puntal de poder decidir qué es lo que quería de mi vida (...) ella estuvo en esos momentos de mi vida. Entonces, eso fue una forma de abrirme y poder tomar una decisión definitivamente, salga bien o salga mal*

Quando perguntei a ela sobre o papel do Mujeres Creando desse momento em diante em sua vida, ela responde que um dia estava em casa escutando a rádio Deseo, do coletivo, e escutou María Galindo convidando mulheres de diferentes classes sociais para uma reunião anual do coletivo. Claudia se interessou e foi conhecer o grupo. E diz que foi engraçado porque, ironicamente, era em uma escola de freiras onde ela estudou. *Entonces yo decía, realmente todo ha salido de contexto, vuelvo al mismo lugar donde partí. Y vuelvo al mismo lugar, con ella (María Galindo), de alguna forma, a romper a mis tabús, mis miedos, mis cosas, mis cuestionantes y seguir cuestionando mi posición.*

Em essa ocasião Julieta Ojeda e María Galindo recolheram os números de telefone das participantes da reunião e dentre eles o de Claudia. Ela conta que o grupo faz nestas reuniões oficinas artísticas e políticas, ela resolveu fazer uma de arte, porque sentia que, como outras mulheres, este tipo de expressão havia sido arrancado dela. *Todos los niños y niñas la tienen, pero es cortado en el camino de la escuela, de la universidad y te enseñan a ser ganado. Are, Are y sigue siendo ganado. Sin creatividad ninguna y sin poder expresar ningún arte plasmada en nada.*

Nesta época, María Galindo entra em contato com ela e a convida a participar do grupo de estudos do Mujeres Creando. *¿Y comienza esa aventura, no? ¿Empieza a María a preguntarme de mi vida y yo de a poquito le comienzo a desdoblar mi vida, no fue de golpe, a mí me costaba mucho hablar, mucho expresarme, mucho entender mi sexualidad, muchas cosas digamos, no? ¿De a poquito ella comenzó a tener confianza conmigo y de a poquito me sacó de esa esquina que yo estaba, no? Atemorizada y con muchos miedos, muchos tabús.*

Então, Claudia começa a fazer turnos na casa-sede, tanto manuais como intelectuais. Segundo ela, uma fusão necessária, eles se entrelaçam no Mujeres Creando, ou seja, *no es porque tú seas licenciada en Historia no puedes ir a cocinar, o porque yo sea chef en la cocina no puedo leer, digamos. Entonces hay esa fusión, esa forma horizontal de verle a la otra compañera, no importa la edad que tu tengas. A ella (María Galindo) no le importó que yo sea madre. A ella no le importo digamos que otras compañeras no son mamás. Otras compañeras son mayores, como Sonia. Entonces se maneja esa horizontalidad y esa relación de tejidos que hay entre mujeres, por la edad y cosas que tú vas construyendo por el camino.*

Nestes cinco anos que faz parte do grupo, Claudia diz ter aprendido a fazer ações políticas. A primeira delas, foi no dia das mães, quando elas saíram mostrando mulheres crucificadas para questionar a posição das mulheres enquanto mães julgadas e crucificadas, essa ação está na produção do Mujeres Creando, *Mama no me lo dijo* (2003). A seguir ela descreve a ação: *Era el día de la madre. Entonces nosotras teníamos que hacer nuestras muñecas, bueno en papel mujeres crucificadas como Jesus Cristo, y tú le pegabas lo que tú expresabas como creatividad de tu mente, de tu vivencia. Lo que ves en esa mujer, como el día de la madre te llenan de regalos de planchas, de cocinas, o sea, ese día es el bombardeo de todos los regalos domésticos (...) y no hay un regalo, digamos no te preguntan se quieres un viaje, si quieres un spa, peluquería, si quieres maquillarte, si quieres esta noche ir a cenar. Pero te regalan licuadora, batidora, todas las “doras” posibles, porque tú tienes que cocinar para toda la familia. Entonces fue esa ruptura que María hizo conmigo. De mi maternidad, con el lugar que*

*a mí la sociedad me estableció y mi marido me estableció. Entonces fue una ruptura así muy fuerte para lo que yo quería.*

*Entonces, al hacer esta acción, al salir desde la Garita de Lima hasta caminar al centro, todos observando, porque mira, la Perez se llenan de flores, de tarjetas, de chocolate, la tomusla que tú vas a conocer. ¿Esos son los regalos, no? Entonces, para mí fue así fantástico. De miedo también, temblaba, porque por ahí vive la familia paterna de mis hijos. ¡Entonces podían verme, podían juzgarme, podían botarme! (...) Podía afectar mis hijos. Entonces, fue yo creo que de alguna forma esa ruptura (...) de ese sarcófago que yo lo tenía así tan cuidado, tan protegido y fue el empiezo, el nacimiento de una mujer libre. De una libertad única y plena que hasta ahora la vivo.*

Para além das ações Claudia assumiu outros trabalhos na casa (*La Virgen*, como também é chamada a sede). Trabalhos que segundo ela não eram exaustivos porque havia rotatividade. Quando ocorre essa divisão de trabalho com as outras integrantes, ela afirma, que é possível fazer outras coisas com seu tempo livre, como estudar. Como ela gosta de desenhar e criar, se dedicava, às vezes, a fazer bijuterias. Um dia Andrea, uma integrante do movimento, compartilhou uma preocupação com algumas tarefas da casa que precisavam de reforço e foi quando Claudia entrou para trabalhar na cozinha do restaurante da casa-sede, onde ela se dedicou por três anos, até o presente momento.

Sobre a época que ajudou na cozinha, Claudia descreve: *se autogestiona la cocina, plato principal de la casa es el ají de fideo y pesque, como habla la María es rico, barato y antimperialista, y se comienza a autogestionar así. Entonces, comienzo a asumir parte de la cocina, pero también sigo en el grupo de estudios, sigo haciendo acciones, hasta que llega acciones mucho más fuertes, mucho más digamos impactantes para mí. Leer bastante, formarme políticamente, porque eso es lo más importante, tampoco las acciones son salidas de la nada. Son a partir de un grupo, de un concepto político que se arma. Entonces vamos saliendo con María y las chicas, todas del movimiento a los espacios públicos, se los toma como propios de nosotras e hacemos varias acciones.*

As ações segundo ela se dão a partir de um momento conjuntural, do que está acontecendo no cotidiano. Uma ação que foi muito importante na vida de Claudia é a denominada *Escultura Lesbiana*, a qual ela descreve como o momento definitivo em que “saiu do armário”. Na época, já havia se separado do marido, já havia trabalhado internamente sua sexualidade e já tinha uma companheira amorosa. Ela conta que foi um processo de conhecer-se a si própria e fazer com que seus filhos aceitassem seu *lesbianismo*. *Pero es muy difícil en ese Estado que crea leyes, que se dice la 348 ley contra la violencia en contra de la mujer, la*



*antidiscriminación, y en las escuelas no hay una educación, en la sociedad no hay una educación, seguimos con esas taras, seguimos con ese conservacionismo total de la sociedad. Entonces no hay digamos una abertura. Por más leyes que hay las mujeres siguen muriendo. Las personas con diferentes opciones sexuales no pueden ser públicas. María es una mujer lesbiana pública, que ha tenido que pagar con sangre, la posición actual que tiene.*

No dia do orgulho gay, em que se festeja e protesta pela causa gay, é que se deu a ação da escultura lésbica. A forma como a ação ocorreu tinha como conceito tomar o espaço, uma estratégia na qual o Mujeres Creando acredita. Os espaços são tomados, segundo Claudia, como se tomaria uma discoteca, ou o espaço comum de um restaurante, ou poder segurar a mão da sua companheira e poder caminhar com ela e os filhos sem que alguém aponte o dedo, ou ir à escola dos filhos com sua mulher, como um casal homossexual, e não ser julgada e assinalada pelos outros pais ou professores.

Em uma sexta-feira, María Galindo liga para ela e lhe diz *compra unas batitas de encaje que se pone en todas las mujeres cuando se ponen vestido, aquí se les dice nawas, en otros países no sé cómo se les dirá. Con eso vamos a salir, me dice. Vamos hacer posiciones lésbicas, las sexuales que tienes con tu pareja. Entonces yo le digo ya seguimos la corriente, está bien. Y otra compañera, Danitza Luna, que plasmo su arte en unos corazones negros, en donde se habla que las lesbianas existen en la policía, existen en las fuerzas armadas, existimos en todo tipo de espacio. Pero por miedo a la sociedad, por miedo a que te juzguen, por miedo a que te apunte tu familia, te silencien, por eso dicen estás en tu closet, aquí mayormente dicen las lesbianas viven en su closet. Hay mujeres lesbianas que ocupan muchos espacios privados, como también públicos, pero lo mantiene en silencio.*

A intenção era desafiar esta situação. *Llegó el día de la acción, fue un viernes, yo ya estaba lista maquillada, así yo pensé que iba a ser algo muy fácil, es una escultura lésbica a lo mejor pensé que íbamos estar estáticas y tranquilas. Eso fue en la Plaza Murillo, que es el centro político de La Paz, al lado del palacio del gobierno, de la iglesia. Se nota, llego yo con la batita, pero con un saco en un taxi, resguardada de las otras compañeras del movimiento. Y llegamos ponen una mesa donde dice escultura lésbica. Sube María. Subo Yo encima de ella en la escultura. Bueno, llega la prensa, nos fotografía. Y por casualidad del mundo pasa un diputado que firmó la ley de discriminación y da la orden.*

Nesse momento, acontece o beijo entre María e Claudia, ela esclarece que não são um casal. Chega a polícia, as forças especiais para tirá-las de lá, *llegan y arremeten con nosotras, nos jalonean, nos bajan de la mesa (...) nos gasifican. Yo no podía soltar a María, porque si la soltaba automáticamente me detenían, o sino automáticamente a ella la detenían.*

O protesto, que segundo ela, estava no marco da legislação, dentro de seus direitos, sofreu essa forte represália. A imprensa tirou muitas fotos e ela, afirma, não soltou a María. Ela descreve o que se seguiu como uma espécie de luta, na qual a polícia tentava levá-las e as companheiras do MC tentavam ajudá-las. *Pasa un perro y muerde a María, no sé en qué momento pasa un perro, y mis batas se estaban cayendo, porque abajo no tenía nada, mis pechos desnudos, mi ropa interior era baja. Entonces, nos llegan a arrastrar, nos sacan a la Plaza Murillo. Me preguntan mi nombre. La prensa como es morbosa, no? ¿Cómo encara las situaciones, no? Pensando que yo iba cubrir mi identidad y le doy mi nombre, mi apellido. (...) Entonces, la prensa se quedó callada desde la pregunta.* E, por fim, elas conseguiram se retirar do local. A ação saiu em jornais e teve repercussão internacional, conta Claudia.

É partir desse processo que passa pelo autoconhecimento, pela aceitação, por ações individuais e coletivas, políticas e sociais, é que Claudia inaugura em sua vida um novo momento. Ela conta, *yo considero, a partir de ese puntal para mí que fue salir del closet, mostrar a mi padre y a mi familia que yo soy una mujer lesbiana, a la familia paterna de mis hijos que soy lesbiana. Y con una autoridad, así, muy clara de lo que estoy haciendo. Para mí fue como decir, como abrir las alas totalmente. Convertirme en una mariposa, después de haber sido una oruga cinco años, yo creo, de luchas, de curarme las heridas, de entenderme a mí misma. Y ahora viene para mí esta otra lucha, que para mí es ser madre lesbiana. Porque noto que en los grupos, porque los veo, porque los he vivido, porque los he tomado sus espacios donde ellos van. Veo que ellos no hablan de mujeres lesbianas, de madres lesbianas, no existen, y no me parece bien que no existamos, porque si existimos, porque si estamos en ese estado, y no es que el Estado me tiene que reconocer como cuando el Estado hace el bono Azurduy de Padilla<sup>47</sup>, y te da porque eres madre, tu bono de 300 bolivianos que para mí no me sirve para nada. Porque Evo Morales tendría que ser mujer para saber cuánto tú gastas con un hijo, cuanto tú inviertes en un hijo o hija. Entonces me parece una ridiculez total.*

Nessa nova busca de pensar-se enquanto mãe lésbica e falar sobre isso enfrenta barreiras, segundo ela, muito pouco tem sido dito sobre o tema. Ela percebe um silêncio nos grupos LGBT's, em geral. Para ela se configura em um compromisso que pode trazer muitos ganhos sociais no futuro para outras mães lésbicas que, como ela, existem no mundo. Uma realidade que tem que ser visibilizada urgentemente, segundo Claudia, e que será um processo de luta a longo prazo.

<sup>47</sup> Refere-se ao bônus Juana Azurduy, criado em 2009 um incentivo financeiro às mães com crianças menores de dois anos, com objetivo de diminuir a mortalidade infantil.

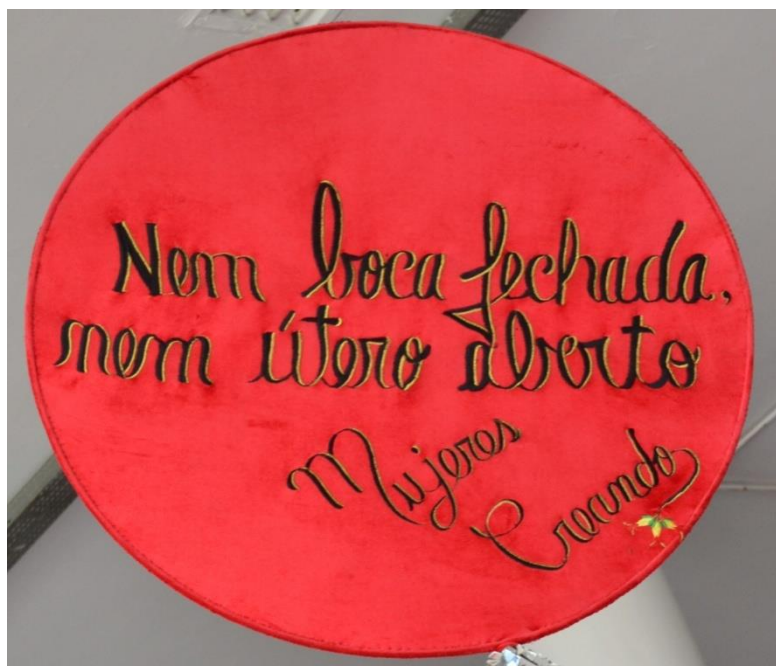
A luta política para Claudia, deve ser empreendida a partir da vivência cotidiana das pessoas. E nesse processo político compartilhado com o Mujeres Creando, Claudia diz ter aprendido muito com María, Julieta, Sonia e muitas companheiras de dentro do movimento, no qual cada uma aporta algo para a luta feminista do grupo. Ela afirma que é uma luta na qual se deve entregar-se conscientemente, vivendo-a. Neste processo, é importante o tecido de solidariedades que é construído, no qual o conhecimento é passado entre as mulheres, sejam familiares ou não, para que não se continue a assistir a morte das mulheres nesta sociedade. *Lo que funciona es tejer. Que yo pase mi conocimiento a mi amiga, a mi vecina y así, reunirse.*

A avó de Claudia era uma mulher do campo, uma mulher de *pollera*. Ela se lembra da avó e de parte da sua infância no campo, onde aprendeu a cuidar da terra, a não desperdiçar e hoje isso a ajuda a refletir sobre a vida, sobre lembrar-se de suas raízes e não descriminar qualquer que seja a origem, a cor ou a diferença de alguém. A luta, para ela, deve ser horizontal, assim como ela percebe a experiência no Mujeres Creando, no qual uma companheira respeita o espaço da outra. Diferente dos partidos políticos ou outros espaços institucionais, Claudia fala que no coletivo elas se apropriam da palavra e da voz em primeira pessoa, porque mesmo com o avanço da participação das mulheres nos espaços políticos, ainda existe um protagonismo masculino dominante. *Para mí, me parece que es un cuadro colgado en la política y que no ha cambiado en nada las leyes para nosotras. No ha mejorado ni las condiciones de trabajo, ni las condiciones de sueldo, ni guarderías que tendría el Estado que poner, para que las mujeres por más que tengamos la decisión de tener un hijo solas podamos acceder a una guardería segura. Poderlo dejar, poderlo recoger. Entonces como te digo para mí las mujeres en el poder, para mí es como un cuadro más de museo y los que toman decisiones son los hombres.*

Na vida de Claudia algumas rupturas e encontros significaram que ela recuperou suas asas e que pudesse alçar novos vãos. No final desta conversa, ela conta como “virou mariposa”: *cuando yo me separé sentí que había salido de una cárcel de oro y pude abrir mis alas. Pude abrir mis alas y volar, y vuelo, y vuelo alto. A veces bajo, a veces me equivoco, a veces me mojo, me llueve. Pero son vuelos que los hago sola, a veces acompañada, pero lo más importante, libre. Y yo por eso digo, yo nascí libre y voy a morir libre, Bruna. Y voy a morir libre y nadie va a poder destrozar mis alas y nadie va a poder romperme ni un pedacito, porque, ya soy una mujer que se ha construido tan bien de nuevo. Me he tenido que romper para volverme a estructurar. Vuelo, entonces me identifico mucho con la mariposa, porque yo creo que es el renacer y la libertad que tú puedes tener de nuevo para ser libre, totalmente libre.*

### Capítulo 3: *Mi cuerpo, mi territorio*

Fotografia 8: 31ª Bienal de Arte de São Paulo



Fonte: Mendonça (2014)

#### **“Espaço para Abortar”**

O aborto é um tema central e recorrente nos atos e manifestações político-culturais do grupo Mujeres Creando, tratado de diferentes formas em livros didáticos, grafites, performances, exposições, programas de rádio, filmes, vídeos de internet e debates. Entretanto, mais do que isso o aborto é central na vida das mulheres, que enfrentam cotidianamente a violência contra seus corpos e sua liberdade de decisão sobre eles. Dessa forma, o assunto não se restringe aos atos políticos, diz respeito à maneira de estar no mundo e a vida própria das mulheres.

Em 2014, María Galindo, Esther Argollo e María Idoja, integrantes do grupo Mujeres Creando, realizaram uma marcha de mulheres, pela despenalização do aborto e por uma abertura de diálogo sobre o assunto, na inauguração da instalação “Espaço Para Abortar”<sup>48</sup> na 31ª Bienal de arte de São Paulo. Aproveitaram o ensejo e estabeleceram diálogo com coletivos e organizações feministas brasileiras, durante a estadia no país.

<sup>48</sup> Mais informações disponíveis em: <<https://www.paginasiete.bo/ideas/2014/9/21/abortar-bienal-arte-paulo-32633.html>>. Acesso em 15/04/2016.

No início, as pessoas transitavam pelo espaço e ainda não havia um grande público concentrado na instalação, localizada no prédio de exposições do parque Ibirapuera. Mas, aos poucos, essas mulheres começaram a interpelar e reunir gente e formou-se uma aglutinação, atraída também pela própria imagem do espaço, a forma como esteticamente foi construído e pela liberdade de expressão e para expressar-se.

*Fotografia 9: Instalação “Espaço para Abortar” no pavilhão da Bienal de São Paulo*



Fonte: *Mendonça* (2014)

Sáímos em marcha pelo parque, carregando uma escultura. A escultura consistia em um par de pernas metálicas abertas, um útero cilíndrico envolvido por véus vermelhos transparentes, com o nome útero em floral, e centralizada acima, uma vagina estilizada em material vídrico em várias camadas, sustentando um círculo vermelho com um grafite em preto que dizia “Nem boca fechada, nem útero aberto – Mujeres Creando”. Se carregada por uma só pessoa, suponho que seria muito pesada, entretanto, em muitas mãos era possível experimentar certa leveza. Essa obra estava instalada logo na entrada do pavilhão da Bienal, espaço de grande visibilidade. A escultora Esther Argollo, criadora da estrutura principal da instalação, em matéria para o site [paginasiete.bo](http://paginasiete.bo), nos dá a conhecer a razão de sua participação em um evento institucionalizado como este, já que sua trajetória foi de distanciamento das instituições, entretanto, acredita que é uma oportunidade de chegar à muitas pessoas. Ela, com suas companheiras de organização, leva um tema próprio de forma criativa e profunda, criando um



espaço de luta concreta. Ademais, um tema que independe das prioridades da Bienal e que é urgente não só na Bolívia como no mundo.

A caminhada consistia em carregar aquele corpo simbólico e ao longo do trajeto fazer paradas para escutar as mulheres que quisessem contar suas histórias de aborto em primeira pessoa, não exatamente como plataforma política ou testemunho, mas sim como relato de vida, sentimentos e percepções da experiência própria vivida. A mesma experiência foi realizada na Bolívia anteriormente, o que podia ser assistido também na exposição em telas nas laterais da escultura principal.

Havia algumas pessoas engajadas em movimentos e organizações sociais e outras não, independente disso, era de se surpreender o número expressivo de mulheres que aceitaram compartilhar seu relato de aborto clandestino, já que no Brasil, assim como na Bolívia, existe a criminalização desta prática. Portanto, é importante ressaltar a coragem dessas mulheres em falar isso abertamente naquele espaço em que passavam tantas pessoas. Parece-me que isso mostra, de forma ainda mais convincente, o quanto precisamos falar sobre o assunto, o quanto é necessário que as próprias mulheres possam debater e decidir sobre esse assunto que lhe é próprio e que é reivindicado como tal. Ouvimos de algumas delas como foi um processo difícil e solitário, seja em casa ou em alguma clínica e hospital. Em muitos momentos nos sentimos tocados. Entre as paradas para escutar algum daqueles desabafos e o andar em conjunto, era perceptível a emoção das pessoas.

Fomos orientadas por María e Esther a caminharmos em silêncio e sem cartazes, pois a linguagem que estava em pauta ali era outra. A escultura e as imagens criadas pela própria situação falavam por si mesmas. E acima de tudo, o silêncio para ouvir as mulheres que desabafavam. O protagonismo era delas. Durante as falas, um homem, cuja filha abortou, quis falar e não lhe foi permitido. Ele ficou nervoso e insistiu, mas mesmo assim não houve concessão das autoras e do público que se envolveu na discussão, já que se configurava em um espaço para os sujeitos diretos do aborto. Isso gerou um incômodo, que podemos pensar no sentido de que os espaços já são majoritariamente masculinos e ainda assim quando se cria um espaço em que as mulheres são protagonistas há uma dificuldade em conceder a fala à elas.

Carregar a estrutura não foi tão fácil, quanto parecia no início, ainda mais com o sol ardente na pele, mas isso agregou sentidos a todo universo simbólico mobilizado naquele momento. Carregando nosso próprio corpo e o de nossas companheiras, as escutando, suas culpas, suas dores, seus sentimentos. De dentro de cada útero as vozes saíam doloridas e por vezes aliviadas. Mas ali foi criada a possibilidade de carregarmos o peso juntas e sairmos um pouco da solidão do ato individual, criminalizado e condenado moralmente, para a

solidariedade, o acolhimento e a voz compartilhada. O resultado material final, visitado diariamente por um público amplo, foram as gravações desses relatos que podiam ser ouvidas dentro de cada um dos úteros simbólicos, ao redor da escultura de maior porte, na exposição fixa da Bienal.

Da perspectiva da instituição organizadora, pode-se interpretar que houve uma identificação que vai além do contexto boliviano. No site da 31ª Bienal foi publicada uma matéria sobre a exposição “Espaço para Abortar” que inseria a proposta em um contexto sul-americano, abrindo uma reflexão sobre a liberdade de consciência na democracia contemporânea dentre outras questões. A atuação do grupo é descrita como intervenção urbana dentro da categoria de passeata-performance pública e participativa. A instalação é descrita da seguinte forma:

No decorrer da exposição, são incluídos no projeto materiais e vozes do contexto local, a fim de identificar e mobilizar um “útero” coletivo como espaço de enunciação que incube todas e todos. Um útero coletivo em São Paulo é brasileiro, boliviano, português, italiano, japonês, tem várias cores e vínculos culturais heterogêneos, tem um passado colonial e integra fluxos de migração globais em uma realidade industrial, contra o pano de fundo de um dos maiores centros financeiros do mundo contemporâneo.<sup>49</sup>

Há nesta análise da organização do evento uma associação do tema ao contexto das migrações na metrópole que é a cidade de São Paulo, propondo uma aproximação cultural para pensar o tema do aborto, que do ponto de vista legal é penalizado em vários países sul-americanos, como o Brasil e a Bolívia.

---

<sup>49</sup> Fonte disponível em: <<http://www.31bienal.org.br/pt/post/1579>>. Acesso em 15/02/2015.



Fotografia 10: Maria Galindo e Esther Argollo na marcha da Bienal de São Paulo



Fonte: Mendonça (2014)

### Censura e controvérsias

Houve polêmica em torno desta exposição devido a um ato de censura<sup>50</sup>. Após a visita da Comissão de Educação da Prefeitura de São Paulo, foi colocada uma sinalização, no “Espaço para Abortar”, de classificação indicativa para maiores de 18 anos. O grupo Mujeres Creando contestou essa iniciativa, acrescentando que a censura se faz eficaz porque atinge a maioria do público da exposição que vem do setor educativo. Em resposta oficial do superintendente da Bienal Rodolfo Walder Viana, é publicada online, pelo site do Mujeres Creando, a seguinte afirmação:

A classificação indicativa, uma lei do País, não proíbe nem impede a exibição da obra. Contudo os avisos envolvendo recomendação de idade são obrigatórios de acordo com as normas brasileiras, conforme o Sistema de Classificação Indicativa, órgão vinculado ao Ministério da Justiça. Portanto, neste caso, a Fundação Bienal apenas segue as regras vigentes no Brasil.<sup>51</sup>

<sup>50</sup> Mais informações podem ser encontradas em reportagens. Alguns links disponíveis: <<https://noticiasanarquistas.noblogs.org/post/2014/10/17/mujeres-creando-estao-sendo-censuradas-na-bienal-de-arte-de-sao-paulo/>>; <<http://www.mujerescreando.org/pag/activiades/2014/1409-bienalSaoPaulo/articulo141017-censura.html>>. Links acessados em 10/02/2016.

Um comunicado convocatório da organização Mujeres Creando, frente à proibição, provocou reações diversas e recebeu o apoio de vários grupos brasileiros como a Agência de Notícias Anarquistas (ANA), Grupo Contrafilé, O Beijo, Frente Nacional Pela Legalização do Aborto, Mídia Ninja e outros, que comentaram e compartilharam o comunicado citado abaixo:

#### **Censura na Bienal de arte de São Paulo**

Como todas sabem, as Mujeres Creando têm uma instalação na Bienal de Arte de São Paulo chamada Espaço para Abortar. Se trata de um círculo onde foram instalados 6 úteros, uma virilha central e duas telas de televisão. Nos úteros foram colocados áudios com relatos na primeira pessoa de mulheres que fizeram aborto no Brasil.

As televisões exibem uma marcha de mulheres na Bolívia feita com a mesma estrutura que está na instalação, onde cada mulher conta suas próprias experiências de abortos. Os vídeos contêm legendas em português e inglês.

A linguagem utilizada é simples e direta, a obra está localizada na entrada da Bienal e tinha conseguido reunir diariamente centenas de jovens e crianças que entravam e saíam dos úteros, interagindo com o espaço como elas interagem com um espaço festivo cheio de luz, aconchegante e envolvente.

Por pressões e razões que desconhecemos de onde vieram, há alguns dias uma Comissão de Avaliação tem exigido colocar na frente da obra um pedestal que indica que se trata de uma obra para maiores de 18 anos. Esta censura está disfarçada de um suposto argumento pedagógico que não existe, pois isso se trata de uma obra que foi criada justamente pensando num público massivo infantil e juvenil que visita a Bienal. Isso é um ato de censura, que impede que durante as visitas as escolas utilizem a obra. Queremos pedir a todas as organizações de mulheres que participaram da marcha na abertura da Bienal, que ofereceram seus próprios relatos, que desafiem os critérios pedagógicos deste ato de censura. Queremos que se exija que se retire esta sinalização da obra Espaço para Abortar que foi pensada para um público grande. @s jovens, as meninas e meninos têm o direito de ouvir as condições em que uma mulher realiza um aborto no Brasil, uma vez que muitos desses relatos são feitos justamente por mulheres menores de idade, idade em que uma experiência de aborto é uma questão existencial fundamental.

Las cartas de protesta contra esta censura y la solicitud de retiro del letrero que prohíbe a menores de 18 años visitar la obra deben ser dirigidas a:

Rodolfo Walder Viana, Superintendente Bienal São Paulo al correo electrónico:rodolfo.viana@bienal.org.br

Con copia al equipo curatorial que siempre fue un solido aliado de todo el trabajo:

Pablo Lafuente con correo electrónico: Pablo Lafuentepablo@specv.com

Y Nuria Enguita Mayo:nuriaenguita@gmail.com”<sup>52</sup>

É curioso pensar a polêmica frente à proposta desta Bienal, intitulada "Como falar de coisas que não existem". É publicada, no jornal Huffpost Brasil, a seguinte descrição:

os 250 trabalhos buscam lançar um olhar crítico sobre urgências políticas, sociais e econômicas do mundo atual, e “analisar diversas maneiras de gerar conflito”, de acordo com material de divulgação. “Por isso muitos dos projetos têm em suas bases

<sup>51</sup> Disponível em: <<https://www.mujerescreando.org/pag/activiades/2014/1409-bienalSaoPaulo/prensa-141023-obeijo.html>>. Acesso em 12/03/2015.

<sup>52</sup> Disponível em: <<https://www.mujerescreando.org/pag/activiades/2014/1409-bienalSaoPaulo/articulo141017-censura.html>>. Acesso em 10/05/2015.

relações e confrontos não resolvidos: entre grupos diferentes, entre versões contraditórias da mesma história ou entre ideais incompatíveis”.<sup>53</sup>

Entende-se que os temas seriam de natureza conflituosa, porém necessários e urgentes. Ao restringir o público visitante da instalação do grupo Mujeres Creando, a proibição estabeleceu uma censura não só em relação à temática, que segundo o grupo foi pensada para jovens, muitas menores de idade que também estão sujeitas a violações e praticam abortos, mas também em relação ao próprio conflito gerado pela instalação frente aos modos de vida inseridos em uma cultura heteronormativa e patriarcal. Interpelar e impactar pessoas para o tema do aborto e a demanda de despenalização da prática, sem restrição de idade, era o cerne da abordagem do coletivo que, por fim, entrou em conflito com a própria organização do evento.

No jornal “La Malhablada”, publicado de forma independente pelo movimento Mujeres Creando, número 23 de 2014, Patricia Flores Palacios, mostra, em matéria “13 horas de rebelión. El precio de la provocación”, que por meio da provocação frente à despenalização do aborto as estruturas patriarcais são afetadas, bem como as subjetividades heteronormativas sociais e a arte convencional. Nesse sentido, a censura coloca ainda mais em foco a validade e transcendência da obra, como afirma a autora, que ainda assim contava com bastante público e uma manifestação de vários outros artistas para que fosse retirada a proibição de menores de idade. Ela complementa dizendo:

la obra de Mujeres Creando ha permitido que desde el arte se amplifiquen una serie de cuestionamientos sobre las condiciones por las que miles de mujeres de Brasil y América Latina se ven obligadas a realizarse abortos en condiciones precarias y exponiendo sus vidas (...). ‘Úteros Ilegales’ es un espejo de profundos cuestionamientos existenciales, de controversia, que desgarrar el alma y el cuerpo, traducidos en una instalación. (CREANDO, 2014, p. 10)

Na mesma Bienal, ocorreu outra polêmica. María Galindo e Esther Argollo, em nome do coletivo Mujeres Creando, assinaram junto com outros 54 artistas, uma carta de repúdio ao apoio financeiro dado pelo governo de Israel para a realização do evento<sup>54</sup>. Nesta carta, eles ameaçavam abandonar a Bienal, caso o apoio não fosse recusado e a logomarca do governo de Israel retirada do material de divulgação da exposição. A iniciativa era uma demonstração de solidariedade aos palestinos e contra a atuação de Israel na faixa de Gaza. A

<sup>53</sup> Disponível em <[https://www.huffpostbrasil.com/2014/09/06/polemicas-dao-o-tom-a-31-bienal-de-sao-paulo-inaugurada-hoje\\_a\\_21678564/](https://www.huffpostbrasil.com/2014/09/06/polemicas-dao-o-tom-a-31-bienal-de-sao-paulo-inaugurada-hoje_a_21678564/)>. Acesso em 20/12/2014.

<sup>54</sup> Mais informações disponíveis em: <[https://www.huffpostbrasil.com/2014/09/06/polemicas-dao-o-tom-a-31-bienal-de-sao-paulo-inaugurada-hoje\\_a\\_21678564/](https://www.huffpostbrasil.com/2014/09/06/polemicas-dao-o-tom-a-31-bienal-de-sao-paulo-inaugurada-hoje_a_21678564/)>; < <https://www.brasildefato.com.br/node/29688/> >. Links acessados em 26/10/2018.

demanda foi atendida pelos organizadores da Bienal, dissociando os artistas do apoio financeiro oferecido por Israel. Acerca deste imbróglio, quando questionada sobre o diálogo com instituições ou partes que são adversas às ações do grupo, María Galindo, em uma entrevista concedida ao site xereca.org, respondeu:

Olha, nós não temos uma visão maniqueísta de onde qualificamos o de fora como limpo e válido e toda instituição como podre. Cremos que temos que estar com nosso próprio discurso e com suas próprias condições em todos os lugares, seja na rua, até na televisão, passando por um cenário como a Bienal de Arte de São Paulo. Não se trata de se submeter à instituição, não se trata de absorver seus códigos, quase sem diálogo. Se trata de tornar a instituição como qualquer outro espaço possível e se instalar ali com a mesma lógica de invasão, como a qual em que o mendigo se instala na porta de uma igreja. Logo creio que as próprias instituições têm muitíssimas contradições e que temos que aproveitar. A arte, a universidade, o estado, estão em crise, não se trata de ser uma catarse para sua crise, mas sim de aproveitar esses espaços de crise para expandir ideias propostas, desacatos, desobediências. Há pouco tempo o vice-presidente da Bolívia me chamou para uma entrevista. Eu repudio sua política e poderia ter dito que não, ao invés disso, decidi ir de encontro ao diálogo com ele, mas sem me auto censurar, sem nenhum tipo de reverência grave ao encontro e foi uma bomba até hoje.<sup>55</sup>

### Cenas que dialogam

Em dezembro de 2015 estive presente em uma exibição do filme "13 Horas de Rebelión", dirigido por María Galindo, com produção de Mujeres Creando, na Universidade Diego Portales em Santiago do Chile. E revi o filme em 2016 na Casa do Povo em São Paulo, organizado pela P.A.C.A. - Programa de Ações Culturais Autônomas<sup>56</sup>. Em ambas as ocasiões, houve, também, lançamentos de livros e debates.

*Figura 2: Cartaz do filme "13 Horas de Rebelión"*



Fonte: mujerescreando.org

<sup>55</sup> Disponível em: <<https://www.mujerescreando.org/pag/activiades/2014/1409-bienalSaoPaulo/prensa/141016-xereca.html>>. Acesso em: 13/01/2018.

<sup>56</sup> Entrevista realizada com María Galindo naquela ocasião, disponível em <<http://www.revistadr.com.br/posts/maria-galindo>>. Acesso em 01/03/2016.

O filme "13 Horas de Rebelión" reúne seis curtas-metragens documentais e de ficção; tem 73 minutos de duração; Direção de Maria Galindo; Produção do coletivo Mujeres Creando; Som de Pamela Pacheco; Composição musical de Maria Galindo; Música de Adriana Aramayo e câmera e edição de Rafael Venegas.

Um dos curtas é intitulado "Úteros Ilegales" e trata do aborto, como muitas outras ações e materiais produzidos pelo grupo. Este mesmo curta foi exibido como parte da exposição "Espaço para Abortar" da Bienal de São Paulo. Assim como a exposição, o curta trazia as vozes de mulheres que falaram do assunto em primeira pessoa. Era também um registro do ato realizado nas ruas de La Paz, semelhante à marcha da Bienal. O curta, bem como todo o filme, é defendido por María Galindo como uma produção artística pensada como tal, com direção, edição e fotografia trabalhados para que o resultado final seja um trabalho poético de imagem, diferente de um mero registro linear de uma performance. Essa foi uma crítica presente em debate após a exibição da obra, a qual ela respondeu defendendo a maior complexidade do trabalho.

Os filmes e vídeos são objetos culturais de grande importância para a propagação de ideias do grupo, exibidos em diversos países e, posteriormente, disponibilizados nos meios virtuais para amplo acesso. Um dos aspectos mais importantes de "13 Horas de Rebelión" é a tomada da palavra em primeira pessoa, como costuma ressaltar María Galindo nos debates acerca da produção audiovisual. A palavra em primeira pessoa é uma posição política, não necessariamente um testemunho, mas que as vozes que estão silenciadas nesta rebelião possam falar em lugar das estatísticas, do governo, da ONU, ou de outras fontes. E ela reafirma que o aborto precisa ser contado pelas próprias mulheres.

Por ser um tema multifacetado, em que se entrelaçam diversos problemas enfrentados diariamente por milhares de mulheres, como a violência, a intervenção religiosa e estatal, dentre outros, e silenciado em nossa sociedade, o Mujeres Creando produziu um material, escrito por Julieta Ojeda Marguay e Zulema Quispe Paredes, intitulado: "Ni el útero abierto, ni la boca cerrada. El aborto y su despenalización – Respuestas" (2014). Trata-se de uma espécie de manual prático e teórico que serve às mulheres, incluindo as das culturas originárias, já que o manual foi pensado também para abarcar categorias indígenas. É um apelo ao autocuidado e a liberdade das mulheres em tomar suas próprias decisões. Somente apresentarei o material, não cabendo neste texto um debate mais profundo sobre o tema, ainda que reconheça sua grande importância.

O conhecimento sobre o aborto é hoje silenciado e a prática criminalizada em muitos países. As autoras argumentam que ao contrário de ser uma penalização de proteção à

vida, é antes uma forma de controle do corpo das mulheres. Vivemos em um mundo em que não nos cabe a soberania sobre nossos corpos, afirmam. Atualmente, a prática abortiva é um procedimento de pouca complicação médica, mas ainda tira muitas vidas. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde, a maioria dos abortos inseguros ocorrem na África, Ásia e América Latina, em países em desenvolvimento, e ultrapassam 25 milhões por ano no mundo<sup>57</sup>.

O grupo Mujeres Creando vem assessorando mulheres em abortos ilegais seguros já há 20 anos, bem como compartilhando as informações. Além disso, o referenciado manual, apresenta questionamentos, contextualizações sobre o tema e um guia sobre as formas de abortar, em que períodos, quais os métodos, as precauções a serem tomadas, as contraindicações e riscos que se corre. Também conta falas de mulheres que já o fizeram. A escuta da outra é valiosa, já que por se tratar de um tema clandestino vivemos silenciadas ou sussurrando. Segundo as autoras, podemos ter certeza de que se não nós mesmas, alguém a nossa volta já passou por esse caminho, já praticou um ou mais abortos.

O argumento político do grupo Mujeres Creando, parte importante de sua proposta de despenalização do aborto, é a diferença entre esta e a legalização. São dois termos jurídicos que são confundidos na mídia e nos espaços de poder. Elas descrevem sua proposta e a diferença entre os termos da seguinte forma:

Nosotras planteamos la despenalización del aborto y no la legalización. Legalizar el aborto significa que el Estado establece las normas legales sobre el cuerpo de quien aborta, por ejemplo disponer a qué edad, en que lugares. El debate se instalaría entre los poderes de Estado – Ejecutivo, Legislativo y Judicial –, las iglesias, los colegios médicos y otros, y no así entre las mujeres, que somos quienes tenemos que debatirlo (...). Así se concede a las instituciones patriarcales nuestro derecho soberano a decidir sobre nuestros propios cuerpos. Despenalizar el aborto significa que la ley no se ocupa de la cuestión del aborto y que el Estado no tiene ningún papel activo, salvo garantizar que sea tratado como un asunto de salud de las mujeres y de salud pública (...). Despenalizar el aborto significa mujeres plenas y la maternidad como un acto de libertad y no como una imposición cultural (...). Despenalizar el aborto es descolonizar nuestros cuerpos y restituir a las mujeres el derecho a decidir. (CREANDO, 2005, p. 74-76).

O tema do aborto e as diversas frentes de ação que empreende o movimento Mujeres Creando, é uma expressão do seu compromisso com o feminismo autônomo, com as práticas de descolonização e despatriarcalização e, especialmente, com as mulheres e a política concreta engendrada no cotidiano. Aproveito para ressaltar que várias dessas práticas têm sido tratadas

<sup>57</sup> Disponível em: <<http://www.who.int/en/news-room/detail/28-09-2017-worldwide-an-estimated-25-million-unsafe-abortion-occur-each-year>>. Acesso em 23/10/2017.

de forma continuada, o que escapa à minha descrição localizada no tempo. O tema do aborto, por exemplo, tem gerado recentemente bastante debate, até mesmo nas redes sociais e na rádio Deseo, e ações do movimento que não pude acompanhar em meu trabalho de campo.



## Conclusão

*Para Bruna, esperando que este grito resuene en tu corazón y explote en tus entrañas inundandolas de alegría, María<sup>58</sup>.*

Este trabalho trata de alianças. Alianças “insólitas” entre mulheres. Claudia me disse uma vez que *Ayni*, em língua Aymara, significa devolver. O princípio da reciprocidade adquire vários sentidos nesta narrativa. Uma conclusão é um ato de devolver. Fazer retornar ao leitor as questões que permearam o texto e a vivência da autora, e que vão para além deles.

Logo de início procurei levar o leitor ao cenário de La Paz, uma arena de intensos e frequentes conflitos e alianças. Em seguida, situá-lo sobre minha relação com o trabalho e meu lugar de fala. Elegi a experiência como forma de pensar a construção do conhecimento, sem deixar de problematizar a relevância de sua historicidade, de modo que não está em disputa uma única verdade, mas sim uma multiplicidade de vozes.

O *Mujeres Creando* surge em 1992, em resposta a uma questão existencial e também a um contexto de transformações políticas que deflagrou uma série de incoerências de uma sociedade pós-colonial que perpetua uma série de opressões e, por outro lado, uma diversidade de alianças potentes, não estatais e novas. O movimento está inserido dentro de uma construção identitária heterogênea e que se vale de um resgate histórico para recriar seu mundo e legitimar suas práticas, do mesmo modo que a prática fundamenta sua palavra.

Para além do caráter identitário, existe o compromisso com o feminismo autônomo, pautado na vida cotidiana e na política dita concreta. Feminismo que propõe uma utopia de transformação social sem mediações institucionais e que partindo da vida cotidiana das pessoas comuns articula a política como prática transformadora da sociedade. É dizer: “concebir que las ideas, afectos y alianzas que nos movilizan y que subvierten el sistema son un valioso tesoro cocinado en las entrañas mismas de las luchas que vivimos en primera persona” (*Creando*, 2005: 141).

Para entender este feminismo autônomo é necessário entender que, apesar de não tomar para si os espaços de poder institucional, ele não acontece isoladamente. Ele é costurado em um tecido de solidariedades locais e travessias transnacionais. Vimos que na constituição do *Mujeres Creando*, houve não só a reunião entre as integrantes, mas também, o diálogo com a sociedade nos espaços públicos, a dissidência dos partidos de esquerda e dos discursos

<sup>58</sup> Dedicatória de María Galindo na orelha do livro *Mujeres Grafiteando* (*Creando*, 2009), que levei comigo quando nos encontramos no Chile em um debate sobre o filme do *Mujeres Creando*, *13 Horas de Rebelión*.

institucionais, a formação na Europa, os encontros com os feminismos latino-americanos e caribenhos, bem como outros diálogos com exposições em espaços internacionais e cooperação com outros setores e movimentos sociais.

No saldo de trocas feitas pelo coletivo, ele sustenta que não perde sua capacidade de interpelação direta das pessoas e a voz própria que é sempre ancorada nas histórias de vida que compõem o grupo. Fiz uma aproximação de uma perspectiva dos estudos subalternos ou descoloniais para entender de que forma o movimento, ao reinventar a linguagem e se apropriar da palavra, recria a própria história como sujeito na produção de conhecimento, transgredindo a legitimidade e autoridade dos “centros” intelectuais dos ditos países do Norte, onde se construiu a historiografia ocidental que suprimiu a agência dos ditos subalternos. No momento em que as identidades subalternas correm perigo, o Mujeres Creando se agarra ao elemento vital de sua luta que são as próprias mulheres.

La homogeneización a rajatabla que pretende la cultura liberal de la ciudadanía, tanto como la negación de la propia identidad y el deseo de una igualdad sin matices son, a la luz de estas palabras, un arma de doble filo. Y lo son porque las mujeres, a título de acceder al derecho a la palabra y a la política pueden perder —al igual que los indios— el derecho a una identidad diferenciada y diversa de la norma dominante, convirtiéndose en meros peones en el tablero de ajedrez occidental. Los derechos y utopías expresados en el testimonio de doña Petronila, como producto de una historia condensada en su propia vida, expresan en cambio, con toda claridad, una visión más digna y respetuosa de la convivencia humana, en la que todas/os podamos por fin “ser como somos”, sin perder nuestra especificidad, pero reencontrando al mismo tiempo la dimensión humana, solidaria y complementaria en la relación hombre-mujer y sociedad-naturaleza. (CUSICANQUI, 2010, p. 199)

O Mujeres Creando elaborou estratégias de luta autônomas para expressar sua identidade feminista e desestabilizar a ordem social, de modo a recriá-la. Essas estratégias incluíram grafites, exposições, intervenções, debates, produções audiovisuais, performances, programas de rádio, dentre outras, que transformaram o grupo em um referencial em contextos bolivianos e latino-americanos.

O Colectivo Situaciones, na obra *La Virgen De Los Deseos* (2005), reconhece um caráter de universalidade no Mujeres Creando, segundo o coletivo é devido à capacidade de responder criticamente aos acontecimentos concretos e reconhecíveis. Afirmam que ao fazer-se no duplo valor, prática e conceito, o MC é capaz de construir um espaço coletivo e democrático de criação e vislumbrar uma Bolívia por vir. O coletivo emenda:

nos trae una interlocución directa que funciona en un plano, digamos “pre” o “sub” nacional, como el de la disposición creativa, la vocación por lo concreto, la inteligencia intuitiva de un feminismo existencial, la reconstitución de una ética

política y la valoración soberana de las situaciones, que casi siempre escasea en el territorio nacional de cada lector (CREANDO, 2005, p. 17).

Vale salientar a contribuição deste grupo para pensar outras realidades, especialmente no contexto da América Latina em que os feminismos têm surgido como alternativa de espaços não centralizados por homens ou pela hegemonia europeia e anglo-saxã.

O MC afirma que a legitimidade do movimento social não é intrínseca. Dentro do feminismo latino-americano, elas qualificam uma aliança nefasta com as ONGs que praticamente aniquilou esse feminismo como expressão de um movimento social. A proposta delas é um feminismo autônomo, que possa atuar sem dever nada ao Estado, aos partidos políticos, às instituições financeiras, às ONGs ou à lugares de poder e de produção de conhecimento alheios ao seu cotidiano. Nesse sentido, elas se consideram um movimento social pelas seguintes alegações:

porque tenemos un lenguaje, tenemos un conjunto de discursos, de propuestas, tenemos una vida cotidiana, hemos creado un tejido de solidaridades amplio, que no se reduce a las cuatro amigas que estamos acá. Nuestro tejido de solidaridades es tan fuerte que casi cualquier mujer puede acogerse a él en el tema de aborto, de desempleo, de corrupción, de violencia y en montones de temas. Es un tejido de solidaridades muy amplio y eso nos constituye en movimiento social. Y además, somos una voz pública, lo que también nos constituye en movimiento social. (CREANDO, 2005, p. 186)

Neste trabalho apresentamos algumas das ações nas ruas, nos espaços públicos e, também, o espaço hoje consolidado da casa-sede. Quando a *Virgen de los Deseos* foi criada o movimento deu um passo, que segundo as integrantes, foi o desejo aberto de que o movimento derivasse em outros, instalasse práticas concretas e que as ideias se projetassem a nível nacional e internacional ganhando potência, conteúdo e que se sustentem por si sós. E não posso deixar de dizer que essa trajetória do movimento é marcada por muita coragem com que as integrantes enfrentaram as iniciativas e desafios no campo da política vital.

A experiência do MC assinala a importância das trajetórias e da tomada da palavra para a construção deste feminismo autônomo mobilizado pelo grupo. Esse aspecto foi levado em conta neste trabalho, que priorizou a experiência de vida e as palavras usadas por elas mesmas em entrevistas, vídeos, livros, ações, conversas e filmes. Por isso, os temas discutidos aqui foram os que passam de alguma forma pelas trajetórias dessas mulheres. Elas ajudam a entender esse tecido de práticas e pensamento, que é vivido pelas mulheres na luta feminista empreendida diariamente.

O movimento se despediu de companheiras durante sua existência. É interessante se perguntar, o que nos escapa, sobre como o movimento existe para além dele mesmo, ou ao menos, suas ideias. Julieta Paredes fundou outra iniciativa política de feminismo comunitário ao separar-se do Mujeres Creando. Claudia Flores, recentemente se afastou para empreender outros voos. Ela sempre dizia que importava sentir as coisas em nossa própria carne e nunca deixar que alguém corte as suas asas. No final de minha estadia na Bolívia, Claudia me disse algo sobre ela que ainda ecoa em mim, e agora eu devolvo neste texto, como o Ayni Aymara: *Mi abuela no sabía escribir pero me enseñó a ser libre*. E como afirma María Galindo, *no hay mejor cita para amar la vida que no sea la de una acción de libertad* (CREANDO, 2005, p. 66).

## Bibliografia

ALVAREZ, S. E.; et al. **Encontrando os feminismos latino-americanos e caribenhos**. Florianópolis: Estudos Feministas, 2003.

ANDRADE, Everaldo de Oliveira. **A Revolução Boliviana**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BARRAGÁN, Rossana. **Espacio urbano y dinámica étnica**. La Paz en el siglo XIX, Hisbol, La Paz, 1990.

BEHAR, Ruth. **Translated woman: Crossing the border with Esperanza's story**. Beacon Press, 2014.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha. Tradução de João Wanderley Geraldi, Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística. Revista Brasileira de Educação, nº 19, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em 05/05/2016.

CARSTEN, Janet. **After Kinship**. New York: Cambridge University Press, 2004.

CHAPLIN, Ann; CRABTREE, John. **Bolivia: Processes of Change**. Zed Books, London, 2013.

CHÁVEZ, L; Patricia M. **Nuestra Lucha Es Tu Lucha. Trayectorias educativas y luchas de mujeres indígenas migrantes de la Universidad Pública de El Alto (2014)**. Alfropri, El Alto, 2014.

COSTA, C. T. **O que é Anarquismo**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

CREANDO, Mujeres. **La Virgen de Los Deseos**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2005.

\_\_\_\_\_ **Mujeres Grafiteando Más**. Ed Mujeres Creando, 2009.

CRIALES, Lucila. **Mujer y conflictos socio-culturales: el caso de las migrantes de Caquiaviri en la ciudad de La Paz**. La Paz, Aruwiwiri, 1994.

CUNHA, Manuela Carneiro. **Cultura com Aspas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Del MNR a Evo Morales: Disyunciones del Estado Colonial**. Bolpress, Dez/2012. Disponível em: <<http://bolpress.com/print.php?Cod=2012123104&p=1>>. Acesso em: 16/07/2013.

CUSICANQUI, Silvia Rivera; Barragán, Rossana. **Debates Post Coloniales: Una Introducción a los Estudios de la Subalternidad**. SEPHIS; Ediciones Aruwiwiri; Editorial Historias: La Paz, 1997.

\_\_\_\_\_. **Oprimidos pero no vencidos: Luchas del campesinado Aymara y Qhechua 1900-1980**. La Paz: Hisbol, 4ed, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ser mujer indígena, chola o birlocha en la Bolivia postcolonial de los 90**. La Paz, MDH-SNAEGG-SAG, 1996.

\_\_\_\_\_. **Violencias (Re)encubiertas en Bolivia**. La Paz: Piedra Rota Editorial, 2010.

CUSICANQUI, Silvia R.; LEHM, Zulema. **Los artesanos libertarios y la ética del trabajo**. La Paz: Ediciones del THOA, 1988.

ESTADO PLURINACIONAL DE BOLÍVIA. **Nuevo Atlas del Estado Plurinacional de Bolívia**. Gráfica Scala, 2015.

ESTÉS, CP, BARCELOS W. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro. Rocco, 1994.

FRETIN, Lucas. **A Letra e O Muro - La Letre et Le Mur** (Français sous-titres).[Filme-vídeo]. Produção e Direção de Lucas Fretin. São Paulo: LISA-USP, 2002. Disponível em: <<https://vimeo.com/59648007>>. Acesso em: 16/07/2013. 33 min. color. son.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Ed. LPM, 2012.

GALINDO, María. **Espejito mágico**. ISBN: 978-99974-53-66-2. Bolívia, 2015.

GALINDO, María. **No Se Puede Descolonizar Sin Despatriarcalizar: Teoría y Propuesta De La Despatriarcalización**. Bolivia: Mujeres Creando, 2013.

GARCIA, L. F. (org.). **Histórias que se cruzam na Kantuta**. VGL Publishing, São Paulo, 2016.

GOLDMAN, Emma. **O indivíduo, a Sociedade e o Estado, e outros Ensaio**s. São Paulo: Ed. Hedra, 2007.

GOLDSTEIN, D. **The Spetacular City: Violence and Performance in Urban Bolivia**, 2004.

GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. **A Bibliografia Libertária: O Anarquismo em Língua Portuguesa**. São Paulo: Ed. Imaginário, 2001.

GONZÁLES, M. N. **Paso a paso. Así lo hicimos: Avances y Desafios en la Participación Política de las Mujeres**. IDEA: La Paz, 2011.

GREWAL, Inderpal. **Transnational America: feminisms, diásporas, neoliberalisms**. Durham: Duke University Press, 2005.

GRONDÍN, Marcelo. **A rebelião camponesa na Bolívia**. Brasiliense, 1984.

GUAZZELLI, Eloar. **Cholitas de mi corazón**. Ed. Gato Preto, São Paulo, 2012.

GUHA, Ranajit (org.). **Subaltern Studies I: Writings on South Asian History & Society**. New Delhi: Oxford University Press India, 1982.

HARAWAY, Donna. **Gênero' para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra**. In: *cadernos pagu* (22) 2004: pp.201-246.

HUGH-JONES, Christine. **From The Milk River: Spatial and Temporal Processes in Northwest Amazonia**. Cambridge University Press, 1979.

KLEIN, Herbert S. **Bolívia, do período pré-incaico à independência**. Brasiliense, 1991.

KOFES, Suely. **Uma trajetória, em narrativas**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

KRUSE, Thomas. **Capítulo IV: La "Guerra del Agua" en Cochabamba, Bolivia: terrenos complejos, convergencias nuevas**. Buenos Aires, 2002.



LINERA, Álvaro García. **A potência plebéia**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

LLOPIS, María. **Maternidades subversivas**. 1ª ed, Navarra: Editorial Txalaparta, 2015.

MAGNANI, José Guilherme C. & TORRES, Lilian de Lucca. **Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: Edusp, 1996.

MAMÁ no me lo dijo. Dirección de María Galindo. Produção de Mujeres Creando. Bolívia: 2003. 1 DVD (48 minutos).

MARONI, Amnéris A. **E por que não? – buscando outras possibilidades interpretativas**. S.P. Ideias e Letras, 2008.

MIÑOSO, Y. E; et al. **Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales em Abya Yala**. UC editorial: Colombia, Universidade del Cauca, 2014.

OVERING, Joanna. Elogio do Cotidiano: A confiança e a arte da vida social em uma comunidade amazônica. **Revista Mana 5, 1999**.

PACHECO, Mario Miranda (org.). **Bolivia en la hora de su modernización**. México: Unam, 1993.

PAREDES, Julieta; Galindo, María. **Sexo, Placer y Sexualidad**. Ed. Mujeres Creando: Bolívia, 1998.

PAREDES, Zulema Quispe; Marguay, Julieta Ojeda. **Ni el útero abierto, ni la boca cerrada: El aborto y su despenalización - Respuestas**. Ed. Mujeres Creando: Bolivia, 2014.

PRUDENCIO, Fernando Campero. **Bolivia en el siglo XX: la formación de la Bolivia contemporánea**. La Paz: Harvard Club de Bolivia, 1999

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escritas de si e invenções da subjetividade**. São Paulo: Ed. Unicamp, 2013.

REVISTA DE DISCUSIÓN FEMINISTA: **MUJER PÚBLICA**. Vol. 6. La Paz: La Vaca Editorial.

RIBEIRO, Marcelo. **La estética del antifascismo: la construcción del poder y su visualización en la revolución barcelonesa del verano de 1936**. Dissertação de Mestrado - Universitat Autònoma de Barcelona: Departament D'Història Moderna I. Barcelona, 2010.

RICOEUR, Paul. **Tiempo y narración**. III: El tiempo narrado. Vol. 3. Siglo XXI, 2003.

\_\_\_\_\_ **La vida: un relato en busca de narrador**. Ágora, papeles de filosofía, 2006.

SARTI, Cynthia. **Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro**. Cadernos Pagu, vol.16, 2001; p. 31-49.

SCOTT, Joan W. **A Invisibilidade da Experiência**. Projeto História 16: São Paulo, fevereiro de 1998, pp.297-325.

SAENZ, J. **Imágenes Paceñas: Lugares y personas de la ciudad**. La Paz, Difusión Ltda., 1980.

STEPHENSON, Marcia. **Gender and Modernity in Andean Bolivia**. Austin: University of Texas Press, 1999.

TEIXEIRA, Rita de Cássia Martins. **Identidades indígenas nos movimentos sociais populares e urbanos da Bolívia**. 137 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

TURNER, Victor W. **The Ritual Process: Structure and Anti-Structure**. London: Routledge & Kegan Paul, 1969.

TURNER, Victor. **Social dramas and stories about them**. Critical inquiry 7.1 (1980): 141-168.

WOODCOCK, George. **História das Idéias e Movimentos Anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

ZIBECHI, Raúl. **Dispersar el poder: los movimientos sociales como poderes antiestatales**. Santiago de Chile: Ediciones Desde Abajo, 2007.

## Anexo I: Imagens e Fragmentos



Grafite de Mujeres Creando. Fotografia: mujerescreando.org

*O Anticredo*

*Creio em mim, mulher que pode decidir. Creio que o céu e a terra foram feitos para ser feliz. Creio no carinho e no desejo, que foram concebidos em mim, por obra e graça do meu direito a decidir e que nasceram em Santa Liberdade, padeceram sob o poder da Igreja, mas não deixei que os crucificassem, muito menos que os sepultassem. Subi aos céus quando escolhi escutar a mim mesma e isso me livrou de todas as culpas. Ninguém pode julgar minhas decisões. Creio em minha forma de vida, não pretendo ser uma santa; creio que a comunhão com os outros, sem mentiras nem dupla moral, pode me levar a uma vida plena pelos séculos dos séculos. Amém. (Paredes, 2015: 56).*



Mural na casa *Virgen de Los Deseos*, 2013. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.





Grafite na calle 20 de octubre, La Paz, 2015. Fotografía: Bruna Rossetti Mendonça



Grafite na calle 20 de octubre, La Paz, 2013. Fotografía: Bruna Rossetti Mendonça.



Sem título, 2013. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça



Sem título, 2013. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça





Sem título, 2013. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.



Sem título, 2013. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.





Virgen de Los Deseos, 2013. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.





Sem título, 2013. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça



Sem título, 2015. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça





Sem título, 2015. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça



Muñeca, na sede do Mujeres Creando, 2015. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça

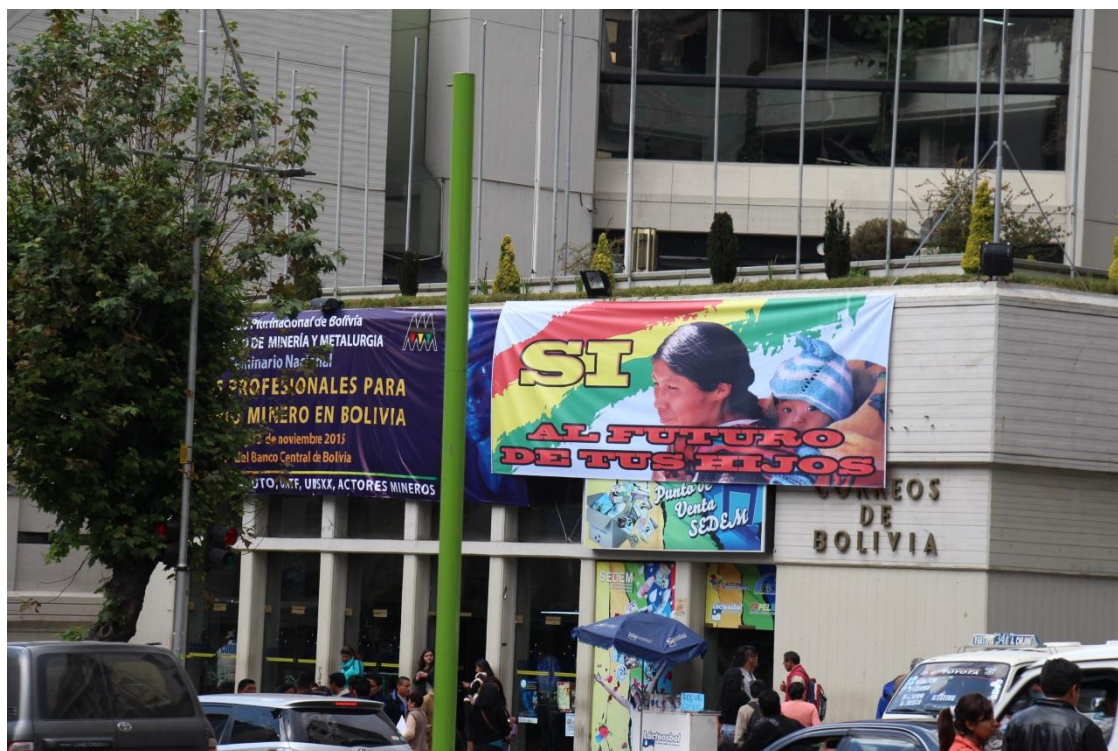


Sem título, 2015. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça



Sem título, 2015. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça





Sem título, La Paz, 2015. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça



Sem título, La Paz, 2015. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.





Sem título, La Paz, 2013. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.



Sem título. La Paz, 2015. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.





Sem título. La Paz, 2015. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.



Sem título. La Paz, 2013. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.





Sem título. La Paz, 2015. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.



Desenho da guardería na Virgen de los Deseos. La Paz, 2015. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.





Sem título. La Paz, 2015. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.



Barraca do Mujeres Creando na feira. La Paz, 2015. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.





Encontro no 1º Congresso de Cultura Comunitária Viva. La Paz, 2013. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.



Sem título. La Paz, 2013. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.



Sem título. La Paz, 2015. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.



María Galindo gravando para a Rádio Deseo. La Paz, 2013. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.





Sem título. La Paz, 2015. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.



Sem título. La Paz, 2013. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.



Sem título. La Paz, 2013. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.



Sem título. La Paz, 2015. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.





Mural no *Café Carcajada*. La Paz, 2013. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.



Sem título. La Paz, 2015. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.





Sem título. La Paz, 2015. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.



Sem título. La Paz, 2015. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.



Sem título. La Paz, 2015. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.

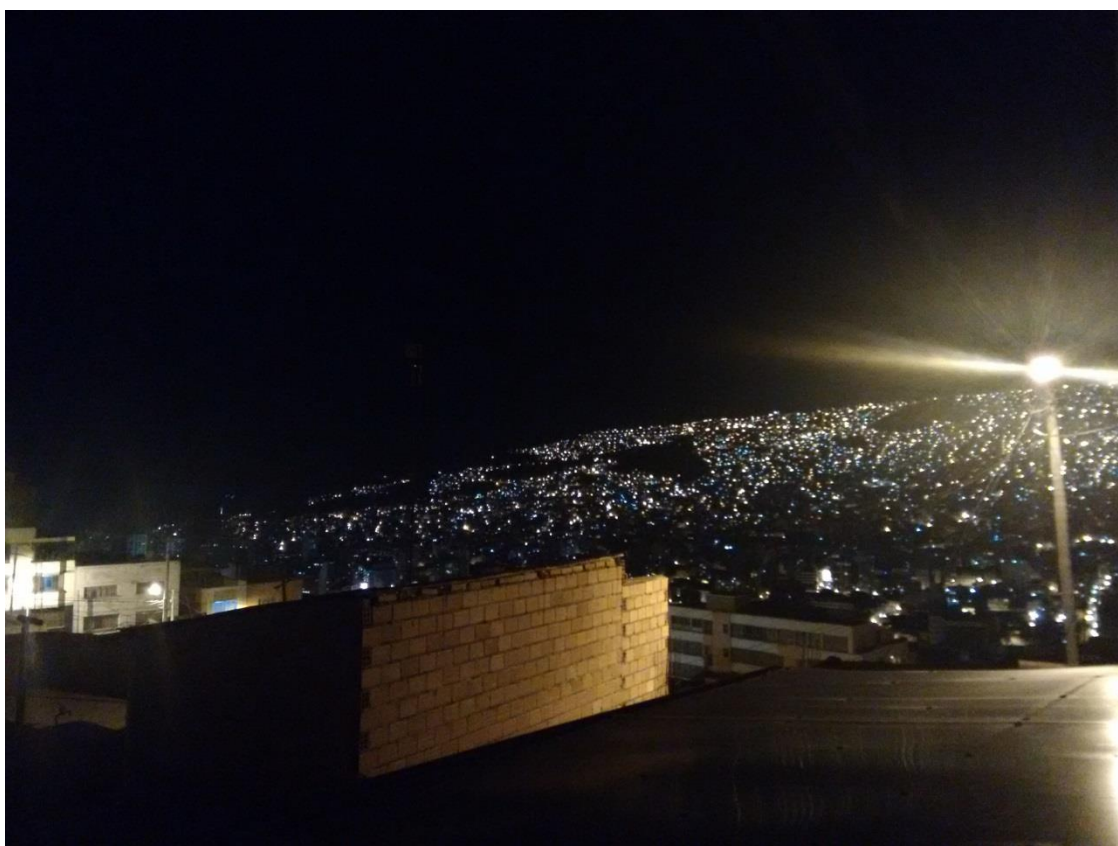


Sem título. La Paz, 2013. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça





Sem título. La Paz, 2015. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça



Sem título. La Paz, 2015. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça



Sem título. La Paz, 2015. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça



Virgen de los Deseos. La Paz, 2015. Fotografia: Bruna Rossetti Mendonça.